UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Gutemberg da Silva Miranda

O movimento dialético do valor: a dialética marxiana n'*O capital*

Toledo, 2020

Gutemberg da Silva Miranda

O movimento dialético do valor: a dialética marxiana n'*O capital*

Trabalho de Tese apresentado ao Curso de Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea
Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Prof. Dr. Jadir Antunes

Toledo, Paraná

2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Miranda, Gutemberg
O Movimento Dialético do Valor : A dialética marxiana n'O Capital / Gutemberg Miranda; orientador(a), Jadir Antunes, 2020.
152 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2020.

1. Marxismo. 2. Dialética. 3. O Capital. 4. Karl Marx. I. Antunes, Jadir. II. Título.

Gutemberg da Silva Miranda

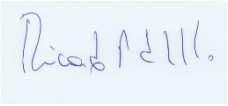
O movimento dialético do valor: a dialética marxiana n'*O capital*

Trabalho de Tese apresentado ao Curso de Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Este exemplar corresponde à sua redação final defendido e aprovado pela banca examinadora em 03/09/2020.

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Jadir Antunes (Orientador)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE



Prof.(a) Dr.(a) Ricardo Pereira de Melo
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof.(a) Dr.(a) Carlos Batista Prado
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof.(a) Dr.(a) Pedro Leão da Costa Neto
Universidade Tuiuti

Prof.(a) Dr.(a) Rosalvo Schütz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA TEXTUAL E DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Gutemberg da Silva Miranda, pós-graduando do PPGFil da Unioeste, Campus de Toledo, declaro que este texto/trabalho final de tese é de minha autoria e não contém plágio, estando claramente indicadas e referenciadas todas as citações diretas e indiretas nele contidas. Estou ciente que o envio de texto/trabalho elaborado por outrem e também o uso de paráfrase e a reprodução conceitual constituem prática ilegal de apropriação intelectual e, como tal, estão sujeitos às penalidades previstas na Universidade e às demais sanções da legislação em vigor.

Toledo, 2020

_____

Assinatura

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos membros da banca pela possibilidade de diálogo acerca da obra de Marx, diálogo profundo e dialético. Aos professores Pedro Leão, Ricardo Pereira, Carlos Prado e Rosalvo Schutz, gostaria de manifestar minha admiração e gratidão. Agradeço o incentivo do meu orientador Prof. Dr. Jadir Antunes, suas aulas e orientações representam elementos fundamentais para este trabalho. Encontrei na UNIOESTE um ambiente filosófico estimulante e plural. As aulas nas disciplinas foram inspiradoras, e o ambiente fraterno entre alunos e professores contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço aos professores e colegas de turma do programa pela recepção e pela convivência fraterna. Guardo excelentes lembranças dos funcionários do departamento de filosofia e de seus gestos de escuta e diálogo.

Agradeço aos meus pais, José Augusto Miranda e Maria José Miranda, pelo incentivo e inspiração que sempre me proporcionaram desde a minha infância. Agradeço ao meu irmão Humberto Miranda e à sua esposa Juliana Andrade pela ajuda e solidariedade nos momentos difíceis.

Agradeço ao compadre Diogo Valença e à comadre Márcia Valença pelos diálogos em torno do marxismo e por incorporarem os ideais de Marx na experiência cotidiana. Que as ideias de Marx possam inspirar as trajetórias de Glória, Diana e das próximas gerações.

Agradeço a amizade e confiança de Antônio José Nunes; através dos diálogos em seu restaurante, pude testemunhar manifestações de solidariedade e acolhimento fraterno.

Ao chegar ao Paraná, tive a imensa alegria de visitar a tríplice fronteira e compreender um pouco acerca da história da América Latina através de Zeno Crocceti, geógrafo e defensor de ideais libertários em nosso continente.

Por fim, durante o doutorado tive a oportunidade de participar de vários congressos do GT Marx e a tradição dialética. Agradeço aos seus participantes pela construção coletiva do saber além dos muros da universidade.

RESUMO

O movimento do valor é dialético e se encontra inserido numa relação de valor. O valor-de-uso, enquanto transporte do valor, ocupa um lugar central na relação de valor e representa o oposto do valor-de-troca. A oposição entre o valor-de-uso e o valor-de-troca demonstra a natureza dialética do valor, desvelando-o enquanto produto de uma relação social e histórica ao mesmo tempo. A teoria do valor exposta n'*O capital* nasceu da crítica de Karl Marx à economia política e representa tanto uma síntese das reflexões filosóficas marxianas quanto o fundamento a partir do qual Marx desenvolverá sua crítica ao capitalismo. O objetivo desse trabalho de tese consiste em demonstrar o conteúdo dialético inerente ao tema do valor tal como Marx o desenvolveu n'*O capital*. A partir de uma concepção circular do valor, pretendemos demonstrar o movimento dialético das categorias marxianas *valor-de-uso*, *valor-de-troca*, *relação de valor*, *corpo do valor* e *forma-valor*. Sem a dialética, não é possível compreender o conceito do valor tal como ele se movimenta no interior da análise marxiana e se relaciona com as categorias dialéticas de *O capital*. O corpo do valor constitui o processo de materialização do valor a partir da oposição entre as formas relativa e equivalente de valor, formas que se transformam em forma-valor suprassumindo a imediatez e os elementos exteriores ao valor. Portanto, o valor é a efetividade da forma-valor, ou seja, a efetividade da relação de valor que não se confunde com a expressão do valor ou com o valor-de-troca. A materialidade do valor consiste em superar as dicotomias das formas e também aquilo que se encontra no exterior da relação de valor. Quando a expressão de valor deixa de representar um elemento exterior e se torna imanente ao valor, podemos vislumbrar o emergir dialético da forma-valor. O veículo material do valor e o conteúdo material do valor transformam-se num movimento capaz de superar a contradição entre forma relativa e equivalente de valor e encontram, na forma-valor, a efetividade do movimento dialético do próprio valor. Desse modo, podemos concluir que o valor é o em si e o para si da relação de valor, o em si e o para si que se manifestam como forma-valor na medida em que a dicotomia entre valor-de-uso e valor-de-troca é suprassumida através da unidade substancial e dialética do valor.

Palavras-chaves: Valor; Teoria do Valor; Karl Marx; Marxismo; Dialética; Capital; Valor-de-uso; Valor-de-troca; Capitalismo.

ABSTRACT

The movement of value is dialectical and is inserted in a value relationship. Use-value, as a transfer of value, occupies a central place in the value relation and represents the opposite of exchange value. The opposition between use-value and exchange value demonstrates the dialectical nature of value, and reveals it as a product of both social and historical relations. The value theory revealed in *Capital* emerged from Karl Marx's political economy critique and represents both a synthesis of Marxian philosophical reflections and the foundation from which Marx will develop his critique of capitalism. The purpose of this thesis work is to demonstrate the dialectical content inherent to the matter of value as Marx developed it in *Capital*. From a circular conception of value, we intend to demonstrate the dialectical movement of the Marxian categories as use-value, exchange value, value relation, body of value and value-form. Without dialectics, it is not possible to understand the concept of value as it moves within the Marxian analysis and is related to the dialectical categories of *Capital*. The body of value consists in the process of creating value between the opposite relative form and equivalent form of value, forms that are transformed into a value-form, sublating immediacy and the elements external to the value. Therefore, value is the effectiveness of the value-form, that is, the effectiveness of the value relation that is not to be confused with the expression of *value* or *exchange value*. The materiality of value consists in overcoming the dichotomy of the forms and also what is found external to the relation of value. When the expression of value ceases to represent an external element and becomes immanent to value, we can glimpse the dialectical emergence of the value-form. The material depository of value and the material content of value transform into a movement capable of overcoming the contradiction between relative form and equivalent form of value and find, in the value-form, the effectiveness of the dialectical movement of value itself. Hence, we can conclude that the value is the *in itself* and the *for itself* of the relation of value. The *in itself* and the *for itself* that manifest as value-form insofar as the dichotomy between use-value and exchange value is sublated through the substantial and dialectical unity of value.

Keywords: Value; Value Theory; Karl Marx; Marxism; Dialectic; Capital; Use-value; Exchange value; capitalism

SUMÁRIO

Introdução 9
1. Necessidade e valor: origem e desenvolvimento da mercadoria 11
1.1 A natureza do valor-de-uso 12
2. A origem social do valor-de-uso 32
3. A tessitura do valor 55
4. A expressão corpórea do valor 75
5. A forma dialética da mercadoria 97
Conclusão 144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 150

Introdução

Nosso trabalho é um estudo pormenorizado e filosófico da Primeira Seção de *O Capital* de Marx chamado de *A Mercadoria*, no qual procuramos mostrar as categorias fundamentais do constituir-se da mercadoria e seu desenvolvimento dialético rumo ao dinheiro e ao capital.

No primeiro capítulo, mostramos que, diante das necessidades humanas, as coisas representam tanto a utilidade capaz de satisfazê-las, através de suas qualidades materiais, quanto as propriedades materiais que compõem a massa inerente à mercadoria. As mercadorias não apenas satisfazem necessidades humanas, elas representam o movimentar-se de formas e matérias, a superação da oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca, tendo em vista a formação do valor. As mercadorias não satisfazem apenas necessidades humanas, elas se movimentam numa relação de valor até que a oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca seja superada. As mercadorias satisfazem necessidades humanas, mas não de qualquer forma, ou seja, elas não satisfazem necessidades de forma imediata, como se, entre elas e tais necessidades, não existisse nenhuma mediação. As determinações de uma mercadoria têm origem nas suas qualidades úteis e também no resultado da relação de valor. Entretanto, as determinações materiais influenciam a relação de valor; logo, as necessidades humanas e a relação de valor dependem da materialidade da mercadoria.

No segundo capítulo, mostramos que um valor-de-uso é um fenômeno material distinto de um valor-de-troca, que não passa de um reflexo desse fenômeno. Na sociedade capitalista, um valor-de-uso não representa apenas o conteúdo material da riqueza em sua forma elementar, mas o transporte material do valor-de-troca, ou seja, a forma elementar da riqueza só pode existir numa relação de valor entre valores-de-uso distintos. A forma elementar da riqueza não deixa de ser a relação simples de valor, haja vista não ser possível haver mercadoria fora dessa relação de valor. A forma elementar da riqueza é a mercadoria como valor-de-uso e não como valor-de-troca, e, enquanto valor-de-uso, o conceito de mercadoria se amplia e torna-se um conceito dialético. O valor-de-uso é uma quantidade determinada, e essa quantidade

pode ser a massa de uma mercadoria ou o corpo de uma mercadoria, conforme Marx distinguiu nas expressões *waren-masse* e *waren-corps*, respectivamente.

No terceiro capítulo, mostramos que a relação do homem com a mercadoria é também a relação do homem com o produto de seu trabalho. O trabalho não é algo exterior à mercadoria, ele representa a materialidade da mercadoria como valor-de-uso. O que torna possível a mercadoria se movimentar enquanto veículo material do valor-de-troca é o trabalho contido no valor-de-uso. Enquanto quantidade determinada, o valor-de-uso é determinado quantitativamente pelas horas de trabalho necessárias para sua produção. A forma elementar da riqueza é também o exemplar médio de uma espécie de mercadoria produzida por uma força de trabalho médio necessária para a produção dessa determinada espécie de mercadoria. A unidade entre as diferentes espécies de mercadoria se dá através da unidade entre valor-de-uso e valor-de-troca, quer dizer, através da forma-valor. O valor-de-uso surge em oposição ao valor-de-troca, mas o que existe entre valor-de-uso e valor-de-troca é uma relação valor.

No quarto capítulo, mostramos que o valor-de-uso torna-se valor-de-uso social, e tal passagem representa a transição entre valor-de-uso e mercadoria. Os múltiplos tipos de trabalho presentes num valor-de-uso social expressam as mudanças do valor-de-uso e sua relação com o trabalho útil. A transformação do valor-de-uso em mercadoria representa também as mudanças inerentes à divisão social do trabalho, aos reflexos dos múltiplos trabalhos presentes numa mercadoria. Porém, tais trabalhos não deixam de ser simples trabalho humano ou dispêndio de força humana de trabalho.

No quinto capítulo, mostramos o conjunto das contradições que constituem o ser-mercadoria em sua totalidade, o desenvolvimento da necessidade da mercadoria transformar-se em dinheiro e este, finalmente, em capital, em valor que se valoriza por si mesmo.

1. Necessidade e valor: origem e desenvolvimento da mercadoria

A utilidade do valor-de-uso de uma mercadoria não pode se desprender de suas propriedades materiais, mas enquanto objeto externo é da natureza da mercadoria satisfazer, através de suas propriedades, necessidades humanas. As coisas se transformam em mercadoria apenas quando são objetos do desejo humano: “A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia.” (MARX, 2008, pág. 57)

O valor-de-uso expressa a utilidade de uma coisa diante das necessidades humanas. Enquanto veículo material do valor-de-troca, as mercadorias circulam na sociedade capitalista na medida em que representam qualidades úteis e quantidades definidas de objetos. A relação entre utilidade das coisas e suas respectivas quantidades pressupõe o caráter das mercadorias enquanto valores-de-uso, conforme Marx nos explica:

> Esse caráter da mercadoria não depende da quantidade de trabalho empregado para obter suas qualidades úteis. Ao se considerarem valores-de-uso[sic], sempre se pressupõem quantidades definidas, como uma dúzia de relógios, um metro de linho, uma tonelada de ferro etc. (MARX, 2008, pág.58)

A utilidade da mercadoria se encontra em relação com suas propriedades materiais, mas também representa algo intimamente ligado às necessidades humanas: “A utilidade de uma coisa faz dela um valor-de-uso. Mas essa utilidade não é algo aéreo. Determinada pelas propriedades materialmente inerentes à mercadoria, só existe através delas.” (MARX, 2008, pág. 58) A utilidade se relaciona com as propriedades materiais das coisas e o que tais propriedades representam diante das necessidades humanas. A utilidade de um valor-de-uso existe em função de sua materialidade e dos aspectos quantitativos concernentes à mercadoria. A distinção entre *worth* e *value* no idioma inglês expressa a complexidade da diferença entre valor-de-uso e valor-de-troca:

> O valor natural de qualquer coisa consiste em sua capacidade de prover as necessidades ou de servir às comodidades da vida humana. (John Locke, 'Some Considerations on the Consequences of the Lowering of Interest", 169, em Works, ed. Londres, 1777, v. II, p. 28.) No século XVII, ainda se encontra com frequência nos escritos ingleses "worth" significando valor-de-uso e "value" valor-de-troca, em conformidade com o espírito de um idioma que sói expressar o fenômeno original, com um termo germânico e, o reflexo, com um termo latino. (MARX, 2008, pág.58)

Uma coisa se transforma em mercadoria quando se torna algo útil e quando é consumida enquanto coisa reconhecidamente útil. As qualidades úteis de uma mercadoria estão ligadas às suas propriedades materiais, que se efetivam como mercadorias enquanto são utilizadas como coisas úteis. As qualidades materiais e as quantidades definidas dos objetos determinam o conteúdo material da riqueza, conforme Marx explica n'*O Capital*. A relação entre a forma elementar e desenvolvida da riqueza permite a definição de valor-de-uso como o conteúdo material da riqueza:

> Os valores-de-uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma material dela. Na forma de sociedade que vamos estudar, os valores-de-uso são, ao mesmo tempo, os veículos materiais do valor-de-troca. (MARX, 2008, pág.58)

O valor-de-uso é tanto o conteúdo material da riqueza quanto o veículo material do valor-de-uso. A troca não pode existir fora do valor-de-uso, e os movimentos do valor-de-troca são delimitados pelo conteúdo material do valor-de-uso. O valor-de-uso se relaciona com a forma material da riqueza seja como conteúdo material, seja enquanto veículo material do valor-de-troca. O conteúdo material da riqueza, o valor-de-uso, é também o veículo material dessa forma material de riqueza, quer dizer, do valor-de-troca.

1.1 A natureza do valor-de-uso

A forma elementar da riqueza é a mercadoria compreendida enquanto um valor-de-uso. A distinção entre mercadoria e valor-de-uso existe em função da relação de valor, e podemos observá-la através do transporte material de valor-de-troca representado pelo valor-de-uso enquanto conteúdo material da riqueza. As coisas úteis se acumulam, formam riquezas, e, por conta disso, surge a necessidade de

mensurá-las, de compreender seus aspectos qualitativos e quantitativos, suas propriedades e o modo como são usadas:

> Constituem fatos históricos a descoberta dos diferentes modos, das diversas maneiras de usar as coisas, e a invenção de medidas, socialmente aceitas, para quantificar as coisas úteis. A variedade dos padrões de medida das mercadorias decorre da natureza diversa dos objetos a medir e também de convenção. (MARX, 2008, pág.57)

As mercadorias passam a desempenhar um papel importante na história e nas formas de organização social. Elas cumprem, enquanto valores-de-uso, um fator determinante não somente na economia, mas na relação do homem com seu meio social, consigo e com a natureza. A partir do valor-de-uso, construímos os meios através dos quais atribuímos valores aos objetos. As mercadorias não representam apenas a fonte do valor-de-troca, mas também do valor. As mercadorias são, ao mesmo tempo, úteis e passíveis de ser mensuradas, tendo em vista a criação do valor. É porque possuem qualidades úteis que as mercadorias são mensuráveis, e graças a tais qualidades temos o fundamento material do valor.

O mundo regido pela riqueza é o mundo em que se acumula mercadoria — portanto, em que se acumula valor-de-uso com suas propriedades e qualidades materiais. Marx define a mercadoria como forma elementar da riqueza e, por isso, ela deve ser considerada isoladamente, enquanto ponto de partida para o estudo da sociedade capitalista e da riqueza que tem por base o acúmulo da mercadoria. Através das mercadorias, a produção capitalista rege a riqueza, tendo como ponto de partida o valor-de-uso ou a forma elementar da mercadoria. O acúmulo da riqueza não deixa de ser a base através da qual mercadoria e valor-de-uso entram em relação e chegam até mesmo a se confundir no interior da sociedade capitalista. A mercadoria não deixa de ser a forma elementar do próprio valor-de-uso, ou seja, a mercadoria representa a fonte elementar da riqueza e do valor-de-uso. Diferentemente de uma mercadoria, o valor-de-uso representa uma quantidade específica de mercadoria:

> A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em “imensa acumulação de mercadorias”, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza. Por isso, nossa investigação começa com a análise da mercadoria. (MARX, 2008, pág.57)

A análise da mercadoria é o começo da análise do sistema capitalista e do acúmulo da riqueza porque a mercadoria é a forma elementar, o objeto através do

qual a sociedade lida com suas necessidades ou fantasias. O consumo representa a proximidade com a forma elementar da mercadoria, enquanto os meios de produção expressam a evolução da mercadoria sob a forma de valor-de-uso:

> A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenha do estômago ou da fantasia. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção. (MARX, 2008, pág.57)

Não somente os objetos, mas também os meios de produção satisfazem as necessidades humanas até estabelecer o acúmulo da mercadoria como o motor da riqueza que rege o sistema capitalista de produção.[1] Dessa forma, a análise da forma elementar da riqueza, da mercadoria, corresponde a uma reflexão acerca de objetos externos que se transformam em valor-de-uso na medida em que correspondem às necessidades humanas e ingressam numa relação de valor. Na perspectiva de Marx, o modo de usar as coisas é histórico, assim como a medida que estabelecerá o valor das coisas. A medida que quantificará as coisas caminha ao lado do desenvolvimento das necessidades humanas e da utilidade das coisas em cada época histórica. O desenvolvimento da mensuração das coisas abre caminho para o valor, e o valor-de-uso surge dessa necessidade de um suporte material para o valor-de-troca, quer dizer, para o sistema baseado na mensuração de objetos distintos quantitativa e qualitativamente.

Quando Marx fala no início d'*O Capital* acerca da mercadoria como forma elementar da riqueza, ele situa esse ponto de partida como uma necessidade de compreender um período histórico em que a riqueza rege o conjunto das relações

---

[1] No texto original alemão, Marx associa os meios de subsistência aos objetos de fruição. Isso fica evidente na tradução de Rubens Enderle pela Editora Boitempo: "A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [*lebensmittel*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção." (MARX, 2008, p.57) A satisfação direta das necessidades humanas pode ser a satisfação como meio de subsistência ou objeto da fruição, ambas satisfações correspondendo a uma necessidade direta das necessidades humanas, conforme fica claro no texto original de *O Capital*: "Die ware ist zunächst ein äußrer Gegenstand, ein Ding, das durch seine Eingneschaften menschliche Bedürfnisse irgendeiner Art befriedigt. Die Natur dieser Bedürfinisse, ob sie z.B. dem magen oder der Phantasie entspringen, ändert nichts na der Sache. Es handelt sich hier auch nicht darum, wie die Sache das menschliche Bedürfnis befriedigt, ob unmittelbar als Lebensmittel, d.h. als Gegenstand des genusses, oder auf einem Umweg, als Produktionsmittel." (MARX, 2009, pág.57)

sociais. O desenvolvimento da riqueza no mundo não deixa de ter relação com a forma elementar da riqueza. A forma elementar da riqueza não deixa de subsistir enquanto fundamento da riqueza mesmo a despeito dos avanços nos processos sociais e produtivos de acumulação. Nesse sentido, Marx ensina que apenas a sociedade moderna conseguiu compreender a lógica do valor em sua forma mais elementar, através do desenvolvimento da ideologia da igualdade entre os homens.[2] A ideologia da igualdade entre os homens reproduz a necessidade de igualdade entre mercadorias distintas, ou seja, não passa de uma igualdade formal e abstrata.

As necessidades humanas e os meios de produção determinam o lugar das mercadorias no sistema produtivo, mas para isso são necessários padrões de medidas e de mensuração do valor capazes de mediar a relação entre as necessidades e os meios de produção, entre a mercadoria e a riqueza. Qualidade e quantidade de valores-de-uso entram em relação por meio do valor, síntese entre valor-de-uso e valor-de-troca. A riqueza não pode ser abstraída da forma elementar da riqueza, forma capaz de gerar valor através da materialidade do valor-de-uso e da própria relação de valor. A quantificação da forma elementar da riqueza contribui para o próprio desenvolvimento da riqueza e multiplicação dos valores-de-uso através de relações de troca e meios de produção: “Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção.” (MARX, 2008, pág.57) Os meios de produção satisfazem necessidades humanas porque estão relacionados ao desenvolvimento do valor nas sociedades em que foram construídos.

O valor-de-uso expressa uma necessidade humana e não apenas uma quantidade determinada em função da troca. Ele satisfaz tais necessidades enquanto um objeto ou meio de produção, mas é enquanto quantidade determinada que o valor-de-uso ingressa numa relação de valor. O importante é que Marx deixa bem claro o papel das necessidades humanas no desenvolvimento da mercadoria, conforme a nota de rodapé em que ele cita a obra de Nicolas Barbon, *A discourse on coining the*

[2] Marx afirma que Aristóteles não conseguiu seguir adiante na teoria do valor por conta do sistema escravocrata em que a sociedade grega estava imersa. Segundo Aristóteles, a divisão de classe representava uma necessidade humana: “Esta necessidade de dividir o estado em classes diversas, segundo a variedade das funções, e de separar os homens de guerra dos lavradores não é uma invenção de hoje, nem um segredo recém-descoberto pelos filósofos que se ocupam de política. Tais distinção foi introduzida no Egito pelas leis de Sesóstris e em Creta pelas de Minos. Elas ainda subsistem atualmente nestes lugares.” (ARISTÓTELES, 2016, pág.100)

new Money lighter. In answer to Mr. Locke's considerations. Ao comentar a comparação entre a propriedade do imã de atrair ferro e o valor-de-uso, Marx afirma numa nota de rodapé: "A propriedade do imã só se tornou útil depois de se descobrir, por meio dela, a polaridade magnética." (MARX, 2008, pág.57) Que os valores-de-uso representam qualidades e não apenas quantidades é algo que precisa ser sempre lembrado diante da centralidade quantificadora do sistema capitalista de produção. Os valores-de-uso expressam mais as necessidades humanas do que as necessidades do valor, e sua materialidade não consiste apenas naquilo que ele representa enquanto quantidade.

As determinações sociais que recaem sobre uma mercadoria, bem como suas propriedades, fazem com que ela não se torne algo aéreo. A mercadoria não é algo aéreo porque está situada historicamente, porque, embora exista como objeto externo, ela possui propriedades materiais quantificáveis. A mercadoria não é algo aéreo porque expressa uma necessidade humana e uma qualidade objetiva enquanto objeto. A expressão valor-de-uso expressa o aspecto útil da coisa e desvela a forma elementar da riqueza através de seus múltiplos aspectos. Além de coisa útil, a mercadoria é a base da relação de valor na medida em que ela é compreendida enquanto um valor-de-uso ou suporte material do valor-de-troca. Por um lado, a mercadoria é um bem; por outro, ela é um objeto material e produto do trabalho necessário para sua produção: "A própria mercadoria, como ferro, trigo, diamante etc., é, por isso, um valor-de-uso, um bem. Esse caráter da mercadoria não depende da quantidade de trabalho empregado para obter suas qualidades úteis." (MARX, 2008, pág.58)

Não basta ser mercadoria, é preciso ser um valor-de-uso para que haja relação de valor. Diferentemente de uma mercadoria, o valor-de-uso é o transporte material do valor-de-troca, ele existe em função da relação de valor. A mercadoria torna-se um bem, um valor-de-uso. Independentemente da quantidade de trabalho empregada para a produção de uma mercadoria, um bem ou um valor-de-uso possui qualidades úteis através das quais é possível distinguir as mercadorias a partir do que representam enquanto coisas úteis. É a qualidade útil e não a quantidade de trabalho que permite que as coisas se distingam entre si e ingressem numa relação de valor.

O quantificar das coisas numa relação de valor estabelece a necessidade de compreendermos as mercadorias como um bem ou valor-de-uso. Quanto mais a riqueza se desenvolve através de sua forma elementar, a quantificação dos valores-de-uso numa relação de valor torna-se uma necessidade econômica e social. Tal processo de quantificação das mercadorias através da relação de valor passa a determinar o conjunto das relações sociais regidas pela riqueza no interior da sociedade capitalista. A distinção entre um bem e uma mercadoria, entre objetos e meio de produção representa um primeiro passo para uma análise abstrata do valor. A partir disso, Marx questionará o caráter do valor-de-troca diante do valor-de-uso, ao problematizar acerca da possibilidade de um valor-de-troca imanente à mercadoria:

> O valor-de-troca revela-se, de início, na relação quantitativa entre valores-de-uso de espécies diferentes, na proporção em que se trocam, relação que muda constantemente no tempo e no espaço. Por isso, o valor-de-troca parece algo casual e puramente relativo, e, portanto, uma contradição em termos, um valor-de-troca inerente, imanente à mercadoria. (MARX, 2008, pág.58)

O valor-de-troca traz consigo a necessidade da explicação de sua existência, na medida em que ele não possui os aspectos materiais de um valor-de-uso, ou seja, na medida em que ele se distingue de um valor-de-uso com sua corporalidade material. Não existe valor-de-troca distante da relação de valor e, por conta disso, as contradições do valor-de-troca precisam ser analisadas no contexto da relação simples do valor e não a partir de sua manifestação fenomênica e aparente, enquanto fenômeno social contraditório. Valor-de-troca e valor-de-uso estão mais ligados do que a mera aparência através da qual essa relação tende a se manifestar contraditoriamente. A aparente contradição entre valor-de-uso e valor-de-troca só pode ser desmistificada através de uma racionalidade dialética capaz de enxergar criticamente o real e o abstrato.[3]

Não se trata apenas de uma relação quantitativa a que existe entre valor-de-uso e valor-de-troca, mas de uma relação entre bens e valores-de-troca, entre

[3] A obra de Herbert Marcuse representa um esforço em explicitar as consequências da unidade entre a lógica dialética e a história conforme anunciada por Marx. Segundo Marcuse: “Quando o conteúdo histórico entra no conceito dialético e determina metodologicamente seu desenvolvimento e função, o pensamento dialético alcança a concretude que liga a estrutura do pensamento à da realidade. A verdade lógica se torna a verdade histórica. A tensão ontológica entre essência e aparência, entre ser e dever, se torna uma tensão histórica e a negatividade interna do mundo objetivo é entendida como a obra do sujeito histórico – o homem em sua luta com a natureza e a sociedade. A Razão se torna Razão Histórica.” (MARCUSE, 2015, pág.150)

quantidade e qualidade inerente aos objetos envolvidos numa relação de valor. A oposição entre valor-de-troca e mercadoria corresponde à oposição entre valor-de-troca e um bem, entre valor-de-uso e valor-de-troca. Valores-de-uso diferentes podem possuir valores-de-troca distintos, e a partir dessa diferença é possível compreender de outra forma a oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca, oposição que diz respeito aos aspectos materiais dos valores-de-uso envolvidos numa relação de valor entre mercadorias diferentes. Apenas a relação de valor pode suprassumir as diferenças quantitativas e qualitativas inerentes aos valores-de-uso e aos valores-de-troca.

O valor-de-troca é uma realidade histórica e sua origem ajuda a explicar aspectos mais amplos da riqueza e da própria relação de valor que não existiria sem o valor-de-troca. Essa aparente relatividade do valor-de-troca é investigada por Marx de forma dialética, observando por trás da aparência relações mais concretas e substanciais: "Qualquer mercadoria se troca por outras, nas mais diversas proporções, por exemplo, uma quarta de trigo por x de graxa, ou por y de seda ou por z de ouro etc. Ao invés de um só, o trigo tem, portanto, muitos valores-de-troca." (MARX, 2008, pág.58) Diferentemente do valor-de-uso, a mercadoria possui vários valores-de-troca e se movimenta independentemente de suas qualidades materiais, mas isso não significa que o valor-de-troca não possua vínculo com a forma elementar da riqueza, quer dizer, a mercadoria. No exemplo dado por Marx, o valor-de-troca do trigo se modifica quando é trocado por outras mercadorias, algo que gera dúvidas acerca dos vínculos entre valor-de-troca e valor-de-uso.

Marx deixa bem claro que o valor-de-troca é a manifestação de uma substância e não a própria substância. Ele faz parte da relação do valor e não pode ser confundido com a substância do valor, ou seja, o valor-de-troca é expressão de valor e não o próprio valor:

> Mas, uma vez que cada um dos itens, separadamente — x de graxa ou y de seda ou z de ouro —, é o valor-de-troca de uma quarta de trigo, devem x de graxa, y de seda e z de ouro, como valores-de-troca, ser permutáveis e iguais entre si. Daí se deduz, primeiro: os valores-de-troca vigentes da mesma mercadoria expressam, todos, um significado igual; segundo: o valor-de-troca só pode ser a maneira de expressar-se, a forma de manifestação de uma substância que dele se pode distinguir. (MARX, 2008, pág.59)

O valor-de-troca traz consigo uma natureza dialética permeada por igualdes e diferenças, quantidades e qualidades. A expressão mais simples de valor não deixa de ser uma síntese entre qualidade e quantidade, entre utilidade e grandezas materiais que se relacionam a despeito de suas diferenças e singularidades. O valor-de-troca não pode ser abstraído da relação de valor, nem tampouco dos aspectos materiais e dialéticos dessa relação material de valor. Apenas com o desenvolvimento da sociedade capitalista, torna-se crescente a abstração do valor-de-troca diante da relação de valor, mas, ao mesmo tempo, torna-se possível desvelar a natureza do valor através das contradições inerentes a essa própria sociedade.

Haver algo comum entre coisas diferentes constitui a origem do valor-de-troca enquanto expressão dessa igualdade. Uma grandeza não apenas entre coisas distintas, mas que também é expressão de coisas materiais, ou seja, de valores-de-uso em relação. O resultado da relação de valor é uma grandeza comum que pressupõe valores-de-troca idênticos e reduzíveis a essa grandeza comum representada pelo resultado da relação de valor. Os valores-de-troca são reduzíveis a uma grandeza comum que é idêntica aos valores-de-troca envolvidos numa relação de valor. Valores-de-troca idênticos são pressupostos numa relação de valor para que ambos valores-de-troca sejam reduzíveis a uma grandeza comum resultante dessa relação entre valores-de-uso distintos. Valores-de-troca idênticos são capazes de gerar uma terceira grandeza idêntica aos mesmos valores-de-troca envolvidos numa relação de valor:

> Que algo comum, com a mesma grandeza, existe em duas coisas diferentes, em uma quarta de trigo e em n quintais de ferro. As duas coisas são, portanto, iguais a uma terceira, que, por sua vez, delas difere. Cada uma das duas, como valor-de-troca, é reduzível, necessariamente, a essa terceira. (MARX, 2008, pág.59)

O que o valor-de-troca representa, considerando as mercadorias enquanto forma elementar da riqueza, é algo que se abstrai das qualidades materiais dos objetos, mas que não deixa de ser transportado pela materialidade do valor-de-uso. No capitalismo, o valor-de-uso transporta o valor-de-troca, mas a análise abstrata do movimento das mercadorias consegue aproximar o valor-de-uso da materialidade dos objetos e do próprio trabalho. Duas mercadorias num processo de troca geram um valor e serão reduzíveis a esse valor, então elas negam sua materialidade ao se afirmarem enquanto valor-de-troca. Valores-de-uso diferentes e com mesmos valores-

de-troca geram uma terceira grandeza quantitativa. Mas, para isso, eles negam a aparência sensível dos valores-de-uso e se convertem na negação desses mesmos valores-de-uso através do valor-de-troca. A aparente negação dos aspectos sensíveis das mercadorias por meio dos valores-de-troca estabelece a oposição entre valores-de-uso e valores-de-troca. A identidade quantitativa dos valores-de-troca contrasta com a diferença qualitativa entre valores-de-uso. A lógica que definirá a natureza quantitativa do valor-de-troca é comparada por Marx a um polígono cuja figura visível pode ser decomposta em diversas expressões geométricas:

> Evidencia-se isto com um simples exemplo geométrico. Para determinar e comparar a área dos polígonos, decompomo-los em triângulos. O próprio triângulo pode converter-se, também, numa expressão inteiramente diversa de sua figura visível — a metade do produto da base pela altura. Do mesmo modo têm os valores-de-troca de ser reduzíveis a uma coisa comum, da qual representam uma quantidade maior ou menor. (MARX, 2008, pág.59)

O valor-de-troca se desenvolve independentemente das qualidades materiais das mercadorias, mas esse desenvolver-se imaterial do valor-de-troca é a negação do valor-de-uso e de suas qualidades sensíveis. Porém, o valor-de-troca só pode se desenvolver através dessa oposição, algo que lhe confere uma condição dialética em função da materialidade daquilo que nega, ou seja, do valor-de-uso. O valor-de-troca é a coisa comum pressuposta numa relação de valor: “Essa coisa comum não pode ser uma propriedade das mercadorias, geométrica, física, química ou de qualquer outra natureza.” (MARX, 2008, pág.59)

O colocar de lado os valores-de-uso quando se trata de uma troca entre mercadorias é algo também descrito como uma relação, ou seja, algo que só pode se efetivar diante de uma relação de troca:

> As propriedades materiais só interessam pela utilidade que dão às mercadorias, por fazerem destas valores-de-uso. Põem-se de lado os valores-de-uso das mercadorias, quando se trata da relação de troca entre elas. É o que evidentemente caracteriza essa relação. Nela, um valor-de-uso vale tanto quanto outro, quando está presente na proporção adequada. (MARX, 2008, pág.59)

O valor-de-troca é algo que se abstrai das utilidades concretas dos valores-de-uso. Sem esse processo de abstração, não seria possível a existência do valor. Nesse elemento abstrato do valor-de-troca, é possível reconhecer algo abstrato inerente às mercadorias. O algo comum inerente ao qual se reduz uma terceira grandeza desvela

o elemento do valor-de-troca e, por conseguinte, desvelam-se aspectos abstratos relacionados às mercadorias. A oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca é a fonte do valor, e as mercadorias representam a possibilidade material da existência do valor, assim como os valores-de-uso representam veículos materiais do valor-de-troca: “Como valores-de-uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de qualidade diferente; como valores-de-troca, só podem diferir na quantidade, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor-de-uso.” (MARX, 2008, pág.59) A abstração inerente ao valor-de-troca não está isolada das mercadorias, porém encontra-se em oposição ao valor-de-uso.

A relação de valor põe em movimento aspectos abstratos das mercadorias, e, mesmo abstraindo-se das qualidades úteis das coisas, ainda resta uma propriedade inerente à mercadoria da qual não é possível se abstrair. O trabalho que passou por uma transmutação é o que subsiste ao se abstrair das qualidades úteis dos valores-de-uso. Abstrair-se das qualidades úteis não deixa de ser uma transmutação do trabalho inerente à mercadoria. Abstraído das formas e elementos materiais, o produto do trabalho existe não mais como um valor-de-uso, suas qualidades úteis foram abstraídas em função do valor-de-troca. Contudo, o valor-de-troca não se abstrai da coisa como um produto do trabalho, muito embora esse produto do trabalho tenha sofrido uma transmutação diante da relação do valor e, por conseguinte, do valor-de-troca:

> Se prescindirmos do valor-de-uso da mercadoria, só lhe resta ainda uma propriedade, a de ser produto do trabalho. Mas, então, o produto do trabalho já terá passado por uma transmutação. Pondo de lado seu valor-de-uso, abstraímos também das formas e elementos materiais que fazem dele um valor-de-uso. Ele não é mais mesa, casa, fio ou qualquer outra coisa útil. Sumiram todas as suas qualidades materiais. (MARX, 2008, pág.60)

O produto do trabalho também pode ser abstraído de suas determinações concretas e, dessa forma, resta o trabalho humano abstrato desse processo de abstração que também acomete o trabalho inerente ao valor-de-uso. A mesma abstração que atinge o valor-de-uso como um produto de trabalho se estende também ao próprio trabalho e suas determinações concretas:

> Também não é mais o produto do trabalho do marceneiro, do pedreiro, do fiandeiro ou de qualquer outra forma de trabalho produtivo. Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, também desaparece o caráter útil dos trabalhos neles corporificados;

> desvanecem-se, portanto, as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem umas das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato. (MARX, 2008, pág.60)

O resultado desse processo de abstração que recai sobre as determinações particulares dos valores-de-uso e do trabalho concreto resulta numa massa, num resíduo dos produtos do trabalho, algo que Marx denomina de objetividade impalpável ou massa pura e simples do trabalho que ainda preserva e armazena a força de trabalho humano e que se transformam em valores-mercadorias:

> Vejamos o que é esse resíduo dos produtos do trabalho. Nada deles resta, a não ser a mesma objetividade impalpável, a massa pura e simples do trabalho humano em geral, do dispêndio de força de trabalho humana, sem consideração pela forma como foi despendida. Esses produtos passam a representar apenas a força de trabalho humana gasta em sua produção, o trabalho humano que neles se armazenou. Como configuração dessa substância social que lhes é comum, são valores, valores-mercadorias. (MARX, 2008, pág.60)

O trabalho humano se materializa e os valores-de-uso representam a expressão concreta dessa materialização. Entre o trabalho abstrato e o valor-de-uso existe uma relação que precisa ser desvelada, conforme nos sugere Marx: “Um valor-de-uso ou um bem só possui, portanto, valor, porque nele está corporificado, materializado, trabalho humano abstrato.” (MARX, 2008, pág.60) Esse trabalho abstrato que só podemos enxergar diante da relação de valor relaciona-se com o valor-de-uso por meio da utilidade, pela capacidade do trabalho em produzir coisas úteis. Apesar de não observamos o trabalho presente nas coisas, a relação de valor é capaz de desvelar esse fundamento das coisas úteis que o trabalho abstrato representa.

O trabalho abstrato representa uma grandeza passível de ser mensurada, e o valor de um bem depende dessa “substância criadora de valor nele contida, o trabalho.” (MARX, 2008, pág.60) Só podemos mensurar essa substância criadora de valor através do tempo de sua duração: “A quantidade de trabalho, por sua vez, mede-se pelo tempo de sua duração, e o tempo de trabalho, por frações do tempo, como hora, dia etc.” (MARX, 2008, pág.60) A substância dos valores pode ser mensurada através do trabalho abstrato contido nas coisas, mas, para isso, o trabalho abstrato precisa ser compreendido como substância homogênea inerente à força do trabalho: “Todavia, o trabalho que constitui a substância dos valores é o trabalho humano

homogêneo, dispêndio de idêntica força de trabalho.” (MARX, 2008, pág.61) A transmutação do trabalho diante da relação de valor não significa sua negação, mas o desvelamento substancial da homogeneidade do trabalho como força de trabalho.

A homogeneidade da força de trabalho transforma o trabalho em força de trabalho, conforme Marx a descreve n’*O Capital*: “Toda a força de trabalho da sociedade — que se revela nos valores do mundo das mercadorias — vale, aqui, por força de trabalho única, embora se constitua de inúmeras forças de trabalho individuais.” (MARX, 2008, pág.61) É a substância do trabalho que permite a homogeneidade da força de trabalho capaz de criar valor. O trabalho se transforma em força única de trabalho na medida em que sua substância se torna homogênea e capaz de se materializar por meio dessa homogeneidade da força de trabalho. O tempo de trabalho em média é o tempo necessário e também o tempo social através do qual é possível a existência de uma força média de trabalho. Isso quer dizer que as forças individuais de trabalho atuam como força média de trabalho, forças individuais que se equiparam tendo em vista a força média do trabalho social:

> Cada uma dessas forças individuais de trabalho se equipara às demais, na medida em que possua o caráter de uma força média de trabalho social e atue como essa força média, precisando, portanto, apenas do tempo de trabalho em média necessário ou socialmente necessário para a produção de uma mercadoria. (MARX, 2008, pág.61)

O tempo necessário para produzir mercadoria é o tempo socialmente determinado, tempo que se confunde com a média de tempo necessária para se produzir um valor-de-uso. Esse tempo social suprassume a força individual de trabalho e passa a constituir a força de trabalho como substância homogênea criadora de valor. A força de trabalho produz o tempo médio na medida em que o trabalho se torna uma substância homogênea criadora de valor:

> Tempo de trabalho socialmente necessário é o tempo de trabalho requerido para produzir-se um valor-de-uso qualquer, nas condições de produção socialmente normais existentes e com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho. (MARX, 2008, pág.61)

O tempo social do trabalho se altera de acordo com os meios necessários para a produção de mercadorias. É porque se altera que o tempo se torna social, ou seja, o tempo passa a ser determinado pela necessidade de gerar valor. A força de trabalho expressa a homogeneidade do tempo e a partir disso podemos vislumbrar a

necessidade do tempo médio de trabalho socialmente determinado: “Na Inglaterra, após a introdução do tear a vapor, o tempo empregado para transformar determinada quantidade de fio em tecido diminuiu aproximadamente a metade.” (MARX, 2008, pág.61) O impacto da produtividade na produção de mercadorias transforma o conceito de mercadoria e os valores-de-uso tornam-se exemplares médio produzidos pela força média de trabalho: “cada mercadoria individual é considerada aqui exemplar médio de sua espécie.” (MARX, 2008, pág.61) Na medida em que o trabalho se transforma em força média de trabalho, temos também a transformação das mercadorias em exemplares médios consoantes com as horas de trabalho necessárias para sua produção.

O tempo que se cristaliza nas coisas é o tempo necessário médio, e as mercadorias não deixam de ser expressão da força de trabalho. Antes de se converter em objetos úteis, o trabalho se transforma em força de trabalho capaz de reproduzir a substância homogênea criadora de valor. Diante disso, as mercadorias representam também grandezas quantitativas capazes de gerar a substância comum em que consiste o valor:

> O valor de uma mercadoria está para o valor de qualquer outra, assim como o tempo de trabalho necessário à produção de uma está para o tempo de trabalho necessário à produção de outra. Como valores, as mercadorias são apenas dimensões definidas do tempo de trabalho que nelas se cristaliza. (MARX, 2008, pág.61)

O trabalho como objetividade impalpável, massa de trabalho e dispêndio de força constituem os modos através dos quais Marx estabelece a definição de trabalho abstrato. Ver o trabalho cristalizado inerente ao produto é uma forma de consciência ampliada em relação ao trabalho humano e coloca o valor-de-uso como produto do trabalho humano. O movimentar-se das mercadorias numa relação de valor não representa um movimento externo às coisas.[4] As mercadorias são espécies de

[4] Movimento e substância homogênea constituem não apenas a natureza do trabalho, mas a fonte para a compreensão da realidade e o fundamento de sua transformação. Segundo Barata Moura, o movimento do real não é algo exterior, mas a substância das coisas e da história: “Para Marx, o movimento não é apenas algo que exteriormente envolve as coisas num percurso acrescentado que lhes é ontologicamente estranho. O mundo não é encarado como uma coleção de coisas — de substancialidades corpóreas, físicas, abstratamente idênticas a si próprias em termos de imutabilidade — que, desde fora, são postas em movimentos por efeito de aplicação de alguma força demiúrgica. Pelo contrário, o movimento é também uma ingrediência da própria substância das coisas. A condição de ente envolve, por conseguinte, no seu seio, a própria realidade do movimento. O movimento não é um acidente do ser ou da matéria, algo que de algum modo lhe sobrevém como um excesso, mas uma dimensão que intrinsecamente faz parte dele.” (MOURA, 1997, pág.117)

mercadorias enquanto o trabalho passa a ser força média de trabalho. A síntese do tempo médio de trabalho e das mercadorias como espécie gera os valores-de-uso enquanto veículos materiais do valor-de-troca, ou seja, o valor-de-uso é produzido em função de sua capacidade de transportar materialmente o valor-de-troca. Quando os valores-de-uso entram numa relação de valor, eles colocam em movimento tais estruturas materiais e sociais, ou seja, trabalho e mercadorias não mais como entidades isoladas ou individualmente concebidas. Os valores-de-troca representam o desenvolvimento desse processo que tem origem na transformação do tempo necessário como força média de trabalho homogêneo. O tempo necessário é o tempo que se tornou média de tempo, tempo substancial e homogêneo capaz de criar valor a partir da força média de trabalho.[5]

O tempo social determina o trabalho como força produtora de valor, mas o valor representa a relação de valor. O tempo de trabalho, a mercadoria como espécie e a relação de valor constituem o fundamento da produção capitalista. Nesse sentido, o valor de uma mercadoria não surge do acaso, nem de relações espontâneas de trabalho. A quantidade de trabalho que serve para medir o valor de mercadorias é aquela instituída pela média socialmente necessária e determinada pela lógica de produção capitalista:

> Se o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho gasta durante sua produção, poderia parecer que, quanto mais preguiçoso ou inábil um ser humano, tanto maior o valor de sua mercadoria, pois ele precisa de mais tempo para acabá-la. (MARX, 2008, pág.60)

Marx distingue o trabalho socialmente determinado do trabalho cujo tempo não é socialmente determinado pela força de trabalho. O tempo necessário para produzir algo determina os meios de produção em função do valor. A força de trabalho e o valor estão ligados através dos meios de produção, ou seja, meios de produção determinados pela média de tempo socialmente necessária cristalizada nos produtos do trabalho. Um produto que não seja a média de uma espécie de mercadoria entra

[5] Segundo Friedrich Engels, o valor ocupa uma categoria central no pensamento de Marx: “Para o socialismo, que quer emancipar a força de trabalho humana de sua condição de mercadoria, reveste-se de grande importância a noção de que o trabalho não tem valor, nem pode tê-lo. Essa noção lança por terra todas as tentativas, que recaem sobre o sr. Duhring como legado do socialismo natural dos trabalhadores, de regular a futura distribuição dos meios de existência como uma espécie de salário mais elevado.” (ENGELS, 2015, pág.226)

em contradição com o que Marx denomina de grau médio de destreza necessária para produzir a mercadoria como espécie:

> O tecelão inglês que então utilizasse o tear manual continuaria gastando, nessa transformação, o mesmo tempo que despendia antes, mas o produto de sua hora individual de trabalho só representaria meia hora de trabalho social, ficando o valor anterior de seu produto reduzido à metade. (MARX, 2008, pág.61)

A mercadoria é um exemplar médio da quantidade de trabalho necessário e, por isso, é um exemplar médio em forma de espécie. A forma elementar da riqueza é a forma elementar de uma espécie de mercadoria, e, enquanto espécie, a mercadoria existe como forma. A relação com o tempo passa a definir a espécie da mercadoria e não apenas o que ela representa enquanto coisa útil. Desse modo, a relação com o tempo passa a determinar a forma das coisas úteis. Quantidades de tempo diferentes produzem valores-de-uso diferentes, porém os diferentes tipos de coisas úteis passam a pertencer a uma determinada espécie de acordo com o que representam diante do tempo necessário para a produção de uma determinada espécie de mercadoria. Os valores-de-troca expressam o que as coisas representam de acordo com a quantidade de tempo necessária para a produção de valores-de-uso. Desse modo, a diferença entre as coisas exprime a diferença do tempo necessário para produzir valores-de-uso. Valores-de-uso diferentes são produzidos pelo tempo de trabalho necessário, portanto o trabalho necessário passa a determinar a grandeza comum existente entre valores-de-uso distintos.

O valor-de-troca expressa a relação entre mercadorias e põe em evidência o movimentar-se da materialidade do valor tendo em vista a relação de valor. Assim como a mercadoria, o valor-de-uso é exemplar médio da espécie, e o valor-de-troca expressa essa condição tanto das mercadorias quanto dos valores-de-uso. Marx considera a produção do valor enquanto produção de uma espécie e não de um átomo. A relação entre mercadorias é uma relação entre espécies distintas tendo como fundamento o trabalho enquanto força de trabalho e substância criadora de valor. Nesse sentido, as mercadorias se movimentam assim como o trabalho que as produziu, e, ao movimentar-se, elas põem em movimento o próprio trabalho enquanto fonte de sua materialidade.[6] O movimento das mercadorias não deixa de ser uma

[6] Desde sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, percebemos uma preocupação metodológica ao tratar do humano para não sucumbir na ideologia liberal do humanismo: “Diante da rude estupidez da

forma de desvelar a força de trabalho que está na origem do valor das coisas e que também permite a existência do valor enquanto relação de valor, ou seja, relação entre espécies distintas de mercadorias. Valor-de-uso e valor-de-troca se movimentam como espécies, produzidos por um grau médio de destreza que transforma o trabalho em força média de trabalho.

Quando Marx introduz o conceito de produtividade n'*O Capital*, é para mostrar que a grandeza de valor de uma mercadoria é variável, logo sofre interferência humana no processo de sua realização: "A grandeza do valor de uma mercadoria permaneceria, portanto, invariável, se fosse constante o tempo de trabalho requerido para sua produção." (MARX, 2008, pág.62) O tempo necessário para produzir algo é uma relação e varia a partir do desenvolvimento do meio de produção. Nesse sentido, não existe mercadoria fora do tempo, mas esse tempo é a média de trabalho necessária para produzir valores-de-uso enquanto espécies de mercadorias.

Alterações no tempo de trabalho necessário alteram a relação de valor, altera a relação de uma espécie de mercadoria em relação a outras espécies de mercadorias. O valor das coisas se altera com o tempo porque o tempo necessário sofre alterações a partir da destreza média de trabalho. Portanto, o valor surge de um conjunto de relações sociais baseadas nas constantes mudanças do trabalho e dos objetos produzidos por ele; nesse caso, o valor é um reflexo de contextos históricos e de suas constantes variações. Na medida em que muda o tempo necessário para produzir um objeto, modifica-se um conjunto de relações sociais e não apenas uma forma de trabalho determinada:

> A produtividade do trabalho é determinada pelas mais diversas circunstâncias, dentre elas a destreza média dos trabalhadores, o grau do desenvolvimento da ciência e sua aplicação tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais. (MARX, 2008, pág.62)

---

propriedade privada independente, a incerteza da indústria é elegíaca, a busca do ganho é patética (dramática), a mutabilidade da posse é um fato sério (trágico), a dependência do patrimônio do estado é moral. Em suma, em todas essas qualidades pulsa, através da propriedade privada, o coração humano; é a dependência do homem em relação ao homem. De qualquer forma que essa dependência se configure em si e para si, ela é humana, se comparada com o escravo, que se crê livre porque a esfera que o limita não é a sociedade, mas a gleba; a liberdade dessa vontade é sua vacuidade de outro conteúdo que não seja a propriedade privada." (MARX, 2005, pág.118)

A produção do valor consiste em produzir espécie de mercadorias, e porque são produzidas como espécies as mercadorias dependem da produtividade do trabalho. O valor exprime a produtividade do trabalho e as diversas circunstâncias da produção. O conjunto de relações sociais que o valor expressa é sempre mutável e encontra na produtividade do trabalho a forma capaz de expressar tais variações. O tempo necessário é também tempo variável que se transforma no tempo em função da produtividade e da geração de valor. As mudanças no tempo necessário são também mudanças na força de trabalho, quer dizer, a produtividade não muda apenas o conteúdo do trabalho, mas também a sua forma de manifestação concreta e social. O tempo necessário não deixa de ser a necessidade constante de mudanças nos meios e formas de produção de valores-de-uso.

> A mesma quantidade de trabalho, nas quadras favoráveis, se incorpora em 8 toneladas de trigo e, nas desfavoráveis, em apenas 4. A mesma quantidade de trabalho extrai mais metal de uma mina rica que de uma mina pobre. (MARX, 2008, pág.62)

O mesmo valor que varia com a produtividade é aquele que depende do tempo de trabalho necessário para estabelecer uma relação de valor entre mercadorias distintas. O tempo necessário é o tempo médio que se modifica no tempo tendo em vista a produtividade do trabalho. É a força de trabalho que não é constante, e não o trabalho isoladamente considerado; ela se altera e se transforma tendo em vista a reprodução do valor: “A mesma quantidade de trabalho extrai mais metal de uma mina rica que de uma mina pobre.” (MARX, 2008, pág.62) A produtividade de uma mina rica é diferente da produtividade de uma mina pobre, portanto a mesma quantidade de trabalho será mais produtiva numa mina rica. A força única de trabalho transforma o tempo necessário e sua homogeneidade num fator determinante para a reprodução do valor.

A média de trabalho nas minas de diamante é um exemplo da discrepância entre valor e trabalho: “Diamantes dificilmente se acham à flor do solo, e encontrá-los custa, em média, muito tempo de trabalho.” (MARX, 2008, pág.62) O tempo necessário não se resume a uma fórmula capaz de explicar todo tipo de produção de mercadoria. O exemplo do diamante que Marx comenta n’*O Capital* ilustra que o trabalho necessário que serve de parâmetro entre as trocas não consegue exprimir a verdadeira grandeza ou a quantidade de trabalho necessário que determinados objetos necessitam para se transformar em mercadoria. O trabalho necessário diante

do trabalho incalculável nas minas de diamantes contradiz a grandeza média do trabalho empregado nesse tipo de produção.[7]

Assim como o trabalho das minas de diamante nunca foi verdadeiramente pago pelo seu valor, o mesmo pode ser dito do trabalho de uma forma geral. A mercadoria expressa uma relação que não é exata quando a comparamos com o dispêndio de força humana necessária para produção de determinadas mercadorias. A produtividade tende sempre a nivelar o trabalho necessário junto ao valor cada vez mais baixo da mercadoria. O valor cresce como espécie diante de produtividade do trabalho, e não a partir do valor de uma mercadoria individual. Conforme encaremos a mercadoria como espécie, o valor se multiplica a partir dessa condição da mercadoria. O trabalho torna-se uma força homogênea na medida em que reproduz o valor das mercadorias como espécie, e, com isso, o trabalho torna-se a força média necessária geradora de valor.

O desenvolvimento do valor depende do modo como a força de trabalho média consegue se reproduzir em função da produtividade do trabalho e da geração de valor. O valor desvela o trabalho a partir da relação de valor e, ao mesmo tempo, nega o trabalho através da produtividade da força homogênea do trabalho. A força média de trabalho incorpora-se nos produtos por meio da produtividade sem que o trabalho se valorize através de sua própria produção. Ao contrário, o valor das coisas tende a cair com a produtividade e, consequentemente, a destreza média da força de trabalho tende a aumentar:

> Com minas mais ricas, a mesma quantidade de trabalho incorporar-se-ia em mais diamantes e o valor destes cairia. Se se conseguisse,

[7] Marx procura aplicar, ao modo de Hegel, a distinção entre observação e conceito. O movimento em direção ao conceito demonstra a capacidade de superar a visão imediata e a universalidade abstrata. A reflexão conceitual não se limita a buscar leis destituídas do movimento concreto, conforme Hegel definiu na *Fenomenologia do Espírito*: "O universal, no sentido da universalidade-de-razão, é também universal no sentido que o conceito tem nele: o de apresentar-se para a consciência como o presente e o efetivo. Ou seja: apresenta-se o conceito no modo da coisidade e do ser sensível — porém sem perder com isso sua natureza, e sem ter sucumbido no subsistir inerte ou na sucessão indiferente. O que é universalmente válido, também vigora universalmente. O que deve-ser, também é, de fato. O que apenas deve ser, sem ser, não tem verdade nenhuma.
Portanto, o instinto da razão, por sua parte, se mantém com bom direito firme neste ponto; e não se deixa induzir em erro por esses entes-de-razão que somente devem-ser, e que devem ter verdade como dever-ser — muito embora não sejam encontrados em nenhuma experiência. Não se deixa induzir em erro nem pela hipótese nem tampouco por todas as outras "invisibilidades" de um perene dever-ser. Com efeito, a razão é justamente essa certeza de possuir a realidade, e o que não é para a consciência como uma "auto-essência" [*selbstwesen*], isto é, o que não se manifesta, para ela é absolutamente nada." (HEGEL, 2002, pág.185)

> com pouco trabalho, transformar carvão em diamante, este poderia ficar mais barato que tijolo. (MARX, 2008, pág.62)

Uma quantidade exuberante de trabalho que não se transforma em valor é o contrário da produtividade do trabalho. Assim como é possível vislumbrar o fenômeno da produtividade, podemos também vislumbrar quantidades de trabalho não incorporados ao valor de determinados produtos. Esse trabalho não incorporado demonstra a separação entre valor e trabalho no interior da sociedade capitalista e, ao mesmo tempo, demonstra também que a relação entre valor e trabalho não representa uma relação exata. A extração de trabalho que não se incorpora nas coisas representa a natureza de um sistema baseado na exploração do trabalho e que evolui sempre no sentido de extrair valor a partir de trabalho não pago. Sempre haverá uma quantidade de trabalho não pago presente nas mercadorias produzidas pelo trabalho produtivo, e, quanto mais produtivo o trabalho, maior será tal extração de trabalho não pago.

Quanto mais o tempo de trabalho se reduz, mais o trabalho se torna homogêneo enquanto força de trabalho. A homogeneidade da substância de trabalho representa a diminuição do tempo médio do trabalho e a diminuição dos valores dos produtos isolados, porém o valor se reproduz e cresce através de espécies de mercadorias. O trabalho é homogêneo e cria o valor também como substância homogênea a partir das mercadorias enquanto espécies e não como produtos isolados:

> Generalizando: quanto maior a produtividade do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho requerido para produzir uma mercadoria, e, quanto menor a quantidade de trabalho que nela se cristaliza, tanto menor seu valor. Inversamente, quanto menor a produtividade do trabalho, tanto maior o tempo de trabalho necessário para produzir um artigo e tanto maior o seu valor. A grandeza do valor de uma mercadoria varia na razão direta da quantidade e na inversa da produtividade do trabalho que nela se aplica. (MARX, 2008, pág.62)

Trata-se de uma lógica social cujas determinações precisam ser compreendidas dialeticamente. Marx procura a unidade do conceito ao descrever as determinações inerentes ao valor. Trata-se de uma ruptura com aqueles enunciados da economia política em função da unidade conceitual dialética bastante próxima da construção lógica hegeliana:

> A unidade do conceito, enquanto um complexo de determinações internamente opostas, mas também concordantes, destrói a forma do enunciado comum, o que se assemelha à relação que temos na poesia entre o ritmo, de um lado, e o metro e o acento, de outro. (WERLE, 2011, pág.12)

A mercadoria deve ser compreendida como um conceito, e suas determinações representam enunciados complexos que só podem ser compreendidos à luz da racionalidade dialética. A mercadoria representa um conceito através do qual podemos compreender também o conceito de trabalho sob a forma de produção capitalista.[8] A mercadoria é forma elementar da riqueza cujos movimentos conseguem explicar a totalidades da riqueza quando esta passa a ser pensada em abstrato. Ela não é somente fonte de riqueza, mas também fonte de explicação da riqueza.[9] A análise abstrata da mercadoria é também sua análise enquanto forma elementar da riqueza, e, enquanto forma, a mercadoria se desenvolve até se transformar naquilo que rege a produção capitalista como um todo, quer dizer, em acúmulo de riqueza.

---

[8] Num artigo de 1849 para a *Nova Gazeta Renana*, Marx compara o relógio a uma balança para demonstrar o caráter abstrato e desumano do trabalho: "O burguês compra, portanto, seu trabalho com dinheiro. Por dinheiro, vocês vendem-lhe seu trabalho. Com a mesma quantidade de dinheiro pela qual o burguês comprou seu trabalho, por exemplo, com 2 francos, poderia ter comprado 2 libras de açúcar ou uma determinada quantia de qualquer outra mercadoria. Os 2 francos com os quais ele comprou 2 libras de açúcar são o preço das 2 libras de açúcar. Os 2 francos com os quais ele comprou doze horas de trabalho são o preço das doze horas de trabalho. O trabalho, é, portanto, uma mercadoria, nem mais nem menos do que o açúcar. A primeira mede-se com o relógio, e a outra, com a balança." (MARX, 2010, pág.532)

[9] O desenvolvimento da teoria marxiana não perde de vista aspectos importantes das primeiras obras de Marx. Além dos temas influenciados por Hegel e Feuerbach, é possível estabelecer pontes entre o estágio mais avançado da teoria marxiana e textos como os *Manuscritos econômico-filosóficos*. O tema da necessidade tão presente nas reflexões de 1844 aparece sob um novo olhar n'*O capital*. Mas o tema ainda está presente a despeito das mudanças epistemológicas. Além disso, os novos rumos metodológicos não desfiguraram as inquietações políticas e o estilo da composição que parecem formar uma unidade desde as obras de juventude de Marx. Acerca do tema da necessidade, observamos que Marx nunca o abandonou durante toda a sua trajetória intelectual, e o modo como ele aparece nos *Manuscritos* de 1844 pode ser "vasculhado" nos textos maduros de Marx. Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx demonstra como a manipulação das carências deforma os homens, como a máquina e o capital interferem na constituição física e mental dos trabalhadores: "O selvagem, o animal, ainda tem a carência da caça, do movimento etc., da sociabilidade. A simplificação da máquina, do trabalho, é utilizada para fazer, em primeiro lugar, do homem que ainda vem a ser, do homem totalmente não formado — a criança —, trabalhador, assim como o trabalhador tornou-se uma criança abandonada à negligência. A máquina acomoda-se à debilidade do ser humano para tornar o ser humano débil uma máquina." (MARX, 2004, pág.141)

2. A origem social do valor-de-uso

O valor-de-uso é uma categoria que expressa a relação dos homens com as coisas, contudo expressa também a relação do homem com o valor. Para que haja valor, é necessário que haja valor-de-uso em oposição ao valor-de-troca. Porém, existem valores-de-uso que não são valor, ou seja, que não fazem parte de uma relação de valor e, por isso, não podem ser considerados mercadorias: “Uma coisa pode ser valor-de-uso sem ser valor.” (MARX, 2008, pág.62) A distinção que Marx faz entre valor-de-uso e valor ou entre valor-de-uso e mercadoria serve para demonstrar a existência da relação de valor. Um valor-de-uso que não é valor representa um valor-de-uso que não é social ou que não possui valor-de-troca e, por isso, não pode ser considerado uma mercadoria.

Existem valores-de-uso sem valor porque foram abstraídos da relação de valor, ou por não resultarem do trabalho humano. Uma coisa útil produzida pelo trabalho representa uma utilidade social; uma utilidade socialmente determinada pelo trabalho e pelo valor é diferente de uma coisa útil sem valor ou que não pode ser considerada uma mercadoria:

> É o que sucede quando sua utilidade para o ser humano não decorre do trabalho. Exemplos: o ar, a terra virgem, seus pastos naturais, a madeira que cresce espontânea na selva etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria. (MARX, 2008, pág.62)

Um valor-de-uso que não é valor pode ser comparado com um bem natural, quer dizer, não representa um valor-de-uso social. Quando um valor-de-uso se torna mercadoria, ele é chamado de valor-de-uso social. Quando a produção do objeto não

satisfaz uma necessidade pessoal, temos a produção de um valor-de-uso social cuja finalidade não é a satisfação pessoal de quem o produziu. Nesse sentido, a produção da mercadoria não é apenas a produção do valor-de-uso, mas a produção de valor-de-uso social:

> Quem, com seu produto, satisfaz a própria necessidade gera valor-de-uso, mas não mercadoria. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-los para outro, dar origem a valor-de-uso social. (MARX, 2008, pág.63)

Valores-de-uso produzidos socialmente satisfazem necessidades humanas e sociais, ou seja, satisfazem necessidades para si e para outrem. A sociedade possui necessidade de valores-de-uso, mas enquanto valor-de-uso social. Nesse sentido, a necessidade humana e individual é suprassumida no valor-de-uso social, que passa a instituir necessidades sociais de valores-de-uso igualmente sociais. Ao tornar-se um valor-de-uso social, o valor-de-uso satisfaz necessidades sociais e não apenas individuais. As necessidades individuais passam a depender do valor-de-uso não apenas como um objeto natural exterior, mas como um valor-de-uso socialmente produzido como valor. O valor-de-uso se transforma em valor sem deixar de ser valor-de-uso, ou seja, o valor é uma expressão social do valor-de-uso. A proximidade do trabalho com o valor-de-uso é desvelada por meio da relação de valor, e o valor-de-uso social expressa o caráter social do trabalho como força de trabalho. Assim como a mercadoria é o exemplar médio da espécie, a força média de trabalho é o que permite a existência do valor-de-uso enquanto valor-de-uso social. O trabalho é tão social quanto o valor-de-uso, e essa identidade entre trabalho e valor-de-uso se desvela através do valor-de-uso social.

O valor-de-uso se transforma em mercadoria na medida em que o trabalho representa o fundamento da troca entre espécies distintas de mercadorias. O valor-de-uso social representa a transformação do trabalho em força média de trabalho, representa o desvelar do trabalho na relação de valor enquanto algo social e que também está presente no conteúdo material dos objetos permutáveis. As mercadorias deixam de ser objetos de satisfação social por meio da troca, elas se tornam valores-de-uso social. A troca que torna possível essa mudança no valor-de-uso só é possível diante do trabalho que produz para o outro, e não para si ou para satisfazer necessidades individuais. Dessa forma, a troca não surge do acaso, mas expressa

relações mediadas por processos sociais de trabalho, produção e troca. O objeto que cria valor é o objeto útil produzido por um trabalho igualmente útil. O trabalho se torna tão útil quanto o objeto produzido por ele; dessa forma, o valor depende do elemento útil do objeto e do trabalho:

> O camponês medieval produzia o trigo do tributo para o senhor feudal, o trigo do dízimo para o cura. Mas, embora fossem produzidos para terceiros, nem o trigo do tributo nem o dízimo eram mercadoria. O produto, para se tornar mercadoria, tem de ser transferido a quem vai servir como valor-de-uso por meio de troca. Finalmente, nenhuma coisa pode ser valor se não é objeto útil; se não é útil, tampouco o será o trabalho nela contido, o qual não conta como trabalho e, por isso, não cria nenhum valor. (MARX, 2008, pág.63)

O trabalho se torna útil quando produz coisas úteis, ou seja, o trabalho útil se distingue de trabalho que não produz coisa útil. O trabalho e a mercadoria fazem parte da produção da coisa útil e passam a existir em função dessa utilidade contida nas coisas. O trabalho é tão útil quanto os objetos úteis, e, através da utilidade das coisas, ele não deixa de estar contido nas coisas úteis. O valor-de-uso social pressupõe o trabalho útil contido nas coisas, pressupõe a utilidade das coisas produzidas pela utilidade também presente no trabalho útil. Transferir valor-de-uso para o outro não deixa de ser transferir o trabalho útil para terceiros. O outro passa a ser o destino tanto do valor-de-uso social quanto do trabalho útil. A coisa útil é uma necessidade, e a troca entre valores-de-uso representou uma forma de produzir mercadorias enquanto valores-de-uso sociais a partir do trabalho útil contido nas coisas. A produção e a troca de coisas úteis desvelam o trabalho útil presente nos valores-de-uso através do valor, portanto as mercadorias e os meios de produção passam a ser tão sociais quanto os valores-de-uso e o trabalho.

A coisa útil se transforma em mercadoria sem deixar de ser algo útil e pertencer a um conjunto de relações necessárias.

O tornar-se mercadoria de um produto é algo que envolve a troca de coisas úteis produzidas por trabalhos úteis. É por meio do trabalho que os valores-de-uso se tornam sociais, mas, para isso, o trabalho precisa ser tão útil quanto o valor-de-uso. Não existe valor-de-uso social sem trabalho útil; dessa forma, a coisa útil e o trabalho útil se transformam em valor-de-uso social e não apenas o valor-de-uso. Trabalho e valor-de-uso se transformam a partir do valor-de-uso social, ou seja, trabalho e valor-de-uso se aproximam com o tornar-se social do valor-de-uso.

O duplo caráter do trabalho representa as várias formas de expressões do trabalho útil. Ao se expressar como valor, o trabalho expressa o valor-de-uso social e a unidade da substância criadora de valor. O caráter homogêneo do trabalho consiste em sua expressão como valor que não deixa de ser a unidade entre trabalho e valor. Ao se expressar como valor, o trabalho revela o seu duplo caráter. Ao exprimir, valor o trabalho exprime seu duplo caráter e sua transformação em substância social homogênea. O trabalho não é apenas gerador de valor-de-uso, ele se expressa como valor. O trabalho não é tão somente gerador de valor-de-uso, ele também se expressa como valor ao produzir socialmente o valor-de-uso. O trabalho se expressa naquilo que produz, e nisso reside seu duplo caráter que torna compreensível o duplo caráter da mercadoria:

> A mercadoria apareceu-nos, inicialmente, como duas coisas: valor-de-uso e valor-de-troca. Mais tarde, verificou-se que o trabalho também possui duplo caráter: quando se expressa como valor, não possui mais as mesmas características que lhe pertencem como gerador de valores-de-uso. Fui quem primeiro analisou e pôs em evidência essa natureza dupla do trabalho contido na mercadoria. Para compreender a economia política, é essencial conhecer essa questão, que, por isso, deve ser estudada mais de perto. (MARX, 2008, pág.63)

A natureza dupla do trabalho consiste em criar valores-de-uso e em expressar valor. Na medida em que se expressa como valor, a relação entre trabalho e valor-de-uso se altera. Não se trata de enxergar apenas os valores-de-uso enquanto coisas externas ao trabalho, mas compreender o valor como expressão do trabalho, ou seja, o trabalho se expressa como valor. Diferentemente do duplo caráter da mercadoria, o duplo caráter do trabalho estabelece uma unidade entre a criação do valor e a expressão do valor. O valor-de-troca não deixa de ser uma expressão do valor, mas essa expressão é, antes de tudo, uma expressão do trabalho.

> O casaco é valor-de-uso que satisfaz uma necessidade particular. Para produzi-lo, precisa-se de certo tipo de atividade produtiva, determinada por seu fim, modo de operar, objeto sobre que opera, seus meios e seu resultado. Chamamos simplesmente de trabalho útil aquele cuja utilidade se patenteia no valor-de-uso do seu produto ou cujo produto é um valor-de-uso. Desse ponto de vista será considerado sempre associado a seu efeito útil. (MARX, 2008, pág.63)

O trabalho útil resulta num valor-de-uso, mas entre o trabalho útil e o valor-de-uso existe uma atividade produtiva determinada pelos meios e fins do trabalho. O valor-de-uso satisfaz uma necessidade particular através de seu efeito útil, efeito que

não pode ser abstraído do processo de sua produção a partir de um trabalho igualmente útil. É a utilidade do trabalho útil que se patenteia no valor-de-uso, logo a utilidade do trabalho e do valor-de-uso possui efeito útil comum. A utilidade da coisa está relacionada com a qualidade do trabalho útil, logo a qualidade e utilidade tanto da coisa quanto do trabalho representam uma unidade substancial: "Sendo casaco e linho valores-de-uso qualitativamente diversos, também diferem qualitativamente os trabalhos que dão origem à sua existência — o ofício de alfaiate e o de tecelão." (MARX, 2008, pág.64)

As diferenças qualitativas dos valores-de-uso remetem às diferenças qualitativas nos trabalhos que deram origem a tais valores-de-uso. A diferença entre valores-de-uso começa a existir desde o trabalho que está na origem das coisas úteis. Não existiria troca sem tais diferenças entre as qualidades das mercadorias:

> Se aquelas coisas não fossem valores-de-uso qualitativamente diversos e, por isso, produtos de trabalhos úteis qualitativamente diferentes, não poderiam elas, de nenhum modo, se contrapor uma a outra como mercadorias. Casacos não se permutam por outros tantos casacos iguais; valores-de-uso idênticos não se trocam. (MARX, 2008, pág.64)

Quando Marx afirma que valores-de-uso idênticos não se trocam, ele está afirmando que trabalhos qualitativamente distintos estão na origem do valor, quer dizer, através deles é que as coisas podem ser trocadas. O trabalho é uma substância homogênea, mas suas diferentes qualidades determinam quantidades distintas de acordo com as qualidades úteis das mercadorias.[10] Vimos que o camponês produzia valor-de-uso sem o transformá-lo em valor, ou seja, produziam valor-de-uso que não

[10] A relação entre valor e trabalho deve ser vista enquanto algo determinado e não enquanto uma relação abstrata. O método da abstração não aponta essas categorias enquanto entidades isoladas ou abstrata, mas através de uma relação determinada em direção ao concreto, conforme podemos observar na análise de Christopher Arthur: "A razão pela qual uma lógica linear não é apropriada é que o capitalismo está constituído como uma totalidade, que forma seus elementos de modo que, se separados dele, tornam-se desnaturados. Se a existência do valor depende do pleno desenvolvimento da produção capitalista, então os conceitos do primeiro capítulo de Marx só podem possuir um caráter abstrato, e o argumento que ali é colocado desenvolve os sentidos destes conceitos, por meio de seu fundamento adequadamente compreendido no todo. A exposição do sistema, começando com relações simples, mas determinadas (como a forma-mercadoria), é em seguida forçada a abstrair-se violentamente das outras relações que na realidade as penetram e ajudam a constituir a sua eficácia; assim, é necessário no final reconceituar o significado do início. Dado que este ponto de partida está isolado, pois, abstraído do todo, ele está necessariamente caracterizado de forma inadequada. Porém, na medida em que este elemento abstraído não possui significado fora da estrutura à qual ele pertence, a exposição pode então proceder precisamente questionando seu *status*. A mesma dialética se aplica a estágios intermediários de derivação. Apenas ao final da reconstrução da totalidade a sua verdade é revelada: a verdade é sistema do ponto de vista da exposição." (ARTHUR, 2016, pág.43)

era valor-de-uso social. A diferença entre as qualidades úteis das coisas impõe a necessidade de troca entre elas, estabelece a troca como uma necessidade social diante da diferença qualitativa das coisas. Em última análise, a troca é produto da diferença qualitativa das coisas, diferença socialmente suprassumida através da troca entre coisas úteis com suas qualidades distintas.

A finalidade de um valor-de-uso não deixa de ser também o resultado da produção de um valor-de-uso, portanto, do valor-de-uso enquanto mercadoria ou valor-de-uso social. A divisão social do trabalho tem por finalidade produzir o valor-de-uso social, e a produção de valores-de-uso distintos exige que tal diferença tenha origem na divisão social do trabalho. A divisão social do trabalho expressa a produção de coisas úteis qualitativamente distintas e, a partir disso, o trabalho expressa valor e não apenas valor-de-uso. O trabalho que expressa valor é aquele que produz valor e não valor-de-uso, ele se patenteia em seu produto enquanto trabalho útil.

> No conjunto formado pelos valores-de-uso diferentes ou pelas mercadorias materialmente distintas, manifesta-se um conjunto correspondente dos trabalhos úteis diversos — classificados por ordem, gênero, espécie, subespécie e variedade —, a divisão social do trabalho. (MARX, 2008, pág.64)

A contraposição de valores-de-uso distintos permite a formação do conjunto de mercadorias materialmente distintas, e a tal diferença corresponde o conjunto de trabalhos úteis diversos. Diferentes valores-de-uso representam um conjunto porque são produzidos por um conjunto de trabalhos úteis diversos, ou seja, tal diversidade de valores-de-uso e trabalho deve ser observada em conjunto e não separadamente. Apenas consideradas em conjunto as mercadorias representam o resultado do trabalho útil e expressão do conjunto dos tipos de trabalhos úteis diversos. As mercadorias, ao se contraporem na formação de valor, expressam não apenas a diversidade de valores-de-uso como espécies, mas expressam também a divisão de trabalho enquanto um conjunto de trabalhos úteis.

Não é possível compreender o surgimento das mercadorias sem compreender o surgimento da divisão social do trabalho: “Ela é condição para que exista a produção de mercadorias, embora, reciprocamente, a produção de mercadorias não seja condição necessária para a existência da divisão social do trabalho.” (MARX, 2008, pág.64) A contraposição de mercadorias expressa relações mais amplas, como a divisão do trabalho e a produção social do valor-de-uso. Porém, o trabalho útil

particular é o fundamento através do qual as mercadorias se contrapõem na medida em que expressam o resultado da divisão social do trabalho:

> Na velha comunidade indiana, há a divisão social do trabalho, sem que os produtos se convertam em mercadorias. Ou um exemplo mais próximo: em cada fábrica existe a divisão sistemática do trabalho, mas essa divisão não leva os trabalhadores a trocarem seus produtos individuais. Só se contrapõem, como mercadorias, produtos de trabalhos privados e autônomos, independentes entre si. (MARX, 2008, pág.64)

O valor-de-uso social, ao suprassumir as qualidades úteis das mercadorias, passa a representar determinada atividade produtiva e sua finalidade, ou seja, o trabalho útil: "Está, portanto, claro: o valor-de-uso de cada mercadoria representa determinada atividade produtiva subordinada a um fim, isto é, um trabalho útil particular." (MARX, 2008, pág.64) O valor-de-uso das coisas é produzido por atividades produtivas determinadas no interior do trabalho útil e expressam qualidades úteis produzidas por um trabalho privado e autônomo. A distinção qualitativa dos trabalhos úteis passa a determinar a contraposição das mercadorias, porém enquanto valor-de-uso social: "Valores-de-uso não podem se opor como mercadorias quando neles não estão inseridos trabalhos úteis qualitativamente distintos." (MARX, 2008, pág.64) O valor-de-uso das coisas torna-se expressão do trabalho útil particular na medida em que se torna também valor-de-uso social, portanto às qualidades úteis se contrapõem produtos do trabalho útil. Os trabalhos úteis no interior das coisas entram em relação na medida em que as mercadorias se contrapõem:

> Numa sociedade cujos produtos assumem, geralmente, a forma de mercadoria — isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias —, essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis executados, independente uns dos outros, como negócio particular de produtores autônomos, leva a que se desenvolva um sistema complexo, uma divisão social do trabalho. (MARX, 2008, pág.64)

A contraposição das mercadorias expressa a diferença qualitativa do trabalho, e, a partir disso, temos a divisão social do trabalho. Por sua vez, a divisão do trabalho se desenvolve a partir da produção de produtores autônomos tão independentes uns dos outros quanto as mercadorias por eles produzidas. A contraposição das mercadorias contribui para o complexo desenvolvimento da divisão social do trabalho, muito embora tal contraposição tenha se originado da diferença qualitativa das mercadorias. Os trabalhos autônomos e particulares refletem uma lógica ampla e complexa do desenvolvimento da divisão social do trabalho. Nesse sentido, aquilo que

Marx denomina o valor-de-uso de uma mercadoria transparece no caráter impessoal do valor-de-uso social: “Para o casaco, tanto faz ser usado pelo alfaiate ou pelo freguês do alfaiate. Em ambos os casos, funciona como valor-de-uso.” (MARX, 2008, pág.64) O valor-de-uso social produzido por produtores autônomos transforma o valor-de-uso das coisas em mercadorias que se contrapõem na medida em que expressam trabalhos úteis e qualidades distintas entre si. O trabalho particular necessário não interfere nas relações de trocas entre valores-de-uso sociais: “A existência da relação entre o casaco e o trabalho que o confecciona não depende de o ofício de alfaiate se tornar uma profissão especial, um ramo autônomo da divisão social do trabalho.” (MARX, 2008, pág.64)

O trabalho é uma necessidade natural e, ao mesmo tempo, instrumento capaz de promover o intercâmbio entre os homens e libertá-los da imediatez dessas mesmas necessidades naturais. Assim como os homens transformam suas relações e necessidades imediatas em relações mais complexas, o mesmo ocorre com o trabalho. Portanto, o trabalho útil e a divisão do trabalho são produtos da historicidade do próprio trabalho. Assim como modificam as formas da matéria, os homens também modificam as formas do trabalho:

> A existência da relação entre o casaco e o trabalho que o confecciona não depende de o ofício de alfaiate se tornar uma profissão especial, um ramo autônomo da divisão social do trabalho. Antes de surgir um alfaiate, o ser humano costurou durante milênios, pressionado pela necessidade de vestir-se. Mas o casaco, o linho, ou qualquer componente da riqueza material que não seja dado pela natureza, tinha de originar-se de uma especial atividade produtiva, adequada a determinado fim e que adapta certos elementos da natureza às necessidades particulares do homem. O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem — quaisquer que sejam as formas de sociedade —, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana. (MARX, 2008, pág.64)

Quanto mais social o trabalho se torna, mais evidente o caráter natural do trabalho ao satisfazer as necessidades naturais dos homens. A divisão social do trabalho nasce do próprio trabalho útil e não deixa de ser produto da evolução do trabalho enquanto substância homogênea criadora de valor. As formas complexas de trabalho não perdem de vista o caráter natural do trabalho, ao contrário, reforçam a ligação entre o homem e a natureza: “Os valores-de-uso, casaco, linho, etc., enfim, as mercadorias, são conjunções de dois fatores, matéria fornecida pela natureza e

trabalho." (MARX, 2008, pág.65) Falar em desenvolvimento do trabalho é refletir sobre seus aspectos naturais e em sua capacidade de transformar a natureza incluindo os homens e suas necessidades. Além de uma categoria filosófica, o trabalho deve ser visto como uma necessidade natural do homem, por mais desenvolvida e complexa que seja a divisão social do trabalho; dessa forma, o trabalho não deixa de ser uma imediatidade mediada.[11]

Assim como o valor-de-uso social não deixa de conter o valor-de-uso das mercadorias ou suas qualidades úteis, ele também não deixa de conter o substrato material extraído da natureza: "Extraindo-se a totalidade dos diferentes trabalhos úteis incorporados ao casaco, ao linho, etc., resta sempre um substrato material, que a natureza, sem interferência do homem, oferece." (MARX, 2008, pág.65) Os diversos trabalhos úteis não deixam de ser substratos materiais incorporados aos valores-de-uso, porém aquilo que não pode ser abstraído do valor-de-uso representa o substrato material originário da natureza sem a interferência do trabalho humano. Diferentemente dos trabalhos úteis, o substrato material não incorporado pela interferência do homem ao valor-de-uso é o que resta quando todos os trabalhos úteis são abstraídos dos valores-de-uso. Esse substrato é o que não pode ter valor, porque sua origem está na natureza e não é produzido pelo trabalho humano. Enquanto é possível abstrair os diferentes trabalhos úteis de uma mercadoria, o mesmo não se pode dizer do substrato material que a natureza oferece e que está presente nos valores-de-uso sem a interferência humana.

A matéria se transforma através das ações dos homens e da natureza, mas trata-se de uma transformação da forma da matéria, ou seja, seu conteúdo subsiste mesmo a despeito das transformações de suas formas pelo trabalho do homem ou da

[11] Sobre a origem da reflexão e o movimento do abstrato ao concreto, observamos uma forte influência de Hegel sobre o pensamento de Marx: "Na pura reflexão do início, tal como ele é feito nessa lógica com o ser como tal, a passagem ainda está oculta; porque o ser é apenas posto como imediato, o nada apenas irrompe nele imediatamente. Mas todas as determinações subsequentes, como logo em seguida a existência [Dasein], são mais concretas; nessa já está posto o que contém e o que produz a contradição daquelas abstrações e, por conseguinte, sua passagem. Junto ao ser como aquele simples, imediato, a recordação de que é resultado da perfeita abstração, portanto, que já é por isso negatividade abstrata, o nada, é abandonado antes da ciência, a qual, no interior dela mesma, expressamente irá expor, a partir da essência, aquela imediatidade unilateral como uma imediatidade mediada, onde é posto o ser como existência [Existenz] e o mediador desse ser, o fundamento." (HEGEL, 2011, pág.90)

natureza: “O homem ao produzir, só pode atuar como a própria natureza, isto é, mudando as formas da matéria.” (MARX, 2008, pág.65)

> Nesse trabalho de transformação, é constantemente ajudado pelas forças naturais. O trabalho não é, por conseguinte, a única fonte de valores-de-uso que produz, da riqueza material. Conforme diz Willian Petty, o trabalho é o pai, mas a mãe é a terra. (MARX, 2008, pág.65)

A origem do valor-de-uso encontra-se na relação do homem com a natureza do trabalho, portanto não existe valor-de-uso fora da natureza. O trabalho transforma as formas da matéria a partir das necessidades humanas; nesse sentido, o trabalho é comparado por Marx com a atividade da própria natureza. Dessa forma, o trabalho não é o oposto da natureza, mas desenvolve também o processo de transformação das formas da matéria. Modificar as formas da matéria não deixa de ser uma modificação das formas dos valores-de-uso e de sua materialidade imanente:

> Ficou estabelecido que o casaco vale duas vezes mais que o linho. Mas essa diferença puramente quantitativa não nos interessa no momento. E, se o casaco tem o dobro do valor de 10 metros de linho, 20 metros de linho têm valor igual ao do casaco. Como valores, casaco e linho são coisas de igual substância, expressões objetivas de trabalho de natureza igual. Mas o ofício de alfaiate e o de tecelão são trabalhos qualitativamente diversos. (MARX, 2008, pág.65)

O trabalho se objetiva nas coisas, e o valor das coisas demonstra essa objetividade. Os valores expressam a substância igual inerente a valores-de-uso distintos. Assim como a matéria é o que resta quando abstraímos os trabalhos úteis de uma coisa, esses trabalhos úteis que se abstraem das coisas representam uma substância comum. Portanto, a relação entre trabalho e valor-de-uso não deixa de ser uma relação entre substância e matéria, entre corpo e forma dos valores-de-uso. A natureza igual existente entre trabalhos distintos desvela o caráter substancial do trabalho e uma objetividade que se expressa na substância igual inerente aos trabalhos qualitativamente distintos. A diferença quantitativa dos valores das coisas só pode ser mensurada porque existe uma substância que se expressa a partir dessa igualdade substancial originada no trabalho. Os diferentes tipos de trabalho não impedem que a substância do trabalho se expresse através das coisas, portanto a natureza igual do trabalho gera a substância igual entre as coisas.

Trabalhos qualitativamente distintos são trabalhos úteis passíveis de serem abstraídos da materialidade natural dos valores-de-uso. Os inúmeros trabalhos úteis necessários para a produção de valores-de-uso possuem substância capaz de

modificar a forma da matéria. A diversidade de trabalhos úteis presentes num valor-de-uso representa a diferença entre forma da matéria e o elemento puramente material dos objetos envolvidos numa relação de valor. Tal multiplicidade de trabalhos úteis ou de formas inerentes aos valores-de-uso contribui para que o valor surja como algo homogêneo e passível de ser abstraído da materialidade puramente material de um valor-de-uso. A divisão social do trabalho contribui para que o trabalho se torne uma forma homogênea através do valor.[12] Nesse sentido, Marx ilustra a natureza substancial do trabalho inerente às mercadorias demonstrando a capacidade de uma mesma pessoa em produzir coisas diversas num mesmo dia de trabalho ou a capacidade de desempenhar diversas funções no interior de um mesmo processo produtivo.

A natureza do trabalho não se distingue a despeito de sua multiplicidade fenomênica. Marx contrapõe a igualdade da natureza substancial em relação à diversidade e à multiplicidade das formas de trabalho, ou seja, a substância universal do valor em relação aos diversos modos de manifestação empírica do trabalho. Porém, a substancialidade do trabalho só pode ser desvelada através da divisão do trabalho, através da capacidade de se abstrair de uma única atividade de trabalho tal como no estágio social descrito por Marx:

> Há estágios sociais em que a mesma pessoa, alternativamente, costura e tece, em que esses dois tipos diferentes de trabalho são apenas modalidades do trabalho do mesmo indivíduo e não ofícios especiais, fixos, de indivíduos diversos, do mesmo modo que o casaco feito hoje por nosso alfaiate e as calças que fará amanhã não passam de variações do mesmo trabalho individual. (MARX, 2008, pág.65)

Diversas qualidades de trabalho são realizadas a partir da substância do trabalho útil, e os trabalhadores passam a desenvolver múltiplas capacidades tendo

---

[12] Acerca da relação entre valor-de-uso e valor-de-uso social, podemos refletir as contradições da mercadoria. Segundo Christopher J. Arthur: “Parece claro que a mercadoria é, como o próprio Marx afirmava, a forma-celular que ele precisava. O programa de pesquisa tomou, portanto, a forma de derivar a partir da mercadoria primeiro a moeda e depois o capital. Mas o que precisamente são as formas iniciais — e como avançamos? Para começar, parece de fato ser o caso em que a mercadoria não pode ser um ponto de partida apropriado, pois não se qualifica na medida em que falha em atender ambos os critérios anteriormente colocados, ou seja, a simplicidade e a determinação histórica.
- O primeiro porque, após a análise, revela-se que a própria mercadoria incorpora uma dicotomia intrigante: é um bem na medida em que serve como um valor-de-uso; e, por outro lado, uma determinação diferente, oposta inclusive, é encontrada nela, a da troca.
- O segundo porque esta forma-mercadoria se apega a coisas que não são nem mesmo produtos do trabalho; e, mesmo que estejam excluídas por regra, está suficientemente evidente que a troca de mercadorias de algum tipo surge em épocas pré-capitalistas.” (ARTHUR, 2016, pág.44)

em vista o desenvolvimento da substancialidade do trabalho útil. Assim como os produtos encarnam diversos tipos de trabalho sem perder a substancialidade do trabalho útil, os trabalhadores também passam a desenvolver qualidades distintas de trabalhos sem comprometer o desenvolvimento ou substância do trabalho útil. Do mesmo modo que um alfaiate faz um casaco num dia e noutro uma calça, o trabalhador pode tecer e costurar sem que se perda o caráter útil do seu trabalho. Muito pelo contrário, o desvelamento do trabalho útil efetivou-se a partir das múltiplas qualidades de trabalho presentes num valor-de-uso. A coisa além de um valor-de-uso, possui múltiplas qualidades de trabalho que não deixam de ser trabalho útil ou substância homogênea criadora de valor.

A sociedade capitalista representa uma forma social que permite a existência de diversos ofícios numa determinada porção de trabalho. Diferentes formas de trabalho representam frações de uma mesma porção de trabalho:

> Verifica-se, a uma simples inspeção, que, em nossa sociedade capitalista, se fornece uma porção dada de trabalho humano, ora sob a forma do ofício do alfaiate, ora sob a forma do ofício do tecelão, conforme as flutuações da procura do trabalho. (MARX, 2008, pág.66)

O mesmo trabalho se transforma em diversos tipos de trabalho sem deixar de ser a mesma porção de trabalho original. Essa porção que se transforma não deixa de ser trabalho útil, não deixa de ser porção da substância humana do trabalho.[13] A variação da forma de trabalho é uma necessidade da produção capitalista e um produto do desenvolvimento das forças produtivas. Por mais que se desenvolva a diversidade de formas de trabalho, o trabalho útil continua a subsistir enquanto dispêndio de força humana de trabalho. Quanto mais social a força de trabalho, maior a diversidade de tipos de trabalho no interior dos valores-de-uso ou das mercadorias. Orientar-se através do caráter substancial do trabalho é concebê-lo enquanto dispêndio de força humana e não enquanto um átomo cindido pelas múltiplas formas concretas do aparecer fenomênico do trabalho:

[13] Acerca do impacto do capital na individualidade humana, podemos encontrar referências diretas e indiretas n'*O Capital*. Sobre o caráter humanista ou não dessas abordagens, existem muitas especulações. Segundo Marcello Musto, Marx tinha muita clareza das implicações antropológicas de sua obra: "Da crítica à instituição política, Marx passou à crítica às condições humanas nas circunstâncias historicamente dadas. Para Marx, a formação da sociedade civilizada, com a consequente transição de um regime de propriedade comum a um regime de propriedade individual, gera 'uma individualidade ainda unilateral'." (MUSTO, 2018, pág.38)

> É possível que essa variação na forma do trabalho não se realize sem atritos, mas tem de efetivar-se. Pondo-se de lado o desígnio da atividade produtiva e, em consequência, o caráter útil do trabalho, resta-lhe apenas ser um dispêndio de força humana de trabalho. (MARX, 2008, pág.66)

As mudanças do trabalho são chamadas por Marx de desígnio da atividade produtiva. Tais desígnios são as contradições a serem suprassumidas através do trabalho enquanto dispêndio de força humana de trabalho. Dessa forma, o dispêndio da força humana do trabalho é a manifestação mais desenvolvida de trabalho, representa o suprassumir do caráter útil do trabalho através da força humana de trabalho.

> O trabalho do alfaiate e do tecelão, embora atividades produtivas qualitativamente diferentes, são ambos dispêndio humano produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc., e, desse modo, são ambos trabalho humano. São apenas duas formas diversas de despender força humana de trabalho. (MARX, 2008, pág.66)

A força de trabalho é, em última análise, o dispêndio de cérebro e mãos. Não é possível separar o desenvolvimento do trabalho dos aspectos biológicos responsáveis pelo dispêndio da força de trabalho. Nesse sentido, abstrair o trabalho da materialidade dos objetos úteis não deixa de ser o reconhecimento das faculdades físicas e mentais responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho. O dispêndio das forças físicas humanas e o dispêndio de força humana de trabalho tornam-se evidentes com a divisão social do trabalho e a necessidade social de mensuração de valor dos valores-de-uso produzidos por diferentes atividades produtivas. O desenvolvimento da divisão do trabalho não altera o caráter do trabalho enquanto dispêndio de força humana. O trabalho como dispêndio de força se efetiva na divisão social do trabalho sem deixar de ser dispêndio de força humana. A evolução do trabalho necessita atingir certo desenvolvimento para que o valor da mercadoria seja representado como dispêndio de trabalho humano em geral:

> Sem dúvida, a própria força humana de trabalho tem de atingir certo desenvolvimento, para ser empregada em múltiplas formas. O valor da mercadoria, porém, representa trabalho humano simplesmente, dispêndio de trabalho humano em geral. (MARX, 2008, pág.66)

O dispêndio de força de trabalho é o que existe entre as diferentes coisas produzidas pelo trabalho, mas entre os distintos trabalhos inerentes à divisão social do trabalho também existe o dispêndio humano de força enquanto algo em comum. O desenvolvimento das diversas formas de trabalho serve para expressar o simples

trabalho humano enquanto dispêndio de força humana de trabalho. As múltiplas formas de empregar trabalho expressam o desenvolvimento das forças produtivas e, ao mesmo tempo, expressam o valor como trabalho humano ou dispêndio de força humana de trabalho. Assim, a força de trabalho tem de atingir certo desenvolvimento para expressar o trabalho simplesmente ou o valor enquanto dispêndio de trabalho humano em geral. A dialética entre o simples dispêndio de força e o complexo desenvolvimento da divisão do trabalho resulta na homogeneidade do trabalho como substância criadora de valor.

A divisão do trabalho representa a transformação do trabalho mais simples ou da forma elementar de manifestação do trabalho humano. O trabalho humano é melhor representado pelo simples ser humano e sua função inferior na sociedade burguesa. Essa função inferior é o simples trabalho a partir do qual torna-se possível o desenvolvimento das formas mais complexas de trabalho e a própria divisão social do trabalho: “Com o trabalho humano ocorre algo análogo ao que se passa na sociedade burguesa, onde em geral um banqueiro desempenha um papel importante e fica reservado ao simples ser humano uma função inferior.” (MARX, 2008, pág.66)

Não é possível explicar o trabalho a partir das suas manifestações fenomênicas, ou seja, por meio daquilo em que ele se transformou historicamente, sem reconhecermos sua natureza e simplicidade através dos trabalhos mais simples e mais próximos da naturalidade do trabalho enquanto dispêndio de força humana. Medir o trabalho humano não representa apenas uma forma de medir o valor das coisas, mas representa também uma forma de desvelar o conteúdo substancial e natural do simples trabalho humano: “Trabalho humano mede-se pelo dispêndio da força de trabalho simples, a qual, em média, todo homem comum, sem educação especial, possui em seu organismo.” (MARX, 2008, pág.66)

A evolução do trabalho simples se desenvolve através do trabalho simples médio: “O trabalho simples médio muda de caráter com os países e estágios de civilização, mas é dado numa determinada sociedade.” (MARX, 2008, pág.66) O trabalho médio não pode ser abstraído das determinações históricas de uma determinada sociedade através das quais ele se torna a fonte do valor. A transformação do trabalho simples em trabalho médio representa a transformação do trabalho em substância criadora de valor, criação de valor através da simplicidade do

trabalho simples: “Trabalho complexo ou qualificado vale como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de modo que uma quantidade dada de trabalho qualificado é igual a uma quantidade maior de trabalho simples.” (MARX, 2008, pág.66) A quantidade e a qualidade do trabalho simples são fundamentais para a criação e desenvolvimento do próprio valor: “Por mais qualificado que seja o trabalho que gera a mercadoria, seu valor a equipara ao produto do trabalho simples e representa, por isso, uma determinada quantidade de trabalho simples.” (MARX, 2008, pág.66)

O trabalho simples é mais que a unidade de medida através da qual é possível mensurar a quantidade de trabalho presente nos valores-de-uso:

> As diferentes proporções em que as diversas espécies de trabalho se reduzem a trabalho simples, como sua unidade de medida, são fixadas por um processo social que se desenrola sem dele terem consciência os produtores, parecendo-lhes, por isso, estabelecidas pelo costume. Para simplificar, considerar-se-á, a seguir, força de trabalho simples toda espécie de força de trabalho, com o que se evita o esforço de conversão. (MARX, 2008, pág.66)

A força de trabalho simples determina as espécies de trabalho e não o contrário. Nesse sentido, é possível reduzir todas as espécies de força de trabalho ao trabalho simples. Prescinde-se da diferença não apenas dos valores-de-uso, mas também as distintas formas úteis dos trabalhos representadas por atividades produtivas diversas envolvidas na produção desses valores-de-uso:

> Ao considerar os valores do casaco e do linho, prescindimos da diferença dos seus valores-de-uso, e, analogamente, ao focalizar os trabalhos que se representam nesses valores, pomos de lado a diferença entre suas formas úteis, a atividade do alfaiate e a do tecelão. (MARX, 2008, pág.67)

As diferenças entre valores-de-uso e formas de trabalho podem ser abstraídas tendo em vista o desvelar do simples trabalho humano. Por outro lado, tais diferenças constituem o meio através do qual o valor emerge numa relação de valor, da oposição entre valores-de-uso e formas qualitativas distintas de trabalho.

> Os valores-de-uso casaco e linho resultam de atividades produtivas, subordinadas a objetivos, associadas com pano e fio, mas os valores casaco e linho são cristalizações homogêneas de trabalho; os trabalhos contidos nesses valores são considerados apenas dispêndios de força humana de trabalho, pondo-se de lado sua atuação produtiva relacionada com o pano e o fio. (MARX, 2008, pág.67)

Valores-de-uso e valor entram em relação assim como o pano e o fio entram em relação com o trabalho humano. O valor-de-uso de uma coisa é diferente do valor na medida em que casaco e linho passam a representar cristalização do trabalho humano. A separação entre o dispêndio de força e a atividade produtiva permite o desvelamento da diferença entre valor-de-uso e valor. Os objetos são produtos das atividades produtivas e também do dispêndio de força humana de trabalho. Mas, para se obter o valor das coisas, é necessário distinguir as atividades produtivas do dispêndio de força de trabalho. As transformações do pano e do fio em casaco e linho são transformações nos valores-de-uso e não do trabalho como dispêndio de força humana, que permanece o mesmo, a despeito das múltiplas formas concretas de trabalho no interior das atividades produtivas. Modificam-se as formas de trabalho concretas no interior das atividades produtivas e os valores-de-uso, porém o simples trabalho humano como dispêndio de força de trabalho humano continua a existir independentemente das transformações dos valores-de-uso e da diversidade de formas de atividades produtivas. O dispêndio de força humana de trabalho distingue-se, portanto, daquilo que resulta da cristalização homogênea do trabalho.

Qualidades distintas de trabalhos produzem valores-de-uso distintos, mas a substância do trabalho é a mesma entre valores-de-uso distintos e atividades produtivas diferentes. A substância do trabalho perpassa atividades produtivas e valores-de-uso, dela se originam os vários tipos de trabalho e de valores-de-uso. O trabalho humano comum presente em coisas distintas não deixa de ser uma qualidade, a qualidade da substância do valor comum nos valores-de-uso distintos:

> O trabalho do alfaiate e o do tecelão são os elementos que criam valores-de-uso, casaco e linho, exatamente por força de suas qualidades diferentes; só são substância do valor do casaco e do valor do linho quando se põem do lado suas qualidades particulares, restando a ambos apenas uma única e mesma qualidade, a de serem trabalho humano. (MARX, 2008, pág.67)

A substância do valor é uma qualidade comum presente nos valores-de-uso diversos, mas representa também a força humana do trabalho. Ela não é somente o que está contido nas coisas, ou seja, a qualidade comum das coisas, mas representa também a força de trabalho através da qual originam-se as distintas formas de trabalho. A relação entre trabalho simples e complexo não deixa de ser a relação entre os valores-de-uso e a força de trabalho capaz de originar tais valores-de-uso, assim como é capaz de originar também as múltiplas formas de trabalho ou o trabalho

complexo. O trabalho simples determina a grandeza das coisas, e, graças a tal determinação, as coisas são consideradas valores determinados: “Casaco e linho são valores, mas valores que têm uma determinada grandeza, e, conforme o nosso pressuposto, o casaco vale o dobro de dez metros de linho.” (MARX, 2008, pág.67)

A grandeza dos valores não é produto apenas da quantidade de trabalho contida nos valores-de-uso. Apenas diante de uma relação de valor é possível mensurar a grandeza dos valores. Nesse sentido, Marx pergunta acerca da origem da diferença entre as grandezas dos valores: “Donde se origina essa diferença na grandeza dos valores?” (MARX, 2008, pág.67) A diferença da grandeza dos valores está relacionada com a quantidade de trabalho contida nas coisas, mas a grandeza dos valores só pode ser mensurada através da diferença qualitativa das coisas produzidas por trabalhos qualitativamente distintos. Quantidades de trabalho diversas e necessárias produzem as coisas como espécies através de um tempo médio de força de trabalho: “Decorre de estar contido no linho metade do trabalho que se encerra no casaco, tendo de ser despendida força de trabalho para a produção deste durante o dobro do tempo requerido para a produção daquele.” (MARX, 2008, pág.67) Não só o tempo de trabalho distingue o linho do casaco, eles representam valores-de-uso distintos mesmo sendo compostos por uma matéria-prima comum. Nesse sentido, apenas o trabalho simples pode ser encontrado enquanto algo comum entre os dois valores-de-uso distintos produzidos por quantidades de tempo de trabalho também diferentes.

O fato de o casaco ser o dobro do linho desvela algo em comum entre o casaco e o linho. Desvela que há um trabalho comum entre trabalhos qualitativamente distintos, ou seja, o trabalho simples como dispêndio de forma humana do trabalho. A força de trabalho cria valor, mas para isso é preciso que o trabalho complexo se desenvolva e produza diversos produtos capazes de materializar o dispêndio de força humana do trabalho. O valor não subsiste enquanto contradição entre quantidades de trabalho e diversidade de trabalhos, mas supera essa contradição e manifesta a homogeneidade da substância humana do trabalho enquanto dispêndio de força humana de trabalho. O movimentar-se dialético dos conceitos na obra de Marx representa o cerne de sua estrutura metodológica e dialética. Ao comentar aspectos metodológicos da obra de Marx, Rosdolky ressalta o esforço de Marx em superar as dicotomias entre essência e aparência: “É certo que, em *O Capital*, Marx também opõe

constantemente o movimento real e interno da produção capitalista ao seu movimento apenas aparente, tal como se apresenta na concorrência.” (ROSDOLSKY, 2011, pág.56)

O valor expressa não somente grandezas quantitativas, mas também qualidades homogêneas. Enquanto no valor-de-uso verificamos as diferentes qualidades dos trabalhos, no valor-de-uso social vislumbramos a homogeneidade do simples trabalho humano ao lado do trabalho complexo inerente à divisão social do trabalho. A conversão do trabalho contido na mercadoria em simples trabalho humano desvela a qualidade substancial do trabalho e sua grandeza enquanto quantidade de tempo de trabalho:

> Se o trabalho contido na mercadoria, do ponto de vista do valor-de-uso, só interessa qualitativamente, do ponto de vista da grandeza do valor só interessa quantitativamente e depois de ser convertido em trabalho humano, puro e simples. No primeiro caso, importa saber como é e o que é o trabalho, no segundo, sua quantidade, a duração de seu tempo. Uma vez que a grandeza do valor de uma mercadoria representa apenas a quantidade de trabalho nela contida, devem as mercadorias, em determinadas proporções, possuir valores iguais. (MARX, 2008, pág.67)

O simples trabalho humano é a medida de valor que permite a comparação entre quantidades distintas de tempo de trabalhos em valores-de-uso diferentes. O simples trabalho humano é a medida e o conteúdo do valor inerente aos valores-de-uso enquanto transportes de valores. Do ponto de vista do valor-de-uso, é a qualidade de trabalho que determina a comparação entre valores-de-uso diversos. Porém, a grandeza do valor compara as proporções de simples trabalho presentes nas mercadorias ou valores-de-uso social. Para que haja essa comparação, os valores refletem não apenas proporções de tempo de trabalho, mas a transformação de valor-de-uso em valor-de-uso social ou a redução do trabalho complexo ao simples trabalho humano.

A qualidade do trabalho útil permanece a mesma e corresponde a um determinado fim representado por um valor-de-uso. Porém, o tempo médio de trabalho necessário pode ser alterado com a produtividade sem que a qualidade do trabalho útil e a finalidade do valor-de-uso sejam alterados. A magnitude do valor é definida pelo trabalho médio necessário na produção de um valor-de-uso, ou seja, trabalho

necessário para produzir uma espécie de valor-de-uso que equivale a uma espécie de qualidade de trabalho útil:

> Permanecendo invariável a produtividade de todos os trabalhos úteis exigidos para a produção de um casaco, a magnitude do valor dos casacos eleva-se com a respectiva quantidade. Se um casaco representa x dias de trabalho, dois casacos representarão 2 x. Admitamos que se duplique o trabalho necessário para a produção de um casaco, ou que se reduza à metade. No primeiro caso, um casaco passa a ter um valor que antes possuíam dois; no segundo, dois casacos passam a ter o valor de um, embora, em ambas as hipóteses, o casaco tenha a mesma utilidade de antes e o trabalho útil nele contido continue sendo da mesma qualidade. Mudou, porém, a quantidade de trabalho despendida em sua produção. (MARX, 2008, pág.67)

A existência dos valores-de-uso como espécies de valores-de-uso está relacionada com o desenvolvimento do trabalho como força média de trabalho. A produtividade desvela a relação entre utilidade e trabalho, entre valor-de-uso social e trabalho útil.[14] A qualidade do trabalho útil e a qualidade dos valores-de-uso não se alteram a partir da produtividade, porém o trabalho necessário passará a determinar a relação de valor entre as coisas na medida em que as proporções de trabalhos necessários se alteram com o desenvolvimento da produtividade. Qualidades distintas de trabalhos úteis e valores-de-uso distintos entram em relação com a produtividade do trabalho e será a partir dessa relação que o valor se origina. A qualidade de um trabalho se expressa através da qualidade de um valor-de-uso, e as espécies de valores-de-uso se formam a partir dessas determinações qualitativas sobre o trabalho e o valor-de-uso. A relação entre espécies de valores-de-uso representa uma relação entre qualidades de valores-de-uso, mas tal relação depende da produtividade e da quantidade de trabalho necessário para que se efetive uma relação de valor entre valores-de-uso distintos qualitativamente.[15]

---

[14] Encontramos na obra de Alfred Schmidt, *El concepto de naturaleza em Marx*, uma relevante contribuição acerca da relação entre Marx e Feuerbach, conforme podemos verificar no seguinte trecho: “Las interpretaciones tradicionales de la relación Feuerbach-Marx se limitan en su mayor parte a indagar en quê medida la crítica ateísta de Feuerbach contra la religión y la metafísica espiritualista ha estimulado o diretamente possibilitado la crítica de Marx a Hegel. La base naturalista-antropológica de los motivos críticos de Feuerbach resulta entonces menos visible, aunque sea de mucha mayor significación que lo que se supone habitualmente para la historia del origen de la dialética materialista.” (SCHMIDT, 2011, pág.18)

[15] O salto qualitativo representa uma categoria central da filosofia dialética, e acerca disso Domênico Losurdo comentou em seu livro *A hipocondria da antipolítica*: “Isso acontece apenas em Hegel: na sua lógica, como se sabe, a categoria do salto qualitativo é central.” (LOSURDO, 2019, pág. 30)

Quanto menor o valor de um valor-de-uso, maior sua quantidade. Dessa forma, a substância do trabalho cria valor à medida que é capaz de criar maior quantidade de valores-de-uso através de uma menor quantidade de tempo necessário para a produção desses valores-de-uso:

> Uma quantidade maior de valor-de-uso cria, de *per si*, maior riqueza material: dois casacos representam maior riqueza que um. Com dois casacos podem agasalhar-se dois homens, com um casaco só um etc. Não obstante, ao acréscimo da massa de riqueza material pode corresponder uma queda simultânea no seu valor. Esse movimento em sentidos opostos se origina do duplo caráter do trabalho. (MARX, 2008, pág.68)

O valor é antes de tudo uma espécie de valores-de-uso, uma massa de riqueza conforme definiu o próprio Marx. Para que essa massa de riqueza se reproduza como espécie de mercadoria, é preciso que o valor de cada valor-de-uso caia em função da massa de riqueza e se reproduza como espécie média ou valor-de-uso social.

> Produtividade é sempre produtividade do trabalho concreto, útil e apenas define o grau de eficiência da atividade produtiva adequada a certo fim, em dado espaço de tempo. O trabalho útil torna-se, por isso, uma fonte mais ou menos abundante de produtos, na razão direta de elevação ou da queda de sua produtividade. Por outro lado, nenhuma mudança na produtividade atinge intrinsicamente o trabalho configurado no valor. (MARX, 2008, pág.68)

O trabalho configurado no valor é o trabalho útil que não sofre a interferência da produtividade. Trabalho útil e trabalho configurado nas coisas representam a fonte de valor e, ao mesmo tempo, a substância do valor que não se altera diante da produtividade do trabalho. O trabalho útil é o que se configura no valor, ou seja, é a substância configurada nos valores-de-uso e no valor ao mesmo tempo. Entre o trabalho útil e o trabalho configurado no valor, existe a variação de quantidades de valores-de-uso que não altera a quantidade de trabalho que se configura nas coisas. A magnitude de trabalho útil é a fonte de valor através da qual a massa de valores-de-uso corresponderá independentemente da produtividade; dessa forma, a produtividade não atinge o trabalho configurado no valor. As coisas são produzidas a partir da mesma substância configurada no valor, e a expansão da produtividade não compromete o trabalho útil enquanto substância criadora de valor e que também se configura no valor.

A produtividade não atinge nem magnitude do valor, nem tampouco o trabalho abstraído de sua forma concreta. A produtividade altera apenas a forma concreta das coisas úteis e os aspectos concretos do trabalho:

> Uma vez que a produtividade pertence à forma concreta, útil, de trabalho, não pode ela influir mais no trabalho quando abstraímos de sua forma concreta, útil. Qualquer que seja a mudança na produtividade, o mesmo trabalho, no mesmo espaço de tempo, fornece sempre a mesma magnitude de valor. Mas, no mesmo espaço de tempo, gera quantidades diferentes de valores-de-uso: quantidade maior quando a produtividade aumenta, e menor, quando ela decai. (MARX, 2008, pág.68)

Determinada magnitude de valor pode gerar mais valores-de-uso a partir da produtividade sem que tal magnitude de trabalho útil seja alterada. A condição para que a produtividade gere mais valores-de-uso é que a magnitude do valor não seja alterada, que determinada quantidade de trabalho útil não se altere com o desenvolvimento da produtividade. A massa de valores-de-uso representa uma magnitude de valor a partir dos efeitos da produtividade, portanto a diminuição ou elevação da magnitude do valor não altera o trabalho configurado no valor:

> Consideremos ainda a variação da produtividade. A mesma variação da produtividade que acresce o resultado do trabalho e, em consequência, a massa dos valores-de-uso que ele fornece reduz a magnitude do valor dessa massa global aumentada quando diminui o total de tempo do útil; torna-se, por isso, uma fonte mais ou menos abundante de produtos, na razão direta de elevação ou da queda de sua produtividade. Por outro lado, nenhuma mudança na produtividade atinge intrinsicamente o trabalho configurado no valor. (MARX, 2008, pág.68)

Dessa forma, o trabalho configurado no valor se distingue dos efeitos da produtividade que acometem principalmente a forma concreta e útil do trabalho. O elemento intrínseco do trabalho é a sua natureza substancial que permanece inalterada a despeito dos movimentos da produtividade. Através da produtividade, podemos perceber a distinção entre as formas úteis do trabalho e a abstração dessas formas úteis expressa através da magnitude do valor:

> Para demonstrar que “apenas o trabalho é a medida definitiva e real com que se avalia e compara o valor de todas as mercadorias em todos os tempos”, diz Adam Smith: “Quantidades iguais de trabalhos, em todos os tempos e em todos os lugares, devem ter o mesmo valor para o trabalhador. No seu estado normal de saúde, força e atividade e com o grau médio de destreza que possua, tem sempre de ceder a mesma porção de lazer, liberdade e felicidade.” (*Wealth of nation*, v.I, cap. 5, [pp. 104 e 105.]) De um lado, A. Smith confunde, aí (embora

> nem sempre), a determinação do valor pela quantidade de trabalho despendido na produção da mercadoria com a determinação dos valores das mercadorias pelo valor do trabalho, e procura, por isso, demonstrar que iguais quantidades de trabalho têm sempre o mesmo valor. Por outro lado, pressente ele que o trabalho, enquanto representado no valor da mercadoria, só conta com dispêndio de força de trabalho, mas concebe dispêndio apenas como sacrifício de ócio, liberdade e felicidade, sem considerar que é também uma função normal da vida. Tem por certo em vista o moderno assalariado. O antecessor anônimo de A. Smith, citado na nota 9, diz de maneira muito mais precisa: "Um homem gastou uma semana para fabricar um artigo de consumo. (...) e a pessoa que lhe dará outro em troca, para melhor determinar o equivalente exato, bastará computar o que lhe custa o mesmo trabalho e o mesmo tempo; isto, com efeito, não é mais do que trocar o trabalho empregado por um homem numa coisa, durante certo tempo, pelo trabalho de outro em outra coisa, durante o mesmo tempo. (*Some thoughts on the interest of Money in general* etc., p. 39). (MARX, 2008, pág.68)

A redução da magnitude do valor através da produtividade não reduz a quantidade de valores-de-uso produzidas por uma determinada magnitude de valor. O resultado do trabalho acresce a massa global de valores-de-uso à medida que diminui o tempo necessário de trabalho. Há uma diminuição da magnitude de valor da massa de valores-de-uso e, ao mesmo tempo, a ampliação da quantidade de valores-de-uso ou da quantidade da massa global de valores-de-uso. Dessa forma, a magnitude de valor original com o impacto da produtividade passa a acrescer trabalho e, consequentemente, mais valores-de-uso. Maior quantidade de valores-de-uso diminui o valor da massa de valores-de-uso sem comprometer a magnitude de valor original convertida em massa aumentada de valores-de-uso a partir da produtividade:

> Casaco e linho são valores, mas valores que têm uma determinada grandeza, e, conforme nosso pressuposto, o casaco vale o dobro de 10 metros de linho. Donde se origina essa diferença nas grandezas dos valores? Decorre de estar contido no linho metade do trabalho que se encerra no casaco, tendo de ser despendida força de trabalho para a produção deste durante o dobro do tempo requerido para a produção daquele. (MARX, 2008, pág.69)

Os esforços de Marx para conceituar o trabalho chegam a identificar duas naturezas do trabalho enquanto dispêndio de força humana. O trabalho abstrato que cria o valor das mercadorias e o trabalho como o dispêndio de força humana para um determinado fim enquanto trabalho concreto que produz valores-de-uso:

> Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um

> determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso. (MARX, 2008, pág.68)

O crescimento da massa de valor-de-uso não representa o crescimento da massa do valor. O trabalho acrescido com a produtividade se transforma em coisa útil, quer dizer, em valores-de-uso na medida em que o valor cai com a diminuição do tempo necessário para a produção das coisas. A manutenção da magnitude do valor é a manutenção do trabalho simples como medida do valor que a produtividade não altera ao produzir as coisas. A produtividade só é possível enquanto consequência da não alteração da magnitude do valor enquanto expressão do trabalho abstrato; nesse sentido, a massa de valores-de-uso e a massa de valor se desenvolvem a partir da magnitude de valor ou trabalho abstrato empregado na produção das coisas úteis.

As distintas formas de trabalho desvelam o caráter duplo do trabalho, distinguem o trabalho a partir do que ele produz quantitativamente e qualitativamente. A produção de valor-de-uso representa a natureza quantitativa do trabalho, enquanto a produção de valor é determinada pela natureza qualitativa do trabalho humano:

> A língua inglesa tem a vantagem de possuir duas palavras distintas para designar esses dois aspectos diferentes do trabalho. O trabalho que gera valores-de-uso e se determina quantitativamente chama-se de “work”, distinguindo-se, assim, de “labour”, o trabalho que cria valor e que só pode ser avaliado qualitativamente. (MARX, 2008, pág.69)

3. A tessitura do valor

O valor-de-uso é objeto e transporte de valor, sua duplicidade é a duplicidade do objeto sob a forma de mercadoria, ou seja, o tornar-se mercadoria de uma coisa através do duplo caráter do valor-de-uso social. A ambiguidade da mercadoria é a sua condição de objeto que deixou de ser apenas algo útil e se transformou em valor. O deixar de ser simplesmente uma coisa útil representa uma relação entre o exterior e interior da mercadoria, uma relação que põe em movimento aspectos abstratos inerentes a essa coisa útil. O valor-de-uso se transforma em transporte de valor, isso quer dizer, em movimento material do valor em direção a uma relação de valor entre mercadorias distintas entre si.

Assim como existe o aspecto natural da mercadoria e o seu aspecto social, existem também aspectos materiais e abstratos da mercadoria. A mercadoria veio ao mundo sob a forma material, mas ganha forma social por meio do valor ou enquanto transporte do valor. Para que surja o valor através das mercadorias, é preciso que haja o transporte do valor através do valor-de-uso. O aspecto natural da mercadoria passa a conviver com seu aspecto social, a coisa útil não pode ser abstraída dos trabalhos úteis responsáveis por sua utilidade e incorporado à sua materialidade:

> As mercadorias vêm ao mundo sob a forma de valores-de-uso, de objetos materiais, como ferro, linho, trigo etc. É a sua forma natural, prosaica. Todavia, só são mercadorias por sua duplicidade, por serem ao mesmo tempo objetos úteis e veículos de valor. Por isso, patenteiam-se como mercadorias, assumem a feição de mercadoria, apenas na medida em que possuam dupla forma, aquela forma natural e a de valor. (MARX, 2008, pág.69)

A mercadoria não é composta apenas de elementos naturais, elas se movimentam como qualidades úteis e valor. Enquanto não se transformam em valor, as mercadorias transportam valor, quer dizer, transportam a materialidade dos valores-de-uso em direção à relação de valor. Esse transporte na diversidade de coisas úteis é o que possibilita a transformação do valor-de-uso em valor. Os valores-de-uso transportam valor porque são diferentes entre si; essa diferença é o transporte e o que é transportado ao mesmo tempo. O fato de haver multiplicidade de objetos úteis gera a necessidade do valor e, consequentemente, de transporte de valores-de-uso.

O transporte de valor é o que fica do valor-de-uso com a efetividade do valor, qualidade mais próxima da mercadoria do que do valor-de-uso. Tal transporte do valor é uma necessidade do valor-de-uso social, quer dizer, da mercadoria numa relação de valor. Então, o movimento do valor-de-uso como um transporte de valor representa o transporte da materialidade da mercadoria e do valor abstraindo-se de qualidades particulares do próprio valor-de-uso. O transporte do valor é o transporte da materialidade das coisas e da imaterialidade do trabalho abstrato inerente às coisas. Nesse transporte do valor por meio do valor-de-uso, as mercadorias se transformam em valor. O transporte do valor através do valor-de-uso representa a possibilidade de transformação da mercadoria em valor, desde que haja uma relação de valor a partir de valores-de-uso distintos.

Esse caráter duplo da mercadoria cede lugar ao aspecto imaterial do valor em oposição ao aspecto material da mercadoria. A imaterialidade do valor parece não ter relação com a materialidade do valor-de-uso, mas essa aparente dicotomia entre valor-de-uso e valor representa o suprassumir dos aspectos sensíveis dos valores-de-uso. A verdade sensível ou empírica das mercadorias não é suficiente para explicar a imaterialidade do valor e sua relação com o duplo caráter da mercadoria:

> A realidade do valor das mercadorias difere de Dame Quickly, por não sabermos por onde apanhá-la. Em contraste direto com a palpável materialidade da mercadoria, nenhum átomo de matéria se encerra no seu valor. Vire-se e revire-se, à vontade, uma mercadoria: a coisa-valor se mantém imperceptível aos sentidos. (MARX, 2008, pág.69)

A coisa-valor é imperceptível aos sentidos, mas se trata de uma coisa através da qual o valor se manifesta como coisa-valor. A coisa-valor é imperceptível aos sentidos, porém possui uma realidade que precisa ser desvelada, ou melhor, “apanhada”. Virar e revirar a mercadoria não representa a solução para o “mistério” do valor e sua natureza impalpável, portanto o materialismo grosseiro não consegue compreender os movimentos do valor. Essa realidade da coisa-valor é o resultado do movimento dialético do duplo caráter da mercadoria e a transformação do veículo material do valor em coisa-valor. Os aspectos abstratos do valor-de-uso que Marx desvelou através do duplo caráter da mercadoria representam a passagem para a coisa-valor. A coisa-valor está em contraste com a mercadoria e não possui um átomo de matéria em sua formação, mas isso é o resultado do percurso dialético da própria mercadoria e também do valor. Os movimentos do valor e os da mercadoria são

distintos, mas isso não quer dizer que entre eles não haja elementos comuns. Ao contrário, os movimentos dialéticos dos valores-de-uso com seu duplo caráter se encontram na coisa-valor. Nessa contradição entre a coisa-valor e a mercadoria, podemos encontrar um caminho para a compreensão do próprio valor e de sua invisibilidade. A oposição entre a coisa-valor e a mercadoria precisa ser compreendida à luz da dialética, e a imaterialidade da coisa-valor só pode ser compreendida através do duplo caráter da mercadoria e do movimento do veículo material do valor enquanto transição para a realidade da coisa-valor.

A coisa-valor nasce em contraposição ao valor-de-uso, portanto contrária à mercadoria enquanto objeto e coisa útil. Mas seu aparecer invisível não deixa de ser produto do duplo caráter da mercadoria e do duplo caráter do trabalho. Os aspectos abstratos do trabalho e da mercadoria são os responsáveis pelo aparecer imaterial da coisa-valor. A coisa-valor não deixa de ser a negação do valor-de-uso e da mercadoria enquanto objeto natural, material e corpóreo, porém trata-se de uma negação que preserva os elementos abstratos inerentes ao valor-de-uso ou da mercadoria. A passagem da materialidade da coisa útil para a invisibilidade do valor é a passagem da mercadoria para a coisa-valor, do veículo material do valor para a relação de valor. Quando as mercadorias entram em relação, o duplo caráter da mercadoria cria as condições para a relação de valor e o surgimento imaterial da coisa-valor. A coisa-valor é a transição do valor-de-uso enquanto transporte do valor para a coisa-valor enquanto efetividade desse movimento iniciado com o valor-de-uso como transporte de valor e portador de duplo caráter. Na medida em que a materialidade do valor-de-uso se desenvolve através de seu duplo caráter, a coisa-valor representa a síntese das tensões inerentes ao duplo caráter da mercadoria. Através da negação do caráter material do valor-de-uso, podemos perceber os movimentos dos aspectos abstratos inerentes ao valor e que tornam a coisa-valor algo possível mesmo a despeito de sua invisibilidade. Os aspectos imateriais da relação de valor e do valor-de-uso social encontram-se na coisa-valor enquanto síntese do duplo caráter da mercadoria e do trabalho, síntese entre o veículo material de valor e o movimento do próprio valor.

Não basta observar os aspectos sensíveis da mercadoria em detrimento da imaterialidade da coisa-valor, nem tampouco a invisibilidade da coisa-valor em detrimento da materialidade do valor-de-uso. A invisibilidade da coisa-valor é a

superação dialética dos aspectos materiais do valor-de-uso, dos objetos ou das mercadorias. O transporte material do valor se transforma em valor, e o que antes representava o veículo material do valor transforma-se na coisa-valor. Enquanto o valor-de-uso é transporte de valor, aquilo que ele transporta transforma-se em coisa-valor e passa a prescindir desse transporte material. Contudo, a coisa-valor existe e possui realidade na passagem do veículo do valor para a coisa-valor. As qualidades úteis e a materialidade do valor-de-uso são suprassumidas na coisa-valor; a invisibilidade do valor representa esse suprassumir da materialidade dos valores-de-uso envolvidos numa relação de valor. Tal suprassumir da materialidade dos valores-de-uso é a forma de expressão da coisa-valor, expressão que não mais depende do veículo material para seu movimentar-se enquanto coisa-valor. O veículo material do valor é o que permite o início da relação de valor até que a coisa-valor se desenvolva através dos elementos abstratos transportados pelos veículos materiais de valor. A coisa-valor expressa aquilo que o veículo do valor transporta, quer dizer, o valor transportado materialmente pelo valor-de-uso. A contradição entre o transporte material do valor e o que é transportado, entre o valor e o veículo do valor, é suprassumida através da coisa-valor ou da própria relação de valor.

A passagem da mercadoria para a coisa-valor é o movimento dialético da própria mercadoria não mais como valor-de-uso, mas como coisa-valor. O caráter duplo da mercadoria representa o movimento dialético da mercadoria que não existe de forma isolada, logo o duplo caráter da mercadoria entra em relação com outras mercadorias e suas múltiplas determinações. Entre o valor-de-uso e o valor, existe o veículo do valor que transporta a materialidade do valor-de-uso para o valor, transporta a materialidade e a imaterialidade inerentes ao valor-de-uso para a coisa-valor. A mercadoria se transforma em valor, mas, para que isso se efetive, ela precisa transportar a materialidade do valor por meio do valor-de-uso para a coisa-valor. É o duplo caráter da mercadoria que se transforma em valor e não apenas o veículo material do valor. Numa relação de troca entre mercadorias, o valor-de-uso subsiste como veículo material do valor e não como coisa útil, daí temos o inicial da manifestação imaterial do valor. Quando a utilidade da coisa útil é deixada de lado, subsiste a materialidade do valor-de-uso sob o duplo caráter da mercadoria, mas esse duplo caráter contém a contradição entre materialidade e imaterialidade que será

suprassumida numa relação de valor, numa relação entre mercadorias distintas até a forma-valor.

O valor é produto do valor-de-uso, mas do valor-de-uso enquanto veículo material do valor inerente ao duplo caráter da mercadoria. A imaterialidade do valor é consequência dos aspectos incorpóreos do movimento do valor-de-uso enquanto veículo do valor. Ser veículo do valor é transportar materialmente o valor, ou seja, o aspecto incorpóreo do valor encontra-se unido ao aspecto material do valor-de-uso através do veículo material do valor. Dessa forma, o transporte material do valor não deixa de ser o transporte do elemento incorpóreo do valor que se desmembrará do valor-de-uso através da coisa-valor. O valor se manifesta como um fenômeno invisível graças aos elementos sociais incorporados à mercadoria e ao movimentar-se dialético das mercadorias na sociedade capitalista. Assim como incorporam trabalho, as mercadorias incorporam valor na medida em que fazem parte de uma relação social de troca:

> As mercadorias, recordemos, só encarnam valor na medida em que são expressões de uma mesma substância social, o trabalho humano, seu valor é, portanto, uma realidade apenas social, só podendo manifestar-se, evidentemente, na relação social em que uma mercadoria se troca por outra. (MARX, 2008, pág.69)

As mercadorias são produtos de relações sociais e só podem manifestar-se socialmente numa relação de troca entre mercadorias. A encarnação de valor pressupõe as mercadorias enquanto expressão da substância social do trabalho humano. O trabalho cria valor, porém cria o valor como expressão de uma relação social em que a substância do trabalho se manifesta sob a forma de uma relação específica na qual as mercadorias são trocadas socialmente entre si. É na relação social que devemos apanhar a realidade do valor; nesse sentido, a realidade do valor é a realidade da relação social e de sua encarnação enquanto substância através das mercadorias. A encarnação de valor é a encarnação de uma substância social, ou seja, não existe mercadoria fora da relação social em que a substância dessa relação se encarna através da relação entre mercadorias. A mercadoria é a encarnação de uma substância e de uma relação social ao mesmo tempo. O valor-de-troca não é o valor e não esgota a relação de valor, ou seja, o valor-de-troca é tão somente expressão da relação de troca através da qual torna-se possível reconstituir o percurso do valor: “Partimos do valor-de-troca ou da relação de troca das mercadorias,

para chegar ao valor aí escondido. Temos, agora, de voltar a essa forma de manifestação do valor.” (MARX, 2008, pág.69)

O valor-de-troca é uma relação de troca e só pode existir enquanto tal. Não é por meio da troca, mas do que se oculta na troca que podemos chegar ao valor. Dessa forma, o valor encontra-se escondido no valor-de-troca ou na relação de troca. A relação de troca é uma forma de manifestação do valor, mas é também uma forma de ocultar o valor. É preciso voltar ao valor-de-troca enquanto uma relação de troca entre mercadorias para se descobrir o valor que a própria relação de troca oculta, ou seja, o valor que o valor-de-troca oculta através da relação de troca entre mercadorias. O valor-de-troca abstraído das relações sociais que permitiram sua existência enquanto valor não desvela a natureza substancial que o valor consegue encarnar.

A diferença entre mercadoria e valor é a diferença entre o visível e o invisível. Porém, a substância do valor suprassume a contradição entre o material e o imaterial concernente ao valor. A encarnação de valor só pode ocorrer enquanto relação social, relação que expõe a substância do valor enquanto substância social cuja origem remonta ao trabalho e seu duplo caráter. A materialidade da mercadoria é composta não apenas de matéria sensível extraída da natureza, mas também de substância social originada no trabalho abstrato humano. Assim como existe relação entre mercadorias, o valor só pode existir como relação. O que se encarna nas mercadorias só pode ser desvelado numa relação entre coisas distintas. Na medida em que valores-de-uso entram em relação, eles encarnam valor; a relação de valor é a encarnação do valor e o desvelamento da substância social encarnada através do trabalho humano. A substância cristalizada nas coisas é o valor que se desvela numa relação de valor, portanto o valor encarnado só pode se desvelar através da relação social do valor entres as mercadorias. A substância homogênea do trabalho cria valor, mas ela só pode ser desvelada numa relação de valor em que coisas heterogêneas ocultam a natureza substancial do valor e do trabalho. Diante de valores-de-uso distintos, a relação de valor surge como uma necessidade de suprassumir tal distinção. A origem da relação de valor é a heterogeneidade de valores-de-uso, mas a relação de valor só pode se efetivar através da homogeneidade da forma-valor.

Quando a mercadoria se expressa enquanto valor, ela se expressa diante de algo, ou melhor, diante de um valor-de-uso que é também uma espécie de valor-de-

uso. Quando as mercadorias entram em relação umas com as outras como espécies, espécies constituídas de mesma substância que se distinguem por seus aspectos úteis. Abstraídas dos aspectos úteis, as mercadorias representam substâncias e encarnação de trabalho que se desvela através do valor. O valor é o desvelar da relação entre espécies de mercadorias, mas também o desvelar da substância encarnada. O aparecer invisível do valor representa o desvelar da relação e, ao mesmo tempo, da substancialidade oculta nas espécies de valores-de-uso. A mercadoria é uma relação, mas uma relação entre espécies de mercadorias, e, somente por meio dessa relação, ela pode ser desvelada enquanto substância homogênea. A existência das espécies de mercadorias permite a homogeneidade do valor, mas, porque são espécies distintas, as mercadorias necessitam da relação de valor para gerar valor. O valor precisa superar a dicotomia das espécies diferentes de valor numa relação de valor para poder se constituir de forma homogênea e reconstituir a homogeneidade originária do valor produzido pelo trabalho humano:

> Todo mundo sabe, mesmo os que nada mais saibam, que as mercadorias possuem forma comum de valor, que contrasta com a flagrante heterogeneidade das formas corpóreas de seus valores-de-uso. Esta forma comum é a forma dinheiro do valor. Importa realizar o que jamais tentou fazer a economia burguesa, isto é, elucidar a gênese da forma dinheiro. Para isso, é mister acompanhar o desenvolvimento da expressão do valor contida na relação de valor existente entre as mercadorias, partindo da manifestação mais simples e mais apagada até chegar à esplendente forma dinheiro. Assim, desaparecerá o véu misterioso que envolve o dinheiro. (MARX, 2008, pág.69)

A expressão de valor se desenvolve na relação de valor, ela não é apenas expressão de algo, mas também se expressa em algo. Além de expressão, a expressão de valor se expressa e, por isso, é um movimentar-se de uma expressão que se expressa em algo. A heterogeneidade corpórea dos valores-de-uso constitui formas heterogêneas em contraste com a forma homogênea de valor. A expressão do valor suprassume essa heterogeneidade através da substância do valor comum entre corpos distintos de valores-de-uso. Enquanto espécies de valores-de-uso, a heterogeneidade dos corpos torna-se heterogeneidade de espécies em contraste com a forma comum do valor. Quando um valor-de-uso se confronta com outro numa relação de valor, a substância que originou as distintas espécies de valores-de-uso oferece o elemento comum não apenas para a expressão de valor, mas para a relação de valor e, consequentemente, para a forma-valor. A forma comum da espécie e a

forma comum do valor entram em relação para originar o valor enquanto uma forma própria e incorpórea.

Uma mercadoria se relaciona com outra mercadoria a partir do papel que cumpre numa relação de valor, e cada valor-de-uso passa a assumir uma forma no interior de tal relação. Na relação de valor, o papel de cada mercadoria transcende a mera corporalidade dos valores-de-uso. Tal relação de valor é um movimento dialético entre as mercadorias que se movimentam no interior da relação de valor. As mercadorias entram em relação entre si enquanto substâncias e formas e não enquanto objetos naturais presos a mera constituição corpórea ou a seus aspectos puramente úteis. Para originar valor, é preciso ser transporte de valor numa relação em que cada valor-de-uso assume uma forma específica em função do desvelamento do valor enquanto produto dessa relação e enquanto algo homogêneo. As formas distintas assumidas pelos valores-de-uso numa relação de valor originam-se da heterogeneidade das espécies de valores-de-uso e, a partir dessa heterogeneidade, a relação de valor surge como algo necessário, assim como as formas específicas dos valores-de-uso no interior da relação de valor.

A simplicidade da relação de valor pressupõe valores-de-uso como espécies. A expressão mais simples de valor é expressão de uma relação de valor, ou seja, a relação de valor se exprime por meio da expressão de valor: “A mais simples relação de valor é, evidentemente, a que se estabelece entre uma mercadoria e qualquer outra mercadoria de espécie diferente. A relação de valor entre duas mercadorias é, portanto, a expressão de valor mais simples de uma mercadoria.” (MARX, 2008, pág.70) Uma mercadoria não exprime seu valor isoladamente, mas enquanto produto de uma relação. A expressão de valor é produto de uma relação de valor em que uma determinada mercadoria se confronta com uma mercadoria de espécie diferente. Nesse confronto, a mercadoria expressa seu valor diante de uma espécie de mercadoria que se expressa enquanto espécie e enquanto portadora de substância de valor. Aquilo que a relação de valor expressa é o que a mercadoria realmente é: espécie de mercadoria capaz de encarnar a substância humana de trabalho e valor ao mesmo tempo.

Para se exprimir, o valor necessita de algo, logo a expressão de valor é uma relação de valor. Tomando como exemplo o linho e o casaco, Marx demonstrou como

o casaco serve para o linho expressar seu valor através de uma expressão de valor. A expressão de valor não surge de forma isolada, mas depende de uma coisa que tenha valor como e seja de uma espécie diferente. Afirmar que o linho se expressa através do casaco é o mesmo que afirmar que o linho se expressa através de uma relação de valor. Dessa forma, o valor surge como valor como e como relação de valor, surge como expressão de valor entre coisas distintas, e tal expressão representa um expressar-se no outro, em algo diferente capaz de transformar a expressão em algo comum. A expressão de valor é uma necessidade de expressar o valor enquanto algo comum, mas de qualidade e corporalidade distintas.

O fato de possuírem qualidades distintas faz com que cada valor-de-uso assuma uma forma distinta numa relação de valor. A expressão de valor assume formas diversas numa relação de valor, primeiro como forma relativa de valor e, em seguida, como forma equivalente de valor. Ao expressar seu valor numa outra mercadoria, o valor surge de forma relativa e necessita de uma forma equivalente para se efetivar como valor:

> Duas mercadorias diferentes, A e B — em nosso exemplo, linho e casaco —, representam, evidentemente, dois papéis distintos. O linho expressa seu valor no casaco, que serve de material para essa expressão de valor. O papel da primeira mercadoria é ativo; o desempenhado pela segunda, passivo. O valor da primeira mercadoria apresenta-se como valor relativo; ela se encontra sob a forma relativa do valor. A segunda mercadoria tem a função de equivalente ou se acha sob a forma de equivalente. (MARX, 2008, pág.70)

A expressão de valor é um movimento em direção à forma equivalente de valor, uma transformação da forma relativa naquilo através do qual a expressão de valor se efetiva como forma equivalente de valor. A forma relativa de valor é a relatividade da expressão de valor que ainda não se efetivou como valor ou como forma equivalente de valor. A relatividade de forma relativa de valor encontra na forma equivalente de valor o meio para se efetivar como valor e fazer da expressão de valor algo além de mera expressão relativa de valor. A imediatez da expressão relativa de valor é suprassumida na forma equivalente de valor, e, através dessa relação entre forma relativa e forma equivalente, o valor se efetiva como forma-valor e deixa de ser mera expressão relativa de valor.

Enquanto o linho expressa o seu valor, o casaco assume um papel passivo diante de tal expressão de valor. A função de equivalente é transformar a expressão

de valor em algo igual, em valor igual a partir de igual substância social de trabalho humano. A força de trabalho médio que cria o valor-de-uso como espécie de mercadoria é a fonte do valor, mas, para que sua substância seja desvelada, é necessário que haja uma relação de valor. O trabalho que se transformou em força média de trabalho para criar espécies de mercadorias possibilitou a existência de uma substância homogênea capaz de criar valor. Graças a essa substância criadora de valor, é possível estabelecer a relação de valor por meio das formas de valor capazes de expressar essa homogeneidade do valor a despeito da heterogeneidade das espécies de valores-de-uso. A expressão de valor se expressa na forma equivalente de valor que tem a função de efetivar a igualdade de substância comum envolvida numa relação de valor. Trata-se do desenvolvimento da substância homogênea que, sob a relação de valor, se desvela como fundamento do valor e dos valores-de-uso ao mesmo tempo. Dessa forma, os valores-de-uso transportam valor porque a homogeneidade do valor permite a relação de valor entre coisas distintas. Mesmo na relação de valor, essa homogeneidade é transportada nas formas do valor, formas que são transportadas pelos veículos materiais do valor até o surgimento da forma-valor.

O valor não assumiria sua forma incorpórea se não fosse a homogeneidade do próprio valor, homogeneidade que estabelece a forma do valor apesar da heterogeneidade dos valores-de-uso. Porém, a relação de valor é uma relação dialética que, através da oposição das formas do valor, desvela o caráter substancial do valor, caráter que não pode ser vislumbrado pela percepção sensível acerca da heterogeneidade das mercadorias consideradas isoladamente. Quando Marx afirma que o linho expressa seu valor no casaco, ele está afirmando que as mercadorias são veículos de valor, que elas se movimentam dialeticamente entre si e, dessa relação entre valores-de-uso, surge a forma mais simples do valor. É como uma forma que o linho se expressa no casaco, forma que aparece como expressão de valor, expressão que se expressa na materialidade do valor-de-uso e que encarna valor na medida em que também se encarna no valor. As formas do valor se movimentam como veículos de valor e não se prendem naquelas determinações externas da mercadoria, com suas aparências e aquilo que representam enquanto coisas úteis.

A expressão de valor não deixa de ser expressão do duplo caráter da mercadoria, e a relação de valor não deixa de ser o desdobramento dessa duplicidade de caráter da mercadoria. A existência da expressão de valor representa a necessidade da relação de valor ou o início dessa relação. A expressão de valor expressa a forma relativa de valor, mas, para ser tal expressão, ela necessita exprimir-se em algo e não ser apenas uma expressão em si mesma. A expressão de valor surge na relação de valor para expressar o valor comum ou o movimento dialético entre as formas relativa e equivalente de valor:

> A forma relativa do valor e a forma de equivalente se pertencem uma à outra, se determinam, reciprocamente, inseparáveis, mas, ao mesmo tempo, são extremos que mutuamente se excluem e se opõem, polos da mesma expressão de valor. A igualdade aí tem outro sentido: 20 metros de linho não são mais do que 20 metros de linho, uma quantidade determinada de valor-de-uso, linho. O valor do linho só pode ser expresso relativamente, isto é, em outra mercadoria. A forma relativa do valor do linho pressupõe, por isso, que alguma outra mercadoria se contrapõe ao linho como equivalente. Por outro lado, essa outra mercadoria que figura como equivalente não pode achar-se, ao mesmo tempo, sob a forma relativa de valor. Não é ela que expressa seu valor. Apenas fornece o material para a expressão do valor de outra mercadoria. (MARX, 2008, pág.71)

A relação de valor se expressa na oposição entre formas relativas e equivalentes de valor. Assim como existe a encarnação do valor, o valor também precisa se expressar enquanto processo em que o valor se desvela não mais de forma encarnada, mas de forma invisível e incorpórea. Nesse sentido, Marx define a oposição entre forma relativa e equivalente como uma relação entre tais formas opostas. Na medida em que tais formas se determinam, elas também se opõem e se excluem. A expressão de valor é essa oposição e essa unidade, portanto não podemos pensar a expressão de valor fora de uma relação de valor. Entre a forma relativa e a forma equivalente, existe a unidade da expressão de valor, o movimentar-se dessa expressão que necessita se opor si mesma para se manter em unidade consigo.

O movimento da expressão de valor desvela seu caráter circular, seu retorno ao valor na medida em se expressa em algo exterior e com forma oposta. Os polos da expressão de valor são formas de manifestação da própria expressão de valor que não pode existir apenas como uma expressão unilateral, mas necessita se exprimir em algo com forma oposta para suprassumir essa oposição e se afirmar como uma

relação, como uma expressão que se expressa em algo oposto para se afirmar como relação e expressão do valor. A expressão de valor se expressa numa forma oposta, mas essa oposição é uma relação de valor, uma oposição através de uma forma que equivale à própria expressão de valor; logo, a forma equivalente de valor é o polo capaz de suprassumir a oposição através da qual a expressão de valor se expressa como relação do valor e transforma a expressão de valor no valor ou forma-valor.

A forma relativa pressupõe a forma equivalente de valor. Para que a forma relativa se expresse, ela necessita de uma expressão ou valor através do qual possa se expressar. A forma relativa se expressa num valor determinado, mas esse valor tem de ser uma forma equivalente de valor, quer dizer, precisa ser a expressão da forma relativa de valor ou uma forma oposta por meio da qual a forma relativa se expressa enquanto forma equivalente. O emergir substancial da forma relativa requer a forma equivalente enquanto correspondência material capaz de efetivar a relação de valor. A forma relativa encontra na forma equivalente um meio de expressão e, ao se expressar, as formas relativas e equivalentes entram em unidade e suprassumem a cisão entre as formas do valor. O que se expressa e a expressão não podem permanecer cindidos, portanto o valor é a unidade daquilo que se expressa enquanto expressão de valor e a própria expressão através da forma equivalente de valor.

A forma relativa depende não somente da forma equivalente para se expressar, ela depende do material de outra mercadoria que servirá de meio de expressão. Expressar valor pressupõe uma materialidade equivalente e não apenas uma forma equivalente. A expressão de valor se expressa através de numa expressão material, de um corpo de valor-de-uso que se torna forma equivalente de valor para que a expressão de valor se efetive materialmente enquanto aquilo que é expresso ou resultado de uma expressão de valor. Aquilo que é expresso não é somente uma expressão de valor, mas a unidade entre a expressão de valor e o que é expresso materialmente por ela. Desse modo, a forma equivalente de valor não é somente a expressão de valor, mas a unidade da expressão com a materialidade que torna possível a efetividade da forma relativa de valor. A superação entre a expressão e o que se expressa representa a efetividade da relação de valor, e as formas relativas e equivalentes representam a dialética entre a forma e a matéria do valor.

A forma relativa de valor necessita do corpo do valor para se efetivar. A relatividade da forma relativa consiste na sua carência de corpo material, por isso a forma relativa é apenas uma expressão e não o que é expresso por meio do corpo da forma equivalente de valor. A forma equivalente dá corpo à expressão de valor, e aquilo que é expresso por meio dela se expressa enquanto corpo em unidade com a expressão de valor. A forma relativa de valor pertence à forma equivalente de valor, e, enquanto valor, a forma relativa se funde à forma equivalente. Para que exista enquanto valor, a forma relativa precisa se expressar em outra mercadoria, para que sua materialidade se efetive no corpo material da forma equivalente de valor, mas, nessa identidade de valor, é o corpo dos valores-de-uso que se encontram tendo em vista a efetividade do valor. A expressão de valor é expressão de um valor-de-uso, e apenas outro valor-de-uso pode afirmar o elemento corpóreo que está na origem da própria expressão de valor. A expressão de valor põe em movimento a materialidade dos valores-de-uso; nesse sentido, a expressão de valor efetiva-se enquanto veículo material do valor que se desvela a partir do duplo caráter da mercadoria.

A expressão de valor não pode ser uma expressão vazia. Ao se exprimir, o que se expressa é o valor como um corpo equivalente ao corpo da forma relativa de valor. No corpo da forma equivalente de valor, estão expressos os corpos dos valores-de-uso envolvidos na relação de valor. Logo, a imaterialidade do valor não é a negação do corpo do valor-de-uso, ao contrário: a forma relativa do valor se expressa por meio do corpo da forma equivalente de valor através do qual a corporalidade imediata e sensível são suprassumidas na forma-valor. Sem a materialidade do valor-de-uso, nem mesmo a expressão de valor que introduz a forma relativa de valor na relação de valor seria possível de existir. O que se desvela na oposição entre forma relativa e forma equivalente é a unidade dos valores-de-uso envolvidos numa relação de valor enquanto corpos do valor. A diferença entre a expressão de valor de uma mercadoria e o valor que se expressa por meio de uma mercadoria define a relação entre forma relativa e equivalente de valor. Enquanto uma mercadoria expressa valor, outra representa o meio através do qual o valor é expresso não como expressão de valor, mas como mercadoria através da qual o valor se expressa, ou seja, a expressão material daquilo que se expressa como valor. O valor expresso de uma mercadoria necessita ser expresso como mercadoria ou forma equivalente de valor, para que a expressão de valor se efetive:

> Para saber se uma mercadoria se encontra sob a forma relativa do valor ou sob a forma oposta, a de equivalente, basta reparar a posição que ocasionalmente ocupa na expressão do valor, se é a mercadoria cujo valor é expresso ou se é a mercadoria através da qual se expressa o valor. (MARX, 2008, pág.71)

O valor expresso é diferente do valor que se expressa e não é possível expressar valor sem que haja o meio de expressão que expresse o valor como expressão de valor. Expressar valor de nada serviria se não houvesse o meio através do qual o valor que se expressa se transformasse num valor expresso.

> Naturalmente, a expressão 20 metros de linho = 1 casaco, ou 20 metros de linho valem 1 casaco, compreende, também, a relação inversa, 1 casaco = 20 metros de linho, ou 1 casaco vale 20 metros de linho. Mas, aí, tenho de inverter a equação, para exprimir relativamente o valor do casaco; e, ao fazer isso, o equivalente passa a ser o linho e não o casaco. Na mesma expressão do valor, a mesma mercadoria não pode aparecer, ao mesmo tempo, sob as duas formas. Eles se repelem polarmente. (MARX, 2008, pág.71)

A expressão relativa do valor necessita de algo para se exprimir, algo diferente do valor expresso na forma equivalente de valor. Exprimir relativamente o valor é uma forma de criar o valor, é uma forma de movimentação do valor através do veículo do valor. A equação que se estabelece a partir da oposição entre forma relativa e equivalente de valor representa o movimento dialético e material do valor. O valor expresso relativamente estabelece uma dependência em relação à forma equivalente de valor, dependência da própria oposição entre as formas do valor. Através dessas formas opostas, o valor se movimenta materialmente, e o seu veículo material transita entre os polos opostos formados pelas formas relativa e equivalente de valor. A relação entre as formas do valor é a que permite ao veículo do valor tornar-se veículo material do valor. O valor se expressa por meio de uma mercadoria até ele mesmo se tornar uma expressão, ou seja, ele é a expressão de uma mercadoria apenas enquanto se expressa por meio dessa mercadoria, mas na verdade ele é expressão de uma relação de valor ou de mercadorias distintas entre si. A expressão de valor passa a ser a forma equivalente porque esta forma é a síntese da relação entre mercadorias distintas, síntese entre a forma relativa e forma equivalente de valor.

A relação de valor entre duas mercadorias não é determinada pelos aspectos quantitativos através dos quais geralmente tal relação é apreendida pelo senso comum. A relação entre a expressão de valor e a relação de valor não pode ser

confundida como resultado de uma relação quantitativa. Para que exista equiparação de proporções quantitativas entre mercadorias diferentes, é preciso que haja algo em comum ou uma substância comum.

> Para descobrir por que a expressão simples do valor de uma mercadoria se contém na relação de valor de duas mercadorias, é mister, primeiro, considerar essa relação inteiramente dissociada de seu aspecto quantitativo. Faz-se, geralmente, o contrário, vendo-se na relação de valor apenas a proporção em que se equiparam determinadas quantidades de duas mercadorias diferentes. Esquece-se que duas coisas diferentes só se tornam quantitativamente comparáveis depois de sua conversão a uma mesma coisa. Somente como expressão de uma mesma substância são grandezas homogêneas, por isso, comensuráveis. (MARX, 2008, pág.71)

A relação de valor contém a expressão de valor enquanto uma síntese de formas opostas, enquanto processo qualitativo capaz de desvelar valor e substância comum. As coisas se convertem em substância comum através da relação entre formas e substâncias. A expressão de valor se contém na relação de valor porque o próprio expressar requer uma relação, a expressão de valor se relaciona como uma forma numa relação de formas opostas. A relação entre tais formas expressa a substância comum inerente às formas envolvidas na relação de valor, expressa a substância comum como resultado de grandezas homogêneas e por isso comensuráveis.

As grandezas dos valores representam relação e se expressam por meio da expressão de valor. Coisas heterogêneas se transformam numa expressão de grandeza de valor porque possuem algo em comum e superam suas diferenças qualitativas através de uma substância comum. A qualidade de substância comum transforma coisas qualitativamente distintas numa relação de valor, e somente assim a expressão de valor surge como grandeza de valor:

> Para se afirmar que 20 metros de linho = um casaco, ou = 20 ou x casacos, isto é, que uma dada quantidade de linho vale uma quantidade maior ou menor de casacos, para se estabelecer qualquer proporção dessa natureza, é necessário admitir, simultaneamente, que linhos e casacos, como grandezas de valor, são expressões de uma mesma coisa, ou coisas da mesma natureza. Linho = casaco é o fundamento da equação. (MARX, 2008, pág.72)

Valores-de-uso diversos se transformam socialmente em substância socialmente produzida. A coisa comum que permite a relação de valor é a substância

do valor socialmente produzida pelo trabalho. O duplo caráter da mercadoria aparece com toda nitidez quando a relação de valor passa a conter a expressão de valor. Os valores-de-uso são veículos de valor e não apenas grandeza de valor, eles transportam o valor enquanto expressão qualitativa de uma substância comum. A expressão de valor como grandeza de valor é produto de uma relação de valor ou expressão de uma qualidade comum que se expressa através do valor e, consequentemente, pode ser mensurada a partir de proporções de grandeza de valor. As grandezas quantitativas transportam valor e expressam valor, por isso são grandezas de valor e expressões de valor. As grandezas de valor se expressam na relação de valor e se transformam em expressão de valor:

> Mas as duas mercadorias, equiparadas qualitativamente, não desempenham o mesmo papel. Só é expresso o valor do linho. E como? através de sua relação com o casaco, por ser este seu equivalente ou com ele permutável. Nessa relação, o casaco representa a forma de existência do valor, é a figura do valor, pois somente nessa qualidade é idêntico ao linho. Por outro lado, o valor próprio do linho se revela ou recebe uma expressão precisa, pois somente como valor pode o linho relacionar-se com o casaco, que lhe antepõe igual valor e é com ele permutável. (MARX, 2008, pág.72)

A qualidade de ser idêntico quanto ao valor não altera as qualidades úteis das coisas. Desse modo, a expressão de valor não deixa de ser uma qualidade específica de uma mercadoria que se relaciona com outra a partir do valor ou da quantidade de substância comum. Essa quantidade de substância comum se expressa num corpo do valor ou numa mercadoria, e sua existência é antes de tudo uma figura de valor. A expressão de valor surge como uma quantidade de substância, mas, ao se expressar, necessita de algo comum não como uma quantidade, mas de uma relação que se efetiva na forma equivalente de valor ou na existência própria do valor. A expressão de valor está contida na figura de valor que permite ao valor existir, ou melhor, permite a existência do valor. A grandeza de valor depende da forma equivalente de valor e, por isso, não pode ser vista apenas quantitativamente. A expressão de valor é a unidade da forma relativa e equivalente de valor, mas, para isso, é preciso haver uma relação qualitativa entre coisas opostas e o desvelamento de uma substância comum, para que haja expressão de valor. Para se expressar valor, é necessário que haja meio de expressão do valor, o valor necessita ser expresso em algo enquanto substância comum. A grandeza de valor é o que se expressa enquanto expressão de

uma coisa comum, ela se expressa como grandeza quantitativa porque a substância precisa expressar uma coisa comum através da figura do valor.

A forma física da mercadoria e o trabalho humano cristalizado nela não constituem ainda a concretude do valor ou o valor enquanto forma. O valor sem sua forma específica reduz as mercadorias a uma abstração através da qual os valores ainda não puderam ser compreendidos enquanto uma relação de valor. Não basta ter uma visão abstrata acerca da mercadoria que se limite a reconhecer nela o trabalho humano cristalizado, é preciso compreender o valor como uma forma distinta da forma física da mercadoria, ou seja, o valor a partir de sua própria forma. Além de ser valor ou trabalho humano cristalizado, o valor necessita suprassumir a forma física da mercadoria e, dessa forma, ganhar forma própria ou tornar-se forma-valor:

> Ao dizermos que, como valores, as mercadorias são trabalho humano cristalizado, nossa análise as reduz a uma abstração, a valor, mas não lhes dá forma para esse valor, distinta de sua forma física. A questão muda quando se trata da relação de valor entre duas mercadorias. Aí a condição de valor de uma se revela na própria relação que estabelece com a outra. (MARX, 2008, pág.72)

A relação entre duas mercadorias numa relação de valor ultrapassa o olhar abstrato capaz de enxergar apenas nas mercadorias o trabalho humano cristalizado. É a relação de valor que garante a forma-valor, relação que libera o valor da forma física da mercadoria e transforma a condição de valor numa relação de valor entre mercadorias. A condição de valor requer uma relação entre mercadorias, relação em que a condição de valor de uma mercadoria se desvela na relação de valor, quer dizer, desvela-se noutra mercadoria à medida que se estabelece ao mesmo tempo a condição de valor por meio de uma relação de valor. A condição de existência do valor é a relação de valor, logo a condição do valor é sua expressão através de uma mercadoria que expresse tal condição numa relação de valor.

A forma-valor não se resume a uma expressão quantitativa, ela pode ser comparada a uma substância química constituída por dois elementos distintos entre si:

> Um exemplo analógico. O ácido butírico é um corpo diferente do formiato de propilo. Ambos, entretanto, são constituídos das mesmas substâncias químicas, carbono (C), hidrogênio (H) e oxigênio (O), combinados em proporções iguais, de acordo com a fórmula $C_4H_8O_2$. Igualar ácido butírico e formiato de propilo significa, primeiro,

> considerar formiato de propilo apenas forma de existência de $C_4H_8O_2$. Através da equiparação do formiato de propilo com o ácido butírico expressa-se sua igual substância química, deixando-se de lado sua forma física. (MARX, 2008, pág.72)

No exemplo dado por Marx, o que se expressa é a relação, ou seja, não é a quantidade de tais elementos o que define a constituição da fórmula C4H8O2. A diferença entre os corpos não impede que suas substâncias entrem em relação e formem uma unidade substancial ou um corpo comum através da fórmula C4H8O2.

A condição criadora de valor do trabalho se desvela a partir da expressão de equivalência ou da forma equivalente de valor. A figura de valor não deixa de ser uma tessitura do valor, conforme Marx nos mostra:

> Quando o casaco, como figura de valor, é equiparado ao linho, iguala-se o trabalho inserido naquele com o contido neste. Sem dúvida. O trabalho concreto do alfaiate, que faz o casaco, difere do executado pelo tecelão, que faz o linho. Mas, equiparado ao do tecelão, reduz-se o trabalho do alfaiate àquilo que é realmente igual em ambos os trabalhos, sua condição comum de trabalho humano. Por esse meio indireto, diz-se que o trabalho do tecelão, ao tecer valor, não possui nenhuma característica que o diferencie do trabalho do alfaiate, sendo, portanto, trabalho humano abstrato. Só a expressão da equivalência de mercadorias distintas põe à mostra a condição específica do trabalho criador do valor, porque ela realmente reduz à substância comum, a trabalho humano, simplesmente, os trabalhos diferentes incorporados em mercadorias diferentes. (MARX, 2008, pág.72)

A figura do valor é expressão do trabalho humano comum ou a “condição comum do trabalho humano”. O trabalho abstrato é a expressão do trabalho criador de valor, mas, para que essa condição do trabalho seja desvelada, é necessário desvelar a condição do valor através da forma equivalente de valor. Essa substância comum é o que resulta de trabalhos e mercadorias diferentes, é a condição comum do trabalho e expressão do trabalho criador do valor. A condição do valor e a condição do trabalho se encontram no trabalho abstrato, nesse trabalho comum abstrato que é a verdadeira tessitura do valor.

O trabalho torna-se valor, ele cria valor e encarna-se nas coisas como valor e como trabalho ao mesmo tempo. Assim como o valor, o trabalho se cristaliza nas coisas e nos objetos. A forma dos objetos não deixa de conter a cristalização do valor e do trabalho, muito embora seja necessário distinguir a existência material dos

objetos e a do valor enquanto uma forma específica de cristalização do trabalho humano nas coisas e que possui expressão própria enquanto forma-valor:

> Não basta, porém, expressar o caráter específico do trabalho que cria o valor do linho. A força humana de trabalho em ação ou o trabalho humano cria valor, mas não é valor. Vem a ser valor, torna-se valor, quando se se cristaliza na forma de um objeto. Para expressar o valor do linho como massa de trabalho humano, temos de expressá-lo como algo que tem existência material diversa da do próprio linho e, ao mesmo tempo, é comum a ele e a todas as outras mercadorias. Fica assim resolvido nosso problema. (MARX, 2008, pág.73)

Através da forma equivalente, o valor se projeta para além do corpo da mercadoria e se transforma num corpo, ou seja, no corpo do valor. A forma equivalente de valor representa a corporalidade do valor através da qual o valor se expressa enquanto uma expressão corpórea capaz de suprassumir o caráter abstrato da forma relativa de valor. Para além da mera quantidade de substância de valor, o valor suprassume essa abstração através da qual se inicia a relação de valor e torna-se o corpo do valor enquanto corporalidade da expressão de valor como um todo.[16]

A força do trabalho humano se desvela na relação de valor, mas, para isso, a relação de valor necessita de formas opostas para que o valor seja desvelado. A expressão de valor precisa reconhecer o valor através da forma equivalente de valor ou através do corpo do valor. A forma equivalente de valor representa a figura do valor, figura através da qual a forma relativa de valor se reconhece não como uma quantidade de valor, mas como um corpo de valor. Nesse sentido, Marx afirma que o casaco não pode representar valor para o linho, porém representa de forma corpórea aquilo que o linho expressa como valor:

> Na produção do casaco gastou-se, realmente, força de trabalho humano, sob a forma de trabalho do alfaiate. Nele acumulou-se, portanto, trabalho humano. Daí ser ele depositário de valor, embora não se consiga entrever essa qualidade nem mesmo no mais puído dos casacos. E, na relação de valor com o linho, é considerado apenas desse ponto de vista, ou seja, como valor corporificado, como encarnação do valor. O linho reconhece no casaco, mesmo abotoado, a alma igual à sua através do valor. Mas o casaco não pode representar valor para o linho sem assumir aos olhos dele a figura do casaco. Assim, o indivíduo A não pode reconhecer em B um rei, se

[16] Uma importante análise da forma equivalente é desenvolvida por Jadir Antunes, em seu livro *Marx e o Fetiche da Mercadoria*: “Ainda na edição de 1867, Marx prossegue dizendo que, para fixar a forma equivalente como pura expressão coisificada de trabalho humano [bloss dinglichen Ausdruck menschlichen Arbeit], é preciso fazer a abstração de tudo aquilo que faz dela realmente uma coisa [muss mann von allem absehn, was sie wirklich zum Ding macht]”. (ANTUNES, 2018, pág.132)

> aos olhos de A a realeza não assume o aspecto corpóreo de B — traços fisionômicos, cabelos e outras características, aspecto que muda com o soberano reinante. (MARX, 2008, pág.73)

Na relação de valor, o valor corporificado desvela a encarnação do valor, e a expressão de valor passa por um processo de materialização. Somente como figura de valor, a forma equivalente de valor pode representar valor para a forma relativa de valor. Nesse sentido, a relação de valor é uma relação em que há a materialização do valor através do corpo do valor. Diante da relação de valor, a forma relativa de valor passa a depender de uma forma de valor diferente da forma natural do valor-de-uso:

> Na relação de valor, em que o casaco constitui o equivalente do linho, a figura do casaco é considerada a materialização do valor. O valor da mercadoria linho é expresso pelo corpo da mercadoria casaco, o valor de uma mercadoria pelo valor-de-uso da outra. Como valor-de-uso, o linho revela-se, aos nossos sentidos, coisa diferente do casaco; como valor, é igual ao casaco, passa a ter a feição de um casaco. Assim, recebe o linho uma forma de valor diferente da forma natural que possui. (MARX, 2008, pág.74)

A figura do valor é a materialização do valor, e o corpo da mercadoria torna-se expressão material do valor e não uma expressão abstrata do valor. O valor expresso por um valor-de-uso numa relação de valor suprassume a expressão do valor enquanto forma relativa de valor, ou seja, o corpo da mercadoria é o corpo da substância igual, substância que não pode ser representada por uma expressão abstrata, mas corporalmente através da forma equivalente de valor.

4. A expressão corpórea do valor

A objetivação do valor não pode ser explicada apenas por seu elemento quantitativo, pois representa uma relação de valor. Não se trata de uma abstração fora de uma relação de valor, mas de uma objetividade acima de tudo qualitativa, algo que Marx costuma chamar de tessitura do valor. O valor é um processo materialmente determinado que depende da relação entre expressão de valor e a forma equivalente de valor. Nesse sentido, a diferença entre mercadorias envolvidas numa relação de valor transforma a expressão de valor numa equiparação ou equivalência entre coisas distintas entre si. A equivalência entre coisas distintas garante a objetividade do valor, mas essa equivalência é a tessitura material do valor, e não uma identidade abstrata entre coisas diferentes. A expressão de valor não se iguala a um casaco; antes, é preciso compreender a relação de equivalência entre o casaco e a expressão de valor. Dessa forma, a expressão de valor só é possível porque a objetividade de coisas equivalentes entre si manifesta-se e exterioriza-se através da expressão de valor. A expressão de valor resulta da relação de valor, e não o contrário:

> Para expressar que sua sublime objetivação de valor difere de sua tessitura material, diz ele que o valor se apresenta sob a figura de um casaco, e, por isso, ele mesmo, como valor, iguala-se a um casaco, como se ambos fossem produtos idênticos. Observe-se, de passagem, que, além do hebraico, possui a linguagem das mercadorias muitos outros dialetos, mais ou menos precisos. A palavra alemã *wertsein*, por exemplo, ao indicar que B é o equivalente de A, exprime, de modo menos contundente que os verbos neolatinos *valere*, *valer*, *valor*, que essa equiparação é a própria expressão do valor A. Paris vale bem uma missa. (MARX, 2008, pág.74)

A expressão neolatina *valere* consegue expressar a unidade entre equivalência e expressão de valor melhor que a expressão alemã *wertsein*. Ou seja, sem a unidade entre equiparação e expressão de valor, não pode existir o próprio valor. A expressão de valor resulta de um processo e da própria objetividade do valor, algo que não pode prescindir da tessitura material da forma equivalente de valor e do processo que ela engendra.

A cisão entre a objetividade do valor e sua tessitura material não explica a forma equivalente de valor. Tal cisão transforma a expressão de valor em fonte de objetividade da forma equivalente de valor. Estabelecer uma unidade entre valor e

equivalência sem observar a diferença entre a expressão de valor e o que é expresso por ela representa a exclusão da expressão de valor e da objetividade da própria relação de equivalência. Nesse sentido, aproximar a equiparação da expressão de valor representa a única forma de compreender a objetividade do valor. O verbo neolatino *valere* satisfaz a necessidade de exprimir tanto a expressão de valor quanto a equiparação de valor sem prejuízo para nenhuma das formas de valor envolvidas na relação de valor. A expressão de valor e o que é expresso por ela encontram no verbo *valere* a unidade que a relação de valor pressupõe para a objetividade do valor.

A forma do valor é descrita por Marx como essa síntese entre a expressão do valor e valor encarnado materialmente. A determinação quantitativa do valor representa também uma equiparação qualitativa entre quantidades determinada de certa magnitude de valor. Não se trata de valor em geral o que representa a forma do valor; trata-se de uma quantidade determinada de trabalho que permite a encarnação do valor. Expressão do valor sinaliza a objetividade da relação de valor, a necessidade do encontro entre a determinação quantitativa do valor e o corpo do valor:

> Para expressar o valor de qualquer mercadoria, aludimos sempre a dada quantidade de objeto útil: 15 toneladas de trigo, 100 quilos de café etc. Essa quantidade dada de mercadoria contém uma quantidade determinada de trabalho humano. A forma do valor tem de exprimir não só valor em geral, mas valor quantitativamente determinado ou magnitude de valor. Na relação de valor da mercadoria A com a mercadoria B, do linho com o casaco, a mercadoria casaco, como encarnação de valor, equipara-se ao linho, não só qualitativamente, mas também em termos quantitativos. A 20 metros de linho iguala-se determinada quantidade do corpo do valor ou do equivalente, 1 casaco. (MARX, 2008, pág.75)

Ao exprimir valor quantitativamente determinado, a forma do valor exprime também a relação entre forma relativa e forma equivalente de valor. Nesse sentido, a expressão de valor representa uma magnitude de valor diante de um corpo de valor capaz de encarnar valor. Na relação de valor, desfaz-se o caráter abstrato da expressão de valor através do corpo do valor, que, ao encarnar valor, determina corporalmente a relação de valor. A determinação quantitativa do valor só pode surgir diante de uma relação de valor, logo a encarnação de valor representa a forma do valor determinada quantitativamente e qualitativamente ao mesmo tempo. A partir do momento em que a quantidade de trabalho passa a corresponder a um fator

determinante na forma do valor, ele também passa a desempenhar um papel determinante na relação de valor.

A quantidade determinada de mercadoria que ingressa numa relação de valor é também uma determinada quantidade de trabalho humano. A forma do valor exprime magnitude de valor, e tal magnitude expressa o fundamento da relação de valor, e não uma determinação quantitativa separada dos aspectos qualitativos da mercadoria. O corpo do valor, ao encarnar valor, representa uma igualdade não somente qualitativa entre mercadorias distintas, mas também uma igualdade qualitativa. A encarnação do valor é a relação de valor capaz de suprassumir diferenças quantitativas e qualitativas inerentes aos valores-de-uso distintos entre si. A encarnação de valor é uma equiparação entre mercadorias tanto quantitativa quanto qualitativamente. No corpo do valor, a expressão de valor passa a ser a forma do valor, ou seja, a expressão de magnitude de valor enquanto unidade das determinações quantitativas e qualitativas do valor. A diferença entre a expressão de valor e a forma do valor consiste neste desvelar da relação de valor em que a unidade das determinações quantitativas e qualitativas do valor se efetiva.

Diante da determinação quantitativa de valor que a expressão de valor desvela, o corpo do valor transforma a relação de valor através da determinação qualitativa do valor. O corpo do valor surge como quantidade equivalente de valor tanto quantitativa quanto qualitativamente. Nesse sentido, a expressão de valor passa a ser suprassumida na relação de valor através do corpo do valor ou da unidade entre as determinações quantitativa e qualitativa do valor. O surgimento do corpo do valor desvela a natureza dialética da relação de valor, tal como surge como um momento do desenvolvimento dialético do valor rumo a sua efetividade enquanto valor. A encarnação do valor transforma-se em corpo do valor, em quantidade determinada de valor, como um corpo qualitativamente também determinado. À medida que o valor ganha corpo, a relação de valor caminha para sua efetividade através da forma-valor. O ganhar corpo do valor é o caminho através do qual o valor torna-se uma forma específica e determinada, torna-se a forma-valor através da efetividade da relação de valor.

A expressão de valor corresponde ao início da relação de valor, início determinado pela relação de valor através da oposição das formas de valor.

Quantidades de mercadorias e de trabalho necessário constituem a forma do valor substancialmente determinada no interior da relação de valor. Tal determinação quantitativa representa o início da relação e, por isso, não pode ser separada das determinações qualitativas do valor. O valor que se expressa precisa de uma forma de expressão, e não apenas do meio pelo qual consegue se expressar, ou seja, a relação de valor engendra as formas do valor e, consequentemente, efetiva-se por meio da forma-valor. O emergir do corpo do valor representa a dialética entre a expressão do valor e o meio através do qual se expressa o valor, isso quer dizer, representa o caminho para a forma-valor. A oposição entre as formas de valor não deixa de ser a igualdade de quantidade de corpo de valor inerente aos corpos das mercadorias envolvidas na relação de valor.

Enquanto na forma equivalente de valor a substância do valor aparece sob a forma de corpo do valor, na forma relativa de valor a mesma substância aparece enquanto grandeza de valor. A igualdade de substância de valor entre duas mercadorias distintas é a pressuposição para que haja relação de valor, contudo as formas que tais mercadorias assumem na relação de valor são opostas, tendo em vista a constituição do próprio valor. O tempo de trabalho necessário constitui o corpo do valor e permite a equivalência entre quantidades iguais de substância de valor encarnada em mercadorias distintas:

> A equação 20 metros de linho = 1 casaco, ou 20 metros de linho valem 1 casaco, pressupõe que em 1 casaco há substância de valor em porção igual à que existe em 20 metros de linho, que as duas quantidades de mercadorias custam o mesmo trabalho ou igual tempo de trabalho. O tempo de trabalho necessário para a produção de 20 metros de linho ou de 1 casaco se altera com qualquer variação na produtividade dos respectivos trabalhos especializados — o do tecelão e do alfaiate. É mister, por isso, analisar mais de perto a influência dessa variação sobre a expressão da magnitude do valor. (MARX, 2008, pág.75)

O corpo do valor se iguala à magnitude de valor, e tal igualdade representa a unidade das determinações quantitativas e qualitativas do valor. Nesse igualar substancial das formas do valor, podemos conceber a magnitude de valor tanto como uma determinação quantitativa quanto como uma determinação qualitativa. A produtividade do trabalho demonstra a substancialidade da relação de valor, e qualquer alteração no tempo necessário para a produção de mercadorias altera a relação de valor e, consequentemente, o valor das mercadorias. O trabalho igual e o

tempo também igual de trabalho permitem à substância de valor transformar-se em magnitude de valor ou grandeza de valor. Essa igualdade entre trabalhos e tempos de trabalho encarna não somente nas mercadorias, mas também na relação de valor. A produtividade do trabalho é expressão dessa igualdade introduzida pela força de trabalho e reflete os desdobramentos do trabalho abstrato e de sua substancialidade desvelada na relação de valor.[17]

As alterações no tempo de trabalho introduzidas pela produtividade não alteram o trabalho igual; pelo contrário, estabelecem uma relação entre os corpos das mercadorias a partir dessa igualdade e transformam a substancialidade do trabalho como algo comum, não apenas inerente à relação de valor, mas enquanto substancialidade do processo produtivo como um todo. Qualquer alteração no corpo do valor a partir das mudanças no tempo de trabalho necessário altera as relações de produção e estabelece a substância de valor como o fundamento dessas relações. A relação de valor é, portanto, produto dessa substancialidade de trabalho que não pode ser compreendida numa relação de valor isolada do processo de produção capitalista como um todo. Quando o tempo igual de trabalho torna-se o parâmetro da grandeza de valor de uma determinada mercadoria, essa igualdade precisa ser compreendida enquanto um corpo situado numa relação de valor, um corpo criado a partir dessa relação de valor e que se altera a partir de qualquer variação produzida pela produtividade do trabalho.[18] De fato, diante das variações na produtividade, a relação

---

[17] O trabalho abstrato representa uma categoria que amplia o conceito de trabalho e o de substância de valor. Sobre o caráter dialético da exposição de *O capital*, não podemos deixar de vislumbrar o movimento das categorias entre o abstrato e o concreto, entre o geral e o particular enquanto processo que se desenvolve através da relação entre sujeito e objeto, numa perspectiva dialética e material. Sobre o papel das categorias no interior do pensamento de Marx, é preciso compreender as inversões dialéticas sugeridas pelo próprio Marx. Segundo Ruy Fausto: "Ocorre outra coisa quando se trata não de definir a relação com os 'princípios' antropológicos, mas de estudar a maneira pela qual a dialética dá conta do seu objeto ou o desenvolve. Quando se trata da apresentação da estrutura econômica do capitalismo — estrutura que contém momentos ou estratos contraditórios —, o pensamento dialético não aparece mais suprimindo para não cair na intervenção, mas, ao contrário, como o pensamento que dá livre curso à intervenção, que se deixa levar por ela. Assim, nesse nível, o único trabalho que merece ser chamado de dialético, e portanto pode ser considerado científico, é aquele que é capaz de mostrar como noções do tipo 'homem', 'liberdade', 'propriedade', 'riqueza', consideradas como determinação do capitalismo, são afetadas de negação, e por isso se intervertem em seus contrários. Tais são as condições da racionalidade dialética em um e outro caso. Se o pensamento dialético é assim, por um lado, o pensamento que suprime para não cair na intervenção, ele é igualmente o que, em outro nível, aceita a intervenção, para não cristalizar como positivo o que contém o negativo. O discurso do entendimento é, pelo contrário, o que cai sem o querer na intervenção, e o que cristaliza noções cuja única racionalidade — enquanto determinações, consideradas no nível do desenvolvimento do objeto — é a de serem interversíveis." (FAUSTO, 2015, pág.87)

[18] O elemento corpóreo do valor não é deixado de lado numa relação de valor. Ao contrário, a relação de valor necessita da corporalidade do valor-de-uso que se desvela na forma equivalente de valor.

de valor pode ser apreendida como uma equação, mas essa equação não pode substituir o elemento substancial do valor por uma grandeza matemática sem observar o caráter corpóreo da relação do valor e do próprio valor.

Servir de equivalente numa troca representa a propriedade de ser permutável por outra mercadoria numa relação de valor; nesse sentido, o corpo do valor que serve de equivalente não representa uma forma do valor:

> Quando um tipo de mercadoria, casaco, serve de equivalente a outro tipo, linho, ostentando assim a propriedade de ser diretamente permutável pelo linho, em consequência, a proporção em que serão trocadas. Estas dependem, dada a magnitude do valor do linho, da grandeza do valor do casaco. Desempenhe o casaco a função de equivalente e o linho, a de valor relativo, ou, ao contrário, o linho, a de equivalente, e o casaco, a de valor relativo — o valor do casaco continua, como dantes, determinado pelo tempo de trabalho necessário à sua produção, independentemente, portanto, da forma do valor. Mas, quando a mercadoria casaco ocupa, na expressão de valor, a posição de equivalente, seu valor não adquire nenhuma expressão quantitativa. Ao contrário, passa a ser a expressão quantitativa não de valor mas de uma coisa. (MARX, 2008, pág.78)

Nesse sentido, não há suspensão do uso na relação de valor, naquela relação descrita no primeiro capítulo de *O capital*. Segundo José Arthur Giannotti haveria tal suspenção em função do valor-de-troca, porém é o valor-de-troca que é suspenso numa relação de valor, é o valor-de-troca o elemento exterior ao corpo do valor e só reaparece na relação no suprassumir da diferença entre o interior e o exterior da relação de valor: “Examinemos essa dificuldade junto à análise marxista do valor, elucidativa como sempre. Ao iniciar o estudo da linguagem mercadoria, ou melhor, do jogo não verbal onde mercadoria e agentes mercadores se identificam, Marx aponta, desde o início, o caráter contraditório da objetidade valor. O conflito se instaura entre valor-de-uso e valor, sendo que este existe por esse conflito. Vinte metros de linho possuem uma série de atributos que o confirmam como objeto de uso. Tais determinações configuram a primeira negação. Mas eles só encontram sua identidade no casaco e noutros valores-de-troca — identificam-se pelo outro. Daí estarem suspendendo seu uso para valerem exclusivamente como objeto de troca. O linho se expressa, pois, pelo casaco, mede sua identidade de valor por intermédio dele, de modo a adquirir o atributo trocável. Este põe entre parênteses, suspende, o valor-de-uso, assegurando então a vigência, a presença, da trocabilidade enquanto negação da negação. Observe-se, de um lado, que não digo que alguém tomou um objeto de uso, porquanto os agentes se identificam por este processo, o qual também é responsável pela identificação das coisas. De outro lado, tal presença só pode ser mantida enquanto se repetem atos de troca entre o linho, o casaco e assim por diante. Nesta presentificação reside a possibilidade do dinheiro como objeto que existe pelo atributo da trocabilidade. No fundo, se encontra o pressuposto da plena vigência do mercado e da divisão do trabalho, pois uma troca fortuita não instaura valor. Daí não ter cabimento isolar a constituição do valor como se esta se desse unicamente no plano da circulação. A reiteração das trocas demanda a reposição dos valores-de-uso, indicando assim a imbricação das duas esferas. Somente dessa maneira o objeto de uso se determina como produto dum trabalho concreto que se socializa como trabalho abstrato e vem a ser por ele. Não tem cabimento, como quer Ruy Fausto, que a contradição não apareça na sua plenitude desde o início do processo do capital, vale dizer, da constituição da mercadoria. É bem verdade que somente depois surge a contradição entre capital e trabalho, mas para isso não é preciso esperar pelos esquemas de reprodução.” (GIANNOTTI, 2010, pág.VI)

A grandeza do valor do casaco é o corpo do valor, e a proporção que ele representa é a proporção do corpo do valor. O corpo do valor do casaco transforma a proporção de magnitude do valor do linho numa determinação qualitativa, e não apenas uma expressão de valor. A relação entre a expressão de valor e o corpo do valor transforma a relação de valor em algo diverso de grandezas distintas ou forma distintas de valor, ou seja, supera a dualidade entre as grandezas quantitativas distintas e as formas do valor opostas entre si. A forma equivalente de valor continua a ser uma expressão quantitativa, mas não uma grandeza apenas quantitativa oposta aos aspectos substanciais e corpóreos inerentes à relação de valor. Ser expressão quantitativa de uma coisa é diferente de ser expressão quantitativa de valor, mas a expressão quantitativa de uma coisa supera a contradição entre as formas de valor, bem como a contradição entre os aspectos quantitativos e qualitativos do valor. O corpo do valor transforma a expressão de valor em expressão do corpo do valor.[19]

A expressão de valor e a expressão de uma coisa são formas distintas de manifestação das grandezas dos valores no interior da relação de valor. Elas dizem

[19] A evolução das formas históricas do trabalho permitiu o desenvolvimento material do valor. A passagem da manufatura para a indústria representa um movimento dialético entre trabalho e valor. O artesão, o trabalhador da manufatura e o trabalhador da indústria constituem experiências históricas sem as quais não poderíamos vislumbrar o desenvolvimento da relação entre trabalho concreto e trabalho abstrato, entre trabalho e valor. Em *A formação da classe operária inglesa*, podemos perceber a dialética entre o trabalhador da manufatura e o da indústria: "Nos anos 1790, ocorreu algo como uma 'Reforma Inglesa', de profunda importância para moldar a consciência do operariado pós-guerra. É verdade que o impulso revolucionário foi reprimido nos seus primórdios, e a primeira consequência foi a amargura e o desespero. O pânico contrarrevolucionário das classes dirigentes se expressava em todas as facetas da vida social: nas atitudes diante do sindicalismo, da educação do povo em suas maneiras e diversões, das suas publicações e sociedades, e dos seus direitos políticos. E pode-se ver o reflexo do desespero entre o povo comum, durante os anos de guerra, no quiliasmo invertido dos southcottianos e no novo revivalismo metodista. Nas décadas após 1975, houve uma profunda separação entre as classes na Inglaterra, e os trabalhadores foram lançados a um estado de apartheid cujos efeitos — nos detalhes da discriminação social e educacional — podem ser sentidos até hoje. É nisso que a Inglaterra diferia de outras nações europeias: o fluxo de sentimentos e disciplinas contrarrevolucionários coincidiu com o fluxo da revolução industrial; na medida em que avançavam novas técnicas e formas de organização industrial, recuavam os direitos sociais e políticos. A aliança natural entre uma burguesia industrial impaciente, com ideias radicais, e um proletariado em formação rompeu-se tão logo chegou a se formar. A fermentação entre os industrialistas e comerciantes ricos dissidentes de Birminghan e as cidades industriais do norte pertence principalmente aos anos de 1791 e 1792; o auge da inimizade entre artesãos e assalariados em Londres, Norwich e Sheffield — causada seja pela fome, seja pela agitação jacobina — pertence a 1795. Esses dois momentos só coincidem por uns poucos meses em 1792; depois dos massacres de setembro, todos os industriais manufatureiros, com exceção de uma pequena minoria, se amedrontaram com a causa da reforma. Se não houve uma revolução na Inglaterra nos anos de 1790, não foi devido ao metodismo, mas à desintegração da única aliança suficientemente forte para realizá-la; depois de 1792, não havia girondinos para abrir as portas por onde poderiam passar os jacobinos. Se homens como Wedgwood, Boulton e Wilkinson tivessem atuado como homens como Hardy, Place e Binns — e se a pequena nobreza de Wyvill agisse com eles —, Pitt ou Fox teriam sido obrigados a conceder uma grande parte da reforma." (THOMPSON, 2011, pág.237)

respeito aos aspectos quantitativos das magnitudes de valor envolvidas numa relação de valor, mas também desvelam a contradição entre quantidade e qualidade no interior da relação de valor. A expressão quantitativa de uma coisa representada pela forma equivalente de valor estabelece uma expressão de magnitude da coisa diferente daquela expressão quantitativa de valor tal como se apresenta na expressão de valor. Assim como o valor se expressa por meio da coisa, a coisa também se expressa por meio do valor. A coisa se expressa como valor ou como coisa mesma — nesse caso, a coisa mesma é um corpo que transforma a expressão de valor numa relação de valor e, ao mesmo tempo, transforma a relação de valor a partir do próprio corpo do valor. O corpo do valor se expressa para que a expressão de valor se torne uma relação de valor, ou seja, uma expressão corpórea de valor ou valor em forma de um corpo.[20]

A forma corpórea do valor é a condição para a efetividade da relação de valor. Nesse sentido, o corpo do valor aproxima-se da corporalidade dos valores-de-uso e afirma a materialidade da relação de valor. O desenvolvimento da relação de valor é a aproximação da materialidade dos corpos dos valores-de-uso do meio do corpo do valor. O corpo do valor é a expressão material da relação de valor, e tal expressão representa aspectos ou determinações quantitativos e qualitativos do valor. A possibilidade de permuta entre coisas diferentes constitui a base da relação de valor, e tal possibilidade se desenvolve através da relação de valor. É a forma corpórea da forma equivalente de valor que permite à condição de valor de uma mercadoria materializar-se através da relação de valor. A forma de equivalente consiste na forma corpórea capaz de expressar a relação de valor, e não apenas uma expressão de

[20] *O capital*, de Marx, problematiza as categorias da economia política e da metafísica ao mesmo tempo. Sem uma reflexão sobre a crítica de Marx ao problema do sujeito moderno, é impossível compreender as categorias de *O capital*. Segundo Bloch, Marx representa uma síntese do racionalismo e do materialismo, síntese apenas possível devido às incursões marxianas na filosofia antiga e na filosofia moderna: "O lugar da contemplação inativa, na qual todo o materialismo anterior, inclusive o de Feuerbach, insiste, é ocupado pelo fator 'atividade humana'. E isso já no interior do saber sensorial, ou seja, do saber imediato, que parte do fundamento: sensibilidade como cognição, como base real do conhecimento, de modo algum é o mesmo que contemplação. O conceito 'atividade', acentuado por Marx desse modo na tese 1, procede justamente da teoria idealista do conhecimento, mas não da idealista pura e simplesmente, mas da que foi desenvolvida na época moderna burguesa. Pois esse conceito pressupõe como base uma sociedade em que a classe dominante vê ou gostaria de var a si mesma em atividade, portanto, trabalhando. Este, porém, é o caso somente na sociedade capitalista, na medida em que nela o trabalho, quer dizer, a aparência de trabalho em torno da classe dominante não é mais motivo de desonra, mas é honrada, diferentemente de todas as sociedades pré-burguesas. Isso ocorre por exigência do lucro, das forças produtivas que se desencadeiam nessa sociedade do lucro." (BLOCH, 2005, pág.252)

valor unilateral. A igualdade entre o linho e o casaco resulta num corpo do valor que se expressa em função de tal igualdade entre mercadorias distintas entre si. O corpo do valor se expressa para que a igualdade entre as grandezas de valor se efetive dialeticamente através de determinações quantitativas e qualitativas ao mesmo tempo.[21]

Somente quando se torna igual ao casaco é que o linho revela sua condição de valor expressa a partir da unidade entre a expressão de valor e o corpo do valor. A forma corpórea do casaco afirma o linho enquanto expressão de valor e, ao mesmo tempo, enquanto algo igual ao corpo do valor. A unidade entre expressão de valor e o corpo do valor representa o suprassumir da contradição entre a expressão de valor e o corpo do valor, ou seja, o corpo do valor é a efetividade da igualdade entre a expressão de valor e o corpo do valor:

> Já vimos que a mercadoria A (o linho), ao exprimir seu valor por meio do valor-de-uso de mercadoria diferente, a mercadoria B (o casaco), imprime a esta última forma de valor peculiar, a forma de equivalente. O linho revela sua condição de valor, ao igualar-se ao casaco, sem que este adote uma forma de valor diferente de sua forma corpórea. Na realidade, o linho expressa sua própria condição de valor por ser o casaco por ele diretamente permutável. Assim, a mercadoria assume a forma de equivalente, por ser diretamente permutável por outra. (MARX, 2008, pág.77)

A permuta entre expressão de valor e o corpo do valor não deixa de ser a condição de igualdade entre valores-de-uso diferentes com suas respectivas formas de valor, quer dizer, forma relativa e forma equivalente de valor. A condição de valor é a condição de igualdade entre as mercadorias diferentes entre si, mas para isso a expressão de valor precisa se reconhecer na expressão do corpo do valor. O linho se iguala ao casaco, iguala-se ao corpo do valor que não se resume a uma expressão de valor. Tal igualdade entre o linho e o casaco desvela, através da forma equivalente de valor, a unidade entre a substância do valor inerente ao linho e ao casaco,

[21] A relação de valor expressa a necessidade de síntese concreta entre coisas materiais e substanciais ao mesmo tempo. A necessidade de superar um pensamento formal-superficial foi discutida por Gyorgy Lukács em *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*: “Temos de compreender, portanto, a respectiva generidade não apenas como processo, mas como síntese processual de todos os momentos aqui esboçados. Se observarmos sua essencialidade apenas como processo, então nossa consideração permanecerá formal-superficial. O autêntico significado humano desses processos, sua distância efetiva da generidade muda na natureza só pode vir à luz do dia nessa intricada complexidade.” (LUKÁCS, 2010, pág.111)

substância do valor que permite a existência das formas de valor e da própria relação de valor.[22]

O corpo do valor é o corpo da expressão de valor, logo o casaco é o corpo do valor do linho. Isso significa que a forma equivalente de valor não se expressa quantitativamente como a forma relativa de valor. A forma equivalente se expressa de forma diferente da expressão de valor, ela não expressa valor conforme uma expressão de valor. O corpo do valor desvela que uma expressão de valor não é apenas uma determinação quantitativa, mas uma relação de valor ou uma relação com o corpo do valor. A forma equivalente expressa determinada quantidade de valor sem ser uma expressão de valor, sem expressar-se como expressão de valor ao expressar a quantidade de valor da forma relativa de valor:

> Por exemplo: 40 metros de linho valem o quê? Dois casacos. Desempenhando o casaco, no caso, o papel de equivalente, sendo o valor-de-uso casaco o corpo do valor de linho, basta determinada quantidade de casacos para expressar determinada quantidade de valor de linho. Dois casacos podem, por isso, expressar a magnitude de valor de 40 metros de linho, mas nunca a magnitude do próprio valor, a magnitude do valor dos dois casacos. A compreensão superficial do fenômeno de o equivalente possuir sempre, na equação do valor, a forma de mera quantidade de uma coisa, de um valor-de-uso, induziu Bailey, além de muitos dos antecessores e sucessores, a ver, na expressão do valor, apenas uma relação quantitativa. Ao contrário, a forma de equivalente não contém nenhuma determinação do valor da mercadoria que a assume. (MARX, 2008, pág.78)

A expressão de valor encontra na forma equivalente de valor não apenas um corpo, mas a substância do valor. Nesse sentido, o corpo do valor desvela que a expressão de valor não representa apenas uma expressão quantitativa. A expressão de valor diante do corpo do valor encontra-se com sua própria substância, mas esse encontro consiste também num momento determinado da relação de valor que não se encerra na dualidade das formas do valor. O corpo do valor ainda não é a forma-valor,

[22] Nos *Manuscritos* de 1861-1863, *Para a crítica da economia política*, a materialidade da forma-valor já havia sido pensada por Marx enquanto materialidade da mercadoria e do dinheiro: “Para que dinheiro ou mercadoria, uma quantia de valor em geral, possa ser emprestada como capital, o capital já tem de estar em tal medida pressuposto como forma potencializada particular do valor que, assim como dinheiro e mercadoria são pressupostos ao capital em geral como elementos materiais, aqui a forma capitalista do valor seja pressuposta como a igual propriedade inerente de mercadoria e dinheiro, de maneira que dinheiro ou mercadoria possam ser transmitidos a um terceiro, dado que mercadoria ou dinheiro não podem se desenvolver como capital na circulação, mas sim ser lançados na circulação apenas como capital pronto, capital em si, como uma mercadoria particular, que também possui sua forma particular de venda.” (MARX, 2010, pág.44)

e a expressão de valor encontra no corpo do valor o caminho para a efetividade da forma-valor e da relação de valor como um todo. A corporalidade do valor representa o momento da relação de valor em que a oposição entre as formas de valor cede lugar ao encontro de tais formas. A forma equivalente é um corpo que necessita de forma, e tal forma representará a efetividade da relação de valor e de sua corporalidade.

O fato de a forma equivalente de valor ser o meio através do qual a expressão de valor consegue se expressar desvela a natureza do próprio valor e da expressão de valor. Tal negação do valor enquanto expressão do valor é a afirmação da substância inerente à relação de valor ou a substância comum que torna possível a relação de valor: "A primeira peculiaridade que salta aos olhos, ao observar-se a forma equivalente, é que o valor-de-uso se torna a forma de manifestação do seu contrário, isto é, do valor." (MARX, 2008, pág.78) O corpo do valor manifesta valor, mas não sob a forma de uma expressão de valor tal como ocorre na forma relativa de valor. A forma equivalente se manifesta na oposição à forma relativa do valor para exprimir o valor enquanto forma própria, e não como uma expressão sem corpo próprio ou sem forma própria.[23]

A contradição entre valor e valor-de-uso deve ser vista como a contradição entre a expressão de valor e a materialidade do valor-de-uso. Apenas a relação de valor pode resolver essa contradição ao transformar a expressão de valor em apenas um momento da relação, e não na relação de valor como um todo. Para isso, é necessário reconhecer primeiro a substancialidade do tempo do trabalho necessário

[23] Marx problematiza dialeticamente o abstrato na exposição de *O capital* ao concebê-lo como algo inerente ao trabalho abstrato. O abstrato deixa de ser um produto da imaginação e passa a ser produto do trabalho humano. Tal perspectiva relaciona-se com a visão de Feuerbach acerca da relação entre a exposição e o concreto, porém Marx aproxima a exposição de *O capital* do concreto e não do abstrato, haja vista que a análise em abstrato é centrada no trabalho abstrato que não pode ser concebido enquanto algo destituído de determinação material. Em *Para a crítica da filosofia de Hegel*, Feuerbach desenvolve uma reflexão sobre a relação entre a exposição e a matéria: "Mas será o começo, como a filosofia de Hegel o trata na *Lógica*, um começo universal, absolutamente necessário? Não será mais precisamente um começo determinado, e determinado pelo ponto de vista da filosofia anterior a Hegel? Não se liga ele à *Doutrina da Ciência*? Não se prende com a questão, que já anteriormente se colocava, acerca de um primeiro princípio da filosofia, com o ponto de vista segundo o qual o interesse da filosofia era, no essencial, apenas um interesse sistemático, formal e não material, em que a questão primeira era: 'o que é cientificamente o primeiro?' Não se prova já essa conexão pelo fato de o método de Hegel — abstraída naturalmente a diferença de conteúdo que se torna também numa diferença de forma — ser no essencial, ou pelo menos no geral, o método de Fichte? Não é o percurso da *Doutrina da Ciência* também este, que aquilo que no início é apenas para nós é por fim o mesmo para si mesmo e que deste modo o fim volta ao começo, portanto, que o percurso da ciência é um círculo?" (FEUERBACH, 2012, pág.78)

e sua capacidade em criar valor. A produtividade do trabalho representa outro elemento em que a substância do valor se desvela como resultado da força média do trabalho social. Todas essas transformações e processos inerentes ao trabalho humano contribuem para formar as condições da relação de valor e desvelar não somente a contradição entre o valor e o valor-de-uso, mas como a partir dessa contradição surgiu a relação de valor e a forma-valor.[24]

O corpo do valor permite à expressão de valor transformar-se em algo oposto àquilo que ele é enquanto forma relativa do valor ou apenas uma determinação quantitativa do valor. Na medida em que permite essa transformação da expressão do valor, o corpo do valor também se transforma em forma-valor. Devido a essa passagem entre a expressão de valor e o corpo do valor é que o valor-de-uso pode ser compreendido enquanto transporte do valor, transporte material através do qual a expressão de valor ganha corpo, e a relação de valor se efetiva como forma-valor.[25] Nesse sentido, a relação de valor só pode ser pensada enquanto o movimentar-se

---

[24] A complexidade da exposição do primeiro capítulo de *O capital* suscitou debates entre os principais interlocutores de Marx, conforme vislumbramos na biografia escrita por Gareth Stedman Jones: "Engels levantou questões sobre a obscuridade do argumento na primeira parte do livro a respeito da 'forma valor' para uma geração pós-hegeliana. 'O *populus*, mesmo os especialistas, simplesmente não está mais acostumado a essa maneira de pensar, e é preciso torná-la tão fácil para eles quanto possível.' Karl reconheceu que o primeiro capítulo era de 'maior dificuldade', e respondendo a Engels e a Kulgelmann, que tinha levantado uma questão parecida, ele produziu um apêndice sobre a forma-valor destinado a ajudar 'o leitor não dialético'. Mas é duvidoso que esse apêndice tenha ajudado muito, uma vez que foi eliminado em edições posteriores. Boa parte da dificuldade poderia ter sido evitada se o argumento simplesmente começasse pela troca. Mas, para Karl, o objetivo de começar com a mercadoria era avançar para além da sua abordagem original, em que o valor-de-troca na forma dinheiro tinha sido o agente corrosivo responsável pela destruição de comunidades antigas. Isso, por sua vez, estava ligado à sua noção de transição de M-D-M (mercadoria-dinheiro-mercadoria) para D-M-D (dinheiro-mercadoria-dinheiro). Mas agora a destruição de comunidades antigas mal foi mencionada. Em vez disso, ele esperava inferir o surgimento da forma-valor por um processo de dedução. Isso demonstraria que o dinheiro como tal não foi o agente responsável pelo desenvolvimento dos valores-de-troca e pela produção de mercadorias; qualquer outra mercadoria poderia ter desempenhado a função de equivalente universal." (JONES, 2017, pág.448)

[25] A abstração que Marx retrata n'*O capital* reflete o desvelar da condição material da mercadoria, e a forma-valor representa a totalidade da relação de valor. Acerca do conceito de forma n'*O capital*, podemos vislumbrar uma relação com a tradição filosófica, principalmente com a filosofia de Hegel: "Form, derivado do latim, indica usualmente uma forma abstrata compartilhada por numerosos indivíduos. Ao invés de Gestalt, pode referir-se, por exemplo, à forma genérica do soneto, embora, como Gestalt, possa também aludir à forma de um determinado soneto. Assim, contrasta usualmente com 'matéria' ou 'conteúdo'. Em estética, a forma de uma obra de arte é a sua aparência (*Shcein*) exterior, perceptível, em contraste com o seu conteúdo. (A Form, mas não a Gestalt, da obra pode ser inadequada ao seu conteúdo.) Na tradição aristotélica, em contraste, a Form (grego: *eidos*) de uma coisa, distinta de sua matéria, é frequentemente vista como a sua essência íntima, a qual determina a sua forma externa. A noção de uma forma interior, essencial, aparece em Heder, Goethe e Hegel. O adjetivo formal ou formell aplica-se a tudo o que pertença à forma e abstraia do conteúdo, e *formalismos* é uma concentração excessiva na forma à custa do conteúdo." (INWOOD, 1997, pág.150)

das formas no interior do valor, e tal movimento não exclui o valor-de-uso enquanto corpo do valor, enquanto oposição ao aspecto abstrato da expressão de valor.[26]

A relação entre o casaco e o linho cria o corpo do valor, mas essa relação não finda no corpo do valor. O corpo do valor é um momento da relação de valor em que a expressão de valor deixa de ser apenas uma expressão quantitativa de valor e passa a ser corpo do valor. A superação do aspecto abstrato e meramente quantitativo do valor permite ao corpo do valor continuar o movimento iniciado pela relação de valor. Nesse sentido, o corpo do valor se confronta com outra mercadoria enquanto corpo, confronta-se enquanto valor-de-uso com o próprio valor tendo em vista a efetividade da forma-valor. Temos aí a diferença e o confronto entre a forma do valor e a forma de valor. O corpo do valor confronta-se com outra mercadoria nos limites da relação de valor, e, com isso, temos a conversão entre a forma natural da mercadoria e a forma de valor. Apenas com a formação do corpo do valor é que o caráter natural da mercadoria se torna forma de valor:

> A forma natural ou física da mercadoria torna-se forma de valor. Mas, note-se, essa conversão ocorre com uma mercadoria B (casaco, trigo, ferro etc.) no quadro da relação de valor, em que outra mercadoria qualquer (linho, etc.) com ela se confronta, e apenas dentro dos limites dessa relação. Uma vez que nenhuma mercadoria se relaciona consigo mesma como equivalente, não podendo transformar seu próprio corpo em expressão de seu próprio valor, tem ela de relacionar-se com outra mercadoria, considerada equivalente, ou seja, fazer da figura física de outra mercadoria sua própria forma de valor. (MARX, 2008, pág.79)

Na medida em que faz da forma física de outra mercadoria a sua forma de valor é que a forma natural ou física da mercadoria se torna forma de valor. Converte-se no corpo de valor de outra mercadoria e, com isso, se transforma em corpo de valor, corpo de valor ou valor-de-uso de outra mercadoria. As figuras físicas das mercadorias se transformam em forma de valor a partir do corpo do valor, e a relação de valor deixa

[26] Segundo Jorge Grespan, a equivalência entre mercadorias permite a reconstituição fisiológica do trabalho em geral ao desvelar o trabalho abstrato enquanto algo inerente ao caráter fisiológico da substância do valor. A relação de valor encontra na forma equivalente o momento corpóreo do valor, mas é a forma-valor que se materializa como expressão da totalidade da relação de valor. O corpo do valor e a forma-valor desvelam o trabalho como substância humana ou trabalho em geral: “Como se vê, o trabalho abstrato também se objetiva ou materializa no corpo das mercadorias, fazendo elas possuírem valor como uma propriedade delas, que é abstrata, contudo, por se determinar pela abstração das propriedades naturais que lhes conferem utilidade. Mas ‘somente a expressão de equivalência’, a troca de produtos de trabalhos diversos, ‘reduz realmente’ estes trabalhos ao ‘trabalho humano em geral’, abstrato no sentido fisiológico.” (GRESPAN, 2012, pág.54)

de ser a oposição imediata e inicial entre as formas antagônicas de valor. Com a efetividade do corpo do valor, a relação de valor converte-se numa forma de valor suprassumindo os antagonismos iniciais entre formas de valores distintas e opostas entre si.[27] Entre a expressão de valor e o corpo do valor, existe o movimento de suprassunção da expressão de valor como mera determinação quantitativa de valor. Diante da formação do corpo do valor, não apenas a expressão de valor se transforma em forma equivalente de valor, mas toda a relação passa a se converter em algo que não é a forma física ou natural da mercadoria. No quadro da relação de valor, B aparece como determinante para o confronto entre as mercadorias e a consequente conversão da natureza física para a forma social da mercadoria convertida em valor. Marx deixa bem claro que é esse quadro da relação de valor em que B torna-se corpo do valor que tal conversão é possível. Dessa forma, o corpo do valor é a efetividade da forma equivalente de valor que nasce do confronto entre as formas do valor, confronto que gera o corpo do valor e sua natureza corpórea enquanto valor-de-uso antagônico ao próprio valor.[28]

Para que a forma natural ou física da mercadoria se torne forma do valor, é preciso que o corpo do valor seja engendrado a partir da dialética entre as formas opostas do valor. Trata-se de um momento da relação de valor que não se confunde

---

[27] A crítica do pensamento abstrato equivale à crítica da metafísica em Marx. Mas isso não impediu Marx de considerar aspectos abstratos inerentes ao trabalho humano. A concepção do abstrato em Marx está relacionada também com a questão da matéria e da autoconsciência. O percurso da concepção marxiana da abstração remonta ao contexto intelectual de Marx diante do movimento jovem hegeliano. Conforme bem esclareceu Michael Heinrich, o desenvolvimento do conceito de abstrato em Marx relaciona-se com sua visão crítica acerca dos jovens hegelianos, bem como com a influência que tal debate sobre a autoconsciência exerceu no pensamento do jovem Marx: "Discutiu-se muito na literatura se Marx teria emprestado o conceito de auto-consciência de Bauer ou se já havia diferenças entre eles. No entanto, parece-me mais fundamental investigar o que existia de tão interessante no conceito de auto-consciência para ambos nessa época. No fim da década de 1830, muitos jovens hegelianos consideravam, por um lado, a filosofia de Hegel fechada demais em relação às novas dinâmicas, sobretudo políticas; por outro lado, acreditavam que ela exageraria o fator geral: o individual-subjetivo só teria papel secundário. Apesar de toda a crítica, a filosofia de Hegel não deveria ser descartada, ela ainda serviria de guia." (HEINRICH, 2018, pág.392)

[28] O valor-de-uso pode ser encarado como o início da abstração, mas como se encontra em relação e só pode existir em relação como outro valor-de-uso ou numa relação de valor é que podemos encarar sua existência como algo material cuja materialidade deriva da relação de valor e não da aparência sensível dos objetos. Segundo Rui Fausto, não podemos compreender *O capital* distantes do conceito de vida conforme herdamos de Aristóteles e Hegel: "A propos de la vie, nous en avons déjà considéré plusieurs aspects, plutôt en évoquant Aristote, mais les mêmes thèmes réapparaissent chez Hegel (le lien entre la nutrition et la reproduction, etc.). Le concept total, la vie, est l'âme *omnipresente* (*allgegenwärtig*) qui demeure rapport simple à soi-même. Mais se nous avons l'âme, nous avons aussi le corps. Et le surgissement de la structure duelle âme-corps. Cette structure corresponda au sujet-objet et prepare l'idée d'adéquation qui joue um rôle très importante dans l'achèvement de la *Logique*. Mais le capital s'arrête à la vie, l'idée immédiate." (FAUSTO, 1996, pág.74)

com a forma equivalente de valor, haja vista que a forma equivalente de valor é o corpo do valor ou um valor-de-uso. É o confronto de B ou forma equivalente de valor com outras mercadorias que proporciona a conversão da forma física das mercadorias em forma do valor. O momento da conversão pressupõe o corpo do valor, logo a expressão de valor se converte em algo que não é físico no contato com o corpo do valor. Essa conversão não pode ser uma conversão ao corpo do valor, haja vista que apenas a forma equivalente pode ser considerada o corpo do valor. Trata-se antes do confronto da expressão de valor com o corpo do valor, quer dizer, de uma determinação qualitativa engendrada numa relação de valor a partir da corporalidade do valor e dos aspectos qualitativos inerentes à forma equivalente de valor. No confronto da forma relativa com a forma equivalente, forma-se o corpo do valor e, consequentemente, a forma do valor como uma conversão da forma física da mercadoria em forma do valor.[29]

Diante do corpo do valor, é a relação de valor que se converte em forma social do valor, e tal relação passa a ser determinada corporalmente, e não apenas quantitativamente. Apesar da dicotomia entre forma relativa e equivalente de valor, a relação de valor passa a ser determinada qualitativamente a partir do confronto entre a expressão de valor e o corpo do valor. A mercadoria converte-se numa forma que não é natural, logo essa forma só pode ser social, conforme ensina Marx: “Enquanto o casaco, ao exprimir o valor do linho, representa uma qualidade que não é física, mas puro elemento social: o valor que é comum a ambos.” (MARX, 2008, pág.79) O conceito de social para Marx encontra-se ligado à substância do valor, ao trabalho como força de trabalho e ao corpo do valor formado no confronto entre as formas do valor. Tal conceito de social está ligado, portanto, ao valor enquanto uma

[29] A exposição filosófica do materialismo de Marx se confunde com sua crítica ao pensamento clássico burguês. A exposição de *O capital* representa uma reflexão sobre o método dialético através de uma abordagem materialista, conforme Karl Korsch demonstra em seu livro *Marxismo e filosofia*: “A coerência interna do sistema de pensamento de Marx demonstra também, indiretamente, o absurdo dos lamentos — tão enternecedores quanto frequentes pelo fato de ele não ter deixado, como o fez no que diz respeito à sua ‘economia política’, uma exposição detalhada, numa obra específica, das suas concepções filosóficas (vale dizer, do ponto de vista e do método da sua nova concepção ‘materialista’ da sociedade e da história). De fato, Marx expôs, com toda a precisão desejável, as suas ideias materialistas com todas as suas consequências em suas obras, especialmente na mais importante delas, *O capital* e, deste modo, revelou-se mais claramente a essência da sua concepção do que se recorresse a uma exposição teórica. A significação de *O capital* não se esgota, em absoluto, no domínio exclusivo do econômico. Neta obra, Karl Marx não se limita à crítica profunda da economia política da classe burguesa — criticou, ao mesmo tempo, todas as ideologias burguesas derivadas dessa ideologia básica.” (KORSCH, 2008, pág.130)

determinação qualitativa que surge de uma relação de valor.[30] A forma do valor enquanto determinação qualitativa que efetiva a conversão da mercadoria em forma social não se confunde com a expressão de valor que surge da forma física da mercadoria enquanto determinação quantitativa na origem da relação de valor, ou seja, a conversão não surge da expressão de valor que ainda não se confrontou com o corpo do valor. Trata-se antes do resultado do confronto entre as formas do valor e de um processo que se desenvolve na medida em que surge o corpo do valor e a consequente determinação social e qualitativa da relação de valor.[31]

A contradição no interior da mercadoria entre seu valor e seu corpo resulta na expressão de valor ou na forma relativa do valor. Segundo Marx, a expressão de valor

---

[30] A negação da negação é o elemento-chave para compreendermos a contradição objetiva. Negação e contradição constituem não apenas o evanescimento, mas a fonte do conceito numa perspectiva dialética: "Esse movimento duplo nos permite afirmar que a linguagem em Hegel não é nem convencionalista (entre a palavra e a coisa só haveria relações arbitrárias —— posição mais próxima de Saussure) nem expressiva (a palavra seria presença da coisa, como se existisse um *hilomorfismo* entre forma e conteúdo). Como nos lembra Lebrun: 'A expressão? O conceito não se exprime nem se indica através de suas determinações: ele se mostra dissolvendo-as e negando a aparência aparente delas'. Para a dialética, não há expressão que não seja negação do expresso. Se o esvanecimento pode produzir significação é porque o pensamento especulativo desenvolve o que Ruy Fausto chamou de 'significações-limites': significações que se dão no limite da passagem de um a outro." (SAFATLE, 2005, pág.252)

[31] O conceito de valor não pode prescindir da abstração nem dos aspectos empíricos relacionados ao valor. O conceito de valor não é produzido pelo intelecto independente da matéria que representa a origem do valor. Segundo Galvano della Volpe, ao interpretar a obra de Kant a partir de uma perspectiva materialista, é preciso renunciar ao olhar puramente intelectualista do próprio conceito: "Chegamos assim, através do problema da formação do conceito (ou problema do conhecimento como síntese ou juízo), ao problema, que o primeiro necessariamente implica, da objetividade empírica, (Carabellese), ou melhor, digamos, do conceito empírico, isto é, da empiricidade do conceito como um aspecto ineliminável de todo o juízo e, por isso, de todo o conhecimento: o problema, afinal, da contingência do juízo *in genere*. Isso mesmo: a contingência que se tinha revelado como característica do juízo de experiência — a contingência iludida pela concepção intelectualista kantiana de uma síntese *a priori* — revela-se-nos agora, se pensarmos até ao fundo a verdade entrevista por Kant (ou seja, que o conceito é uma formação, uma síntese, um juízo), revela-se-nos como a característica de todo o juízo, e subordinadamente de todo o conhecimento.
Com efeito, renunciando ao conceito pressuposto, intuído intelectualmente, fica apenas o conceito que, nascendo como juízo, nasce por uma síntese, que supõe, para ser tal, elementos especificamente distintos, pelo que para o nascimento do conceito não contribui apenas o fator dito intelectual (isto é, racional), mas sim, de igual modo, o fator sensível ou estético em sentido amplo: e daí a empiricidade e contingencia como um aspecto irredutível de todo o conceptus ou concepção. Cai assim por terra a distinção de juízo analítico e de juízo sintético, mas no preciso sentido de que não existe senão o juízo como síntese de elementos criticamente distintos. E a segunda dificuldade, do juízo sintético *a posteriori* ou perceptivo (que, para Kant, não foi um problema), ou seja, como se junta uma intuição ao conceito dado, ficará resolvida resolvendo a primeira, que ele tem em comum com o juízo analítico: o caráter de pressuposto que é próprio do conceito dado, exatamente; tendo-se a primeira transformado na segunda, pelo princípio da formação do conceito. Assim se coloca o problema integral da experiência, ou seja, do juízo de experiência: como aquele problema que canaliza, portanto, as aporias, não vistas por Kant, do juízo analítico, do juízo sintético *a posteriori* — e do juízo sintético *a priori*. (DELLA VOLPE, 1984, pág.40)

é algo que contradiz a forma natural da mercadoria, ou seja, quando a expressão de valor ingressa na relação de valor, ela expressa essa contradição inerente à mercadoria. O elemento social que torna possível o valor encontra-se oculto na contradição entre a condição material da mercadoria e o que ela representa enquanto expressão de valor. A expressão de valor não esconde apenas o corpo da mercadoria, mas também seu próprio corpo enquanto corpo do valor, esconde o elemento social capaz de transformar o valor no corpo do valor e na forma-valor ao mesmo tempo. Por trás da determinação quantitativa da expressão de valor, escondem-se aspectos sociais, qualitativos e corpóreos do valor desvelados a partir da relação de valor. A forma relativa não entra em contradição apenas com o corpo do valor, mas com sua própria forma física e seu corpo material:

> A forma relativa do valor de uma mercadoria (o linho) expressa seu valor por meio de algo totalmente diverso do seu corpo e de suas propriedades (o casaco); essa expressão está assim indicando que oculta uma relação social. O oposto sucede com a forma de equivalente. Ela consiste justamente em que o objeto material, a mercadoria, como o casaco, no seu estado concreto, expressa valor, possuindo de modo natural, portanto, forma de valor. Isto só vigora na relação de valor em que a mercadoria casaco ocupa a posição de equivalente em face da mercadoria linho. Ora, as propriedades de uma coisa não se originam de suas relações com outras, mas antes se patenteiam nessas relações; por isso, parece que o casaco tem por natureza, a forma de equivalente, do mesmo modo que possui as propriedades de ter peso ou de conservar calor. Daí o caráter enigmático da forma de equivalente, o qual só desperta a atenção do economista político, deformado pela visão burguesa, depois que essa forma surge, acabada, como dinheiro. Empenha-se, então, em explicações, para dissolver o misticismo que envolve o ouro e a prata, acrescentando-lhes mercadorias menos esplendentes e sempre recitando, monótona e prazerosamente, o catálogo das mercadorias vulgares, que, noutros tempos, desempenharam o papel de equivalente das demais. (MARX, 2008, pág.79)

O confronto entre as formas do valor desvela a necessidade do corpo do valor, corpo ausente na forma relativa de valor e que representa a condição de existência do próprio valor. Ao expressar valor, a forma relativa expressa um corpo que não é seu e, com isso, desvela a contradição contida na expressão de valor, contradição que serve para desvelar o corpo do valor e sua necessidade no interior da relação de valor. A expressão de valor oculta não somente uma relação social, mas também o

corpo do valor que ela expressa por meio da forma equivalente de valor, corpo que ela expressa como algo oposto à sua condição de forma equivalente de valor.[32]

A forma equivalente surge como uma resposta ou uma necessidade material contraposta ao caráter abstrato e quantitativo da forma relativa de valor. Nesse sentido, ela surge como uma necessidade social da relação de valor, necessidade de expressar tal relação como um corpo de valor socialmente produzido no interior de uma relação de valor. A forma equivalente expressa valor, mas expressa num quadro de uma relação de valor, ou seja, expressa valor a partir de sua substância social que se transforma no corpo do valor. Ao opor-se à forma relativa de valor, a forma equivalente transforma a relação de valor em algo corpóreo, e, com isso, o valor também se transforma em corpo do valor. Diferentemente da forma relativa de valor, a forma equivalente expressa o corpo da mercadoria como valor, ela não expressa uma expressão de valor em contradição com a natureza corpórea de um valor-de-uso. O corpo que se expressa na forma equivalente de valor é o corpo do valor e, consequentemente, da relação de valor como um todo.[33]

---

[32] A relação entre os objetos e a forma representa um questionamento sobre o homogêneo diante da multiplicidade, porém os objetos não podem ser pensados distante deste questionamento. Segundo Victor Goldschmidt, é possível pensar o objeto de forma ampla e global através da reflexão dialética: "Haveria aí algum lugar onde as múltiplas coisas oferecidas à curiosidade do filósofo se fundiriam em um objeto único? E porventura bastaria vincular-se a esse objeto para trazer em si, no mesmo movimento, esta afinidade e esta simpatia que nos fariam compreendê-lo sob suas inumeráveis manifestações, por mais humildes que sejam? — Detenhamo-nos momentaneamente nesta conjetura e guardemos apenas de passagem esta observação, mais próxima do objeto da nossa presente pesquisa: é que com interlocutores que carecem dessa 'afinidade com o objeto' o diálogo só poderá atingir seu termo ao preço de múltiplas dificuldades e desvios, se é que algum dia o conseguirá." (GOLDSCHMIDT, 2002, pág.5)

[33] Nas diferentes formas de valor, existem meios para compreendermos a relação entre quantidade e qualidade diante da relação de valor. A dialética entre valor-de-uso e valor-de-troca transforma a relação de valor e passa a materializar tais formas a partir da materialidade do valor. Valor-de-uso e valor-de-troca representam diante da efetividade da relação de valor a diferença entre o interior e o exterior da relação de valor, ou seja, a diferença entre quantidade e a qualidade diante da relação de valor. Marx não deixa de mencionar a importância do aspecto qualitativo da relação de valor, qualidade que permite a efetividade da relação de valor. Ao comentar a importância da qualidade para a dialética, Adorno chega a afirmar a necessidade da qualidade para a superação de uma visão artificial da ciência ou da filosofia: "Em uma oposição brusca em relação ao ideal de ciência corrente, a objetividade de um conhecimento dialético precisa de mais, não de menos sujeito. Senão, a experiência filosófica definha. O espírito filosófico do tempo, porém, é alérgico a isso. Segundo ele, nem todos são capazes de uma tal experiência. Ela constituiria o privilégio de indivíduos, um privilégio determinado por suas disposições e história de vida; exigi-la enquanto condição do conhecimento seria elitista e antidemocrático. É preciso admitir que, de fato, nem todos podem fazer experiências filosóficas na mesma medida, do mesmo modo que, por exemplo, todos os homens dotados de quocientes intelectuais comparáveis podem repetir experimentos científico-naturais ou deveriam poder compreender deduções matemáticas; e isso apesar de, segundo a opinião corrente, ser efetivamente necessário um dom específico para tanto. Em todo caso, comparada com a racionalidade virtualmente desprovida de sujeito própria a um ideal de ciência que tem em vista a possibilidade de substituição de

Na relação de valor, o corpo do valor passa a representar não somente o elemento corpóreo dessa relação, mas também o elemento social. Nesse sentido, o corpo do valor passa a determinar qualitativamente a relação de valor, e o valor deixa de ser uma expressão puramente quantitativa oposta ao caráter natural das coisas envolvidas na relação de valor. Trata-se de uma propriedade de o corpo do valor ser a forma equivalente de valor, ou seja, tornar as coisas equivalentes entre si a partir de uma forma que é ao mesmo tempo o corpo do valor. A forma equivalente de valor tem a propriedade de transformar as coisas e, através disso, desvelar a substancialidade das coisas envolvidas numa relação de valor.[34] O corpo do valor também é a fonte do valor: uma vez que o corpo do valor se efetiva na forma equivalente do valor, também se efetiva através de suas propriedades. Diferentemente da forma relativa do valor, as propriedades da forma equivalente de valor consistem em desvelar o caráter social do valor e em converter as coisas através da forma social do valor.

Enquanto a forma relativa de valor oculta uma forma social, a forma equivalente de valor desvela a forma social através da qual os valores-de-uso são produzidos. Tal forma social torna possível a relação de valor e não somente a forma relativa do valor. Na medida em que o corpo do valor se forma, é a forma social que origina esse corpo que se desvela. A forma equivalente expressa valor através do corpo da mercadoria, através da forma natural da mercadoria que não entra em contradição com a

---

tudo por tudo, a parcela subjetiva junta à filosofia conserva um toque de irracionalidade. Essa parcela não é nenhuma qualidade natural. Apesar de nosso argumento assumir ares democráticos, ele ignora o que o mundo administrado faz com seus membros forçados. Os únicos que podem se opor espiritualmente a isso são aqueles que esse mundo não modelou completamente..." (ADORNO, 2009, pág.42)

[34] A unidade entre o racional e o sensível remonta a um anseio anterior ao pensamento de Marx. Em Fichte, por exemplo, encontramos esta preocupação em suas *Preleções sobre a diferença entre o espírito e a letra na filosofia*: "Eu falarei hoje da diferença entre o espírito e a letra ou corpo em geral e procurarei tornar compreensível o que entendo por espírito como propriedade de um se racional-sensível e indicarei o que caracteriza o espírito e a falta de espírito.

Espírito em geral é aquilo que de costume se denomina também imaginação produtiva. Pelo contrário, a imaginação reprodutiva repete aquilo que já estava na consciência empírica, ainda que não repita exatamente da mesma maneira em que estava anteriormente. A imaginação reprodutiva pode também compor um todo ligando várias totalidades, muito embora ela permaneça, segundo o rigor, meramente reprodutiva. A imaginação produtiva não repete: ao menos para a consciência empírica, ela é inteiramente criadora e criadora a partir do nada. Eu sei, caros senhores, que aqui discordo inclusive da opinião da filosofia moderna — a menos que alguém tenha entendido corretamente os indícios dados por Kant, o mais brilhante de todos os pensadores. Mas, com isso, digo apenas aquilo que posso comprovar e que poderei comprovar a seu devido tempo. Aqui, no entanto, só posso formular uma afirmação e deve-se permitir àqueles que carecem de espírito achar essa afirmação insípida. A imaginação produtiva, digo eu, cria a matéria da representação; ela é a única formadora daquilo que ocorre à nossa consciência empírica e ela é criadora dessa mesma consciência. Mas a imaginação, também neste seu poder produtivo, não é em si mesma uma coisa em si, mas uma faculdade da única coisa em si que nos está dada imediatamente: o Eu." (FICHTE, 2014, pág.243)

expressão de valor. Ao contrário, o corpo natural e a forma social da mercadoria se fundem através da forma equivalente de valor. Porém, tal propriedade da forma equivalente de valor é resultado da relação de valor e só pode existir diante dessa relação e do confronto com a expressão de valor e da forma relativa de valor. O caráter enigmático da forma equivalente de valor está contido nessa propriedade da forma equivalente de valor, na sua relação com outros objetos e formas de manifestação de valor. Contudo, assim como as coisas possuem propriedades independentes das relações constituídas por elas, a forma equivalente de valor se apresenta à percepção sensível enquanto algo cujas propriedades são independentes e sem fazer parte de relação alguma.[35]

O trabalho humano encarnado no corpo da mercadoria é o mesmo que a forma equivalente de valor expressa através do corpo do valor. O trabalho encarnado é o trabalho abstrato que se expressa através do trabalho concreto e, consequentemente, através do corpo da mercadoria. O trabalho abstrato se expressa por meio do trabalho concreto na medida em que se encarna no corpo do valor através da forma equivalente de valor. O trabalho concreto e o corpo da mercadoria são meios de expressão do trabalho abstrato:

> O corpo da mercadoria que serve de equivalente passa sempre por encarnação de trabalho humano abstrato e é sempre o produto de um

[35] As metáforas do corpo e do círculo são comuns aos pensadores ou filósofos da história, conforme nos mostra Mészáros: "Por esse motivo, a própria imagem orgânica que eles utilizam com tanta predileção não pode ter genuíno valor explicativo, já que suas determinações reais (ou seja, precisamente aquelas que definem o organismo como uma totalidade em desenvolvimento) são necessariamente ignoradas. Consequentemente, o postulado da unidade orgânica que, como se diz, cimenta as diversas partes da sociedade, assim como a natureza faz no caso do corpo individual — não pode chegar a ser mais que uma analogia externa e, de fato, superficial. Pois, por meio de tal redução analógica, o dinamismo histórico imanente de ambos, do indivíduo e do organismo social (na qualidade de sistemas compreensíveis apenas em termos de condições históricas determinadas de produção e reprodução), é apagado e transformado em uma funcionalidade atemporal, com conotações apologéticas mais ou menos pronunciadas.
De modo significativo, na principal corrente da tradição filosófica com que estamos aqui preocupados, a investigação crítica das pressuposições da totalidade social dada é sistematicamente evitada, ignorando a questão de como a ordem existente torna-se uma totalidade, para ser capaz de manter a circularidade através da qual as pressuposições inexplicadas explicam o significado de outras pressuposições.
Dessa forma, partindo do dado como uma totalidade autoexplicativa, as referências recíprocas ao círculo dialético não apenas explicam e legitimam a função específica de vários aspectos, mas simultaneamente também lhes conferem a aparência de permanência. Por conseguinte, ignorando a gênese histórica do sistema existente, cumpre sua função ideológica ao obliterar a dimensão histórica da ordem estabelecida também na direção do futuro. É isso que Marx denomina eternização das relações burguesas de produção que desempenha um papel muito importante nas conceituações correspondentes à época do capital, desde suas fases mais primordiais até o presente." (MÉSZÁROS, 2009, pág.82)

> determinado trabalho útil, concreto. Esse trabalho concreto torna-se, portanto, expressão de trabalho humano abstrato. Na expressão do valor do linho, a utilidade do trabalho do alfaiate não consiste em que ele faça um casaco, hábitos ou até monge, mas em que produza um corpo que denota valor, massa de trabalho, portanto, que absolutamente não se distingue do trabalho objetivado no valor do linho. Para esse espelho do valor, o trabalho do alfaiate tem de refletir, apenas, a propriedade abstrata de ser trabalho humano. (MARX, 2008, pág.80)

Passar por encarnação de trabalho significa ser como um espelho através do qual a forma relativa de valor deve refletir a propriedade abstrata do trabalho. Tal virtualidade do corpo do valor expressa bem sua relação com a forma relativa do valor, além de refletir a própria virtualidade do trabalho humano abstrato. O trabalho abstrato se encarna no corpo da mercadoria, e apenas a forma equivalente pode desvelar tal encarnação. O trabalho se objetiva no valor do linho e se encarna no corpo da mercadoria que representa a forma equivalente de valor. De um lado, temos a objetivação do trabalho abstrato em forma do valor do linho; do outro lado, temos a encarnação de trabalho humano abstrato como corpo do valor e que se expressa através do trabalho concreto.[36] O trabalho útil expressa o corpo que denota valor e,

[36] O corpo do valor e os aspectos abstratos do valor refletem movimentos mais amplos do conjunto da sociedade burguesa, e não apenas uma relação entre corpos particulares. É o conjunto da sociedade e a evolução da sociedade civil burguesa que permitem o livre trânsito do desenvolvimento histórico do valor. A configuração do valor é uma constante referência aos aspectos mais amplos da sociedade, aspectos contraditórios por evidenciar o abstrato e o concreto no interior das relações como um todo. Nesse sentido, a análise da relação entre o estado e a abstração desenvolvida por Hegel pode servir de referência para compreendermos a análise dialética do valor e do capital desenvolvida por Marx: "No estado como sociedade anônima, as responsabilidades dos acionistas são estritamente limitadas e não há lugar para a questão social, isto é, não constitui um problema a existência de uma miséria desesperadora ao lado da riqueza mais descarada. A distribuição dos dividendos ocorre de modo proporcional e tanto pior para quem não depositou ações ou depositou-as em medida insuficiente. Com respeito a essa configuração, é certamente mais ampla e comprometida a visão que Hegel tem do estado, ao qual são conferidas tarefas positivas (mesmo se não bem definidas) de intervenção do campo social, com o fim de garantir a todos o 'direito à vida'. Essa visão mais ampla e engajada implica, por si mesma, a transfiguração e a consagração da intangibilidade da autoridade política? O 'estado mínimo' é sinônimo de visão crítica do estado e da autoridade? De modo algum, e o erro de Bobbio é ainda uma vez o de pressupor, quando fala de Hegel, a equivalência de proposições de significado completamente diverso. Hegel nota criticamente que, na Inglaterra, o poder político continua a permanecer firmemente 'nas mãos daquela classe' ligada ao 'vigente sistema de propriedade'. Dado o peso crescente de 'comércio de dinheiro' e dos bancos, os estados revelam-se 'dependentes desse tráfego de dinheiro em si independente'. O estado serve de instrumento de acumulação privada: 'as riquezas se acumulam junto aos proprietários das fábricas. Quando, depois, se trabalha totalmente para o estado, aquela acumulação de riqueza torna-se ainda mais significativa, graças aos negócios dos fornecedores e dos empresários industriais.' Reivindicar ao estado tarefas de intervenção no campo econômico-social, em vista da realização da comunidade ética, tudo isso não significa, de modo algum, a transfiguração sacral do estado de fato existente. Aliás, precisamente essa reivindicação leva a se concluir que, quando o contraste de classe é demasiado áspero e demasiado profundas são as desigualdades, tal como as subsistentes na antiga Roma entre patrícios e plebeus, então o estado é uma 'abstração', ao passo que a realidade é definida somente pela 'antítese'." (LOSURDO, 1997, pág.73)

por isso, ele expressa trabalho abstrato, ou seja, aquilo que o trabalho útil expressa não se encontra em contradição com o trabalho abstrato na medida em que ele produz o corpo da mercadoria e, ao mesmo tempo, o corpo que denota valor. Marx faz questão de ligar o produto do trabalho concreto ao corpo da mercadoria que encarna trabalho abstrato enquanto é produzida pelo trabalho útil. Portanto, tanto o trabalho concreto quanto o corpo que encarna valor é expressão do trabalho abstrato humano.

A identidade entre o trabalho concreto enquanto trabalho social incorpora-se na forma relativa de valor. O caráter social do trabalho não entra em contradição com o trabalho privado; ao contrário, a unidade entre trabalho privado e social representa uma propriedade da forma equivalente de valor. Nesse sentido, só é possível desvelar tal identidade através do trabalho concreto como expressão do trabalho abstrato:

> Considerando-se esse trabalho concreto do alfaiate simples expressão de trabalho humano em geral, passa ele a identificar-se com outro trabalho, com o incorporado no linho. Em consequência, não obstante seja trabalho privado, como qualquer outro que produz mercadorias, é também trabalho em forma diretamente social. Justamente, por isso, está representado num produto diretamente permutável por outra mercadoria. É, portanto, uma terceira propriedade da forma equivalente tornar-se o trabalho privado a forma do seu contrário, trabalho em forma diretamente social. (MARX, 2008, pág.80)

Ao tornar o trabalho privado a forma de seu contrário, a forma equivalente de valor desvela a relação entre o trabalho do alfaiate e o trabalho incorporado no linho. O corpo do valor enquanto valor-de-uso e trabalho concreto, além de possuir uma relação com o trabalho social, torna o trabalho privado expressão do trabalho social. Diante dessa propriedade da forma equivalente de valor é que a forma relativa da mercadoria também deve ser concebida como produto do trabalho social; dessa forma, a relação de valor passa a ser também expressão do trabalho social. O trabalho privado identifica-se com o trabalho social assim como as mercadorias são permutáveis entre si. Não somente o trabalho social encontra-se representado nas mercadorias, o trabalho privado também se encontra representado num produto enquanto expressão do trabalho humano em geral.

5. A forma dialética da mercadoria

Na relação de valor, o objeto torna-se valor e o valor torna-se um objeto até que valor e objeto se transformem numa única forma, que Marx denomina de forma-valor. Não há diferença entre o corpo do valor e o valor do corpo da mercadoria, mas para isso é preciso que a relação de valor se efetive através das formas do valor. A objetividade do valor pode ser compreendida através da metáfora do diálogo entre as mercadorias, ou melhor, entre as formas do valor: "Como se vê, a mesma coisa que nos disse, a análise do valor das mercadorias, diz-nos, agora, o linho, ao entrar em contato com outra mercadoria, o casaco." (MARX, 2008, pág.74) A análise do valor e a linguagem das mercadorias são expressões de um só pensamento, expressões de uma mesma realidade. O que a análise do valor nos diz também é dito igualmente pela linguagem das mercadorias. A linguagem da mercadoria é a linguagem do corpo do valor, e as mercadorias se comunicam como corpo: "Transmite o seu pensamento numa linguagem peculiar, a das mercadorias. Para revelar que o trabalho humano abstrato cria seu valor, diz que o casaco, ao ser equivalente a ele e, portanto, um valor, é constituído por um trabalho idêntico ao que o fez." (MARX, 2008, pág.74) As mercadorias transmitem seus pensamentos a respeito de suas respectivas origens, quer dizer, desvelam o trabalho abstrato como a origem do valor. A relação de valor cria as condições para as mercadorias se expressarem como mercadorias; nesse sentido, a expressão que elas utilizam confunde-se com a relação de valor. A comunicação entre as mercadorias e sua linguagem representa o que as mercadorias realmente são, ou seja, a relação sem a qual não podem existir enquanto valor. O linho se comunica com o casaco como se tivesse consciência daquilo que ele representa na relação de valor, ou seja, a consciência da efetividade da relação de valor através da forma-valor.[37]

[37] Marx foi um atento observador do desenvolvimento capitalista e de seus reflexos na subjetividade humana. Nesse sentido, ele utiliza o diálogo entre os objetos não apenas para explicar as formas do valor na relação de valor, mas também para criticar os fundamentos do capital. Marx procurou em cada detalhe da produção capitalista uma forma de viabilizar a crítica do sistema em sua totalidade. Nas cartas trocadas com Engels, podemos vislumbrar as preocupações de Marx com a estatística e demais formas de conhecimentos úteis para a explicação do capital: "Por fim, em seu poleiro no banco 07 da sala de leitura do museu britânico, Marx se pôs a escrever a sua obra — logo começou a metralhar Engels com pedidos de dados técnicos. Embora o museu britânico tivesse muito a oferecer, quando se tratava de entender o funcionamento do capitalismo não havia substitutos para as realidades do setor algodoeiro de Manchester. 'Agora cheguei a um ponto da minha obra sobre economia em que preciso

A relação do linho com o casaco diz tanto quanto a análise do valor das mercadorias, quer dizer, quanto a análise das formas do valor envolvidas na relação de valor. As mercadorias parecem ter vida própria e se comunicam como seres humanos conscientes de seu papel na relação de valor. O que Marx tenta demonstrar a partir de tal metáfora é que a linguagem das mercadorias consiste em reproduzir a materialidade tanto da relação de valor quanto a do corpo do valor. A expressão de valor não deve ser compreendida como algo fora da relação de valor, ela faz parte da linguagem das mercadorias e se expressam no idioma das mercadorias. Dessa forma, a expressão de valor, assim como o valor, não pode ser compreendida enquanto coisa exterior aos valores-de-uso, mas enquanto corpos do valor inerentes aos valores-de-uso que se relacionam entre si, ou seja, são inerentes ao trabalho abstrato enquanto substância criadora do valor. Nesse sentido, a expressão de valor só toma consciência dessa corporalidade quando a relação de valor se efetiva através da forma-valor. A linguagem das mercadorias é a linguagem do valor, não existe fronteira entre as suas linguagens.[38]

O corpo do valor surge como uma necessidade no interior da relação de valor; ele surge como um valor-de-uso e desvela-se como produto do trabalho concreto. A corporalidade da forma equivalente de valor é determinada pelo valor-de-uso e pelo

---

de alguns conselhos técnicos de sua parte, pois não consegui achar nada relevante nos textos teóricos', escreveu Marx em janeiro de 1858. 'Dizem respeito à circulação do capital — suas várias formas nos vários setores; seus efeitos sobre os lucros e os preços. Se você puder me dar algumas informações sobre isso, elas vão ser muito bem vindas.' Seguia uma série de perguntas sobre custos de maquinaria e taxas de depreciação, sobre a alocação do capital no interior da firma e sobre o cálculo do movimento de vendas pela contabilidade da empresa. 'As leis teóricas sobre isso são muito simples e evidentes por si mesmas. Mas é bom ter uma ideia da maneira como funcionam na prática.'" (HUNT, 2010, pág.226)

[38] Temas como *abstração* e *matéria* acompanham o percurso intelectual de Marx desde sua juventude. Em sua tese de doutorado, podemos vislumbrar as inquietações de Marx com tais questões filosóficas: "A saber, a declinação do átomo da linha reta não é uma determinação especial que casualmente ocorre na física epicurista. Pelo contrário, a lei que ela expressa percorre toda a filosofia epicurista, mas obviamente de modo que a determinidade de sua manifestação seja dependente da esfera em que é aplicada. A particularidade abstrata só pode operar seu conceito, sua determinação formal, o puro ser-para-si, a independência em relação à existência imediata, a supressão de toda a relatividade, abstraindo da existência com que ela se depara; para superá-la verdadeiramente, ela teria de idealizá-la, o que só é possível à generalidade. Portanto, do mesmo modo como o átomo se liberta de sua existência relativa, da linha reta, abstraindo dela, declinando dela, também toda a filosofia epicurista declina da existência limitadora sempre que sua intenção é apresentar a existência do conceito de particularidade abstrata, da autonomia e da negação de toda relação com outra coisa. Assim, a finalidade do fazer é abstrair, declinar da dor e da perturbação, ou seja, a ataraxia. Assim, aquilo que é bom constitui a fuga diante daquilo que é mau, assim, o prazer é declinar do sofrimento. Por fim, onde a particularidade abstrata aparece em sua suprema liberdade e autonomia, em sua totalidade, consequentemente a existência da qual se declina é toda a existência; por conseguinte, os deuses declinam do mundo e não se preocupam com ele, morando fora dele.". (MARX, 2018, pág.78)

trabalho concreto, logo a determinação quantitativa do valor representa a substância criadora de valor inerente ao corpo do valor. Essa determinação quantitativa da relação de valor não surge como a expressão de valor; ao contrário, surge do corpo do valor que é um valor-de-uso produzido pelo trabalho concreto e que possui a substância de valor ou trabalho abstrato necessário para a sua produção. Dessa forma, a determinação quantitativa do valor surge do interior da relação de valor e, por isso, suprassume a expressão de valor enquanto elemento exterior à relação de valor. No lugar da expressão de valor, surge uma determinação quantitativa que é a própria substância do valor, e tal substância passa a determinar quantitativamente a relação de valor a partir do corpo do valor.

O valor encarnado nas coisas torna-se um único corpo, ou seja, o corpo do valor. A objetividade do valor não consiste apenas na encarnação de valor nos objetos, mas na constituição do próprio corpo do valor. Aquilo que se encarna nas coisas só pode se tornar valor na medida em que se constitui a partir de uma corporalidade própria em forma de valor. De nada adianta uma expressão de valor sem corpo do valor, não é possível haver valor numa expressão de valor que não seja ao mesmo tempo um corpo do valor. O corpo do valor surge em oposição à expressão de valor, e somente assim o valor encarnado torna-se algo objetivo no interior da relação de valor. Nesse sentido, a oposição entre expressão de valor e corpo do valor serve para se desvelar a substância do valor encarnada nas coisas. O valor não é somente uma quantidade determinada de substância de valor, ele é a corporalidade que se confunde com a própria substância que cria o valor. Diferentemente da expressão de valor, o corpo do valor identifica-se com a substância do valor e, dessa forma, a relação de valor necessita de uma determinação quantitativa de valor imanente à substância do valor, e não exterior a esta relação. Por não ter corpo, a expressão de valor não consegue expressar a materialidade do valor, não consegue expressar a substancialidade do valor de forma corpórea ou objetivamente.

Na medida em que o valor se torna um corpo, ele passa não somente a ocupar o interior da relação de valor, ele passa a ter o seu interior como qualquer corpo. O corpo do valor é o interior da relação de valor, logo o interior do corpo do valor é o interior da relação de valor. A contradição das formas de valor transforma-se em contradição entre o interior e o exterior da relação de valor, contradição entre o corpo

do valor e o valor-de-troca. Enquanto expressão quantitativa de uma coisa, o corpo do valor só pode tornar-se valor através da forma-valor; para isso, a expressão de valor necessita exprimir quantitativamente o corpo do valor através de uma substância igual de valor. O corpo do valor necessita de uma expressão de valor a partir de sua corporalidade enquanto o interior da relação de valor. Expressão de uma coisa e expressão de valor constituem a dialética material do valor, e, por meio dela, forma-se o valor não enquanto uma determinação quantitativa, mas enquanto determinação da qualidade substancial do valor através da corporalidade do valor no interior da relação de valor. O valor é produto da relação de valor, e a determinação quantitativa do valor representa uma necessidade do corpo do valor, e não o contrário.

A expressão de valor se confronta com o próprio corpo do valor, e o corpo do valor expressa esse confronto. A expressão de valor precisa ingressar na relação de valor para poder interagir quantitativamente com o corpo do valor. Mas esse ingresso é condicionado pela corporalidade da relação de valor, e, somente quando tal expressão quantitativa torna-se uma necessidade inerente ao corpo do valor, ela deixa de ser tão somente uma grandeza externa ao valor e passa a ser uma determinação quantitativa determinada pelo interior da relação de valor, ou uma expressão quantitativa da substancialidade do valor. Expressar valor é se expressar por meio de outra mercadoria, mas a expressão de valor não representa a unidade da expressão com aquilo que se expressa. O valor só pode existir por meio dessa unidade, e, por isso, ele só pode existir como efetividade de uma relação de valor através da forma-valor.

A expressão de valor entra em contradição com o corpo do valor e com o próprio valor; por outro lado, o corpo do valor representa a suprassunsão da contradição entre a expressão de valor e o valor-de-uso que ela pretende expressar quantitativamente. Desse modo, a forma equivalente de valor se expressa quantitativamente na medida em que entra em relação com o corpo do valor, com aquilo que ela expressa quantitativamente por meio da expressão de valor. Por trás da expressão de valor, encontra-se a relação de valor, ou seja, a dialética entre a forma relativa de valor e a forma equivalente de valor, o meio através do qual a expressão de valor deve deixar de ser apenas uma expressão exterior em relação ao próprio valor. A condição de valor da forma relativa de valor só pode ser expressa pela

forma equivalente de valor, ou seja, por uma mercadoria que expressa, por meio da coisa, a substância da relação de valor, e não uma expressão abstrata sem corpo e sem substância. A oposição ao valor que a forma equivalente representa ao se expressar por meio de um valor-de-uso faz do corpo do valor uma substância através da qual se expressará a forma-valor enquanto efetividade da relação de valor. Mas expressar o valor como coisa é também expressar o movimento da expressão de valor em direção a algo oposto a esta expressão puramente quantitativa do valor. Através da relação de valor, o valor é expresso quantitativamente como expressão de valor e como corpo do valor. O corpo do valor é o corpo de algo sem corpo, quer dizer, da expressão de valor. A forma equivalente de valor é uma forma sem valor, assim como a expressão de valor é uma expressão sem corporalidade. Mas a expressão de valor sem o corpo do valor não representa valor, assim como o corpo do valor sem a expressão de valor também não representa valor. Esse corpo sem valor da forma equivalente de valor necessita de valor, logo o valor torna-se uma necessidade para a relação de valor. O corpo do valor necessita do valor, assim como a expressão de valor necessita do corpo do valor.

O ser do valor não é uma abstração acima dos sentidos, mas também não se confunde com a forma puramente física dos objetos envolvidos na relação de valor. O valor é o movimentar-se das formas do valor e a unidade entre o interior e o exterior da relação de valor. O exterior das coisas é suprassumido pelo movimento interno da relação de valor, que, ao suprassumir o que se encontra no exterior do valor, suprassume a diferença entre o interior e o exterior da relação de valor. A forma física da mercadoria cede lugar à forma do valor, porém as formas do valor reproduzem o que há de diferente e igual através da relação de valor. As mercadorias entram em relação entre si e também com o valor através da imaterialidade das formas do valor e da corporalidade da relação de valor. O corpo físico da mercadoria e o corpo do valor se encontram na relação de valor através das formas do valor e também da corporalidade dos valores-de-uso na relação de valor. Dessa forma, a relação de valor é uma relação entre corpos e formas até que entre o corpo e a forma não exista nenhuma diferença.

Do mesmo modo que a expressão de valor é a oposição do corpo do valor, o corpo do valor surge em oposição ao próprio valor. Tal negatividade inerente às

formas do valor representa a afirmação da relação de valor. O corpo do valor não deixa de ser a substância social do trabalho encarnado nas coisas que se desvelam à medida que o trabalho concreto e o valor-de-uso surgem no interior da relação de valor através da forma equivalente de valor. A oposição entre trabalho concreto e abstrato encontra na forma equivalente o suprassumir da contradição entre tais formas de manifestação de trabalho: “É, portanto, uma segunda propriedade da forma de equivalente o trabalho concreto tornar-se forma de manifestação de seu contrário, trabalho humano abstrato.” (MARX, 2018, pág.80) O corpo do valor desvela o trabalho concreto como manifestação do trabalho abstrato, mas também a suprassunsão do antagonismo entre tais formas de manifestação do trabalho humano.

As propriedades da forma equivalente de valor dizem respeito ao desvelamento da substancialidade do valor enquanto corpo do valor. As propriedades do trabalho abstrato e as da forma equivalente do valor se confundem no interior da relação de valor. Através da forma equivalente de valor, o trabalho concreto aproxima-se do trabalho abstrato, assim como o trabalho social aproxima-se do trabalho privado. As várias formas de manifestação do trabalho também são desveladas na relação de valor, e, por isso, não podemos compreendê-la apenas enquanto uma equação abstrata sem conexão com as propriedades do trabalho humano. Compreender as propriedades do corpo do valor consiste em desvelar as formas do trabalho em unidade com as formas do valor.

O trabalho abstrato é trabalho social, e o trabalho concreto não deixa de ser expressão do trabalho abstrato através do qual a substância do valor consegue se encarnar nas mercadorias. As formas do trabalho se encontram através do corpo do valor, e o trabalho concreto torna-se não apenas expressão do trabalho abstrato, mas do trabalho humano em geral, assim como a forma equivalente de valor. A distância entre o trabalho concreto e aquele incorporado na expressão relativa do valor torna-se menor diante do corpo do valor. Na medida em que o trabalho privado torna-se próximo do trabalho social, temos uma reconciliação entre as formas de trabalho proporcionada pela forma equivalente de valor. Aquilo que a expressão de valor oculta se desvela através da forma equivalente de valor numa relação de valor.

As tentativas de explicar o valor como uma relação remontam ao pensamento antigo, em especial a Aristóteles. Ao recorrer a Aristóteles, Marx ressalta não apenas

a importância de seu método ou abordagem científica ao tratar o valor, mas sobretudo o fato de que o valor não pode ser compreendido distante da sociedade e da natureza. A equivalência é um fenômeno social e dialético e, por isso, não pode ser compreendido pela lógica economicista ou puramente quantitativa. Pensar a forma-valor é um desafio filosófico e não apenas econômico. O caráter enciclopédico de Aristóteles é evocado por Marx enquanto forma e meio para a compreensão do valor, e, através dele, temos o início da reflexão acerca do valor. As propriedades da forma equivalente de valor precisam ser pensadas filosoficamente através de reflexões como as de Aristóteles:

> As duas últimas propriedades da forma de equivalente ficam ainda mais compreensíveis, se voltarmos ao grande pesquisador que primeiro analisou a forma do valor, além de muitas formas do pensamento, da sociedade e da natureza: Aristóteles. (MARX, 2018, pág.81)

Trata-se de pensar a relação entre o valor e o trabalho, entre a forma equivalente de valor e o desenvolvimento social do trabalho. Esse retorno ao pensamento de Aristóteles representa uma reflexão sobre a origem da discussão acerca do valor através do tema da equivalência entre as coisas. O valor é uma relação não somente entre os objetos envolvidos numa relação de valor, mas uma relação que desvela outras relações tais como as sociais, políticas e econômicas. Marx evoca Aristóteles como um exemplo ou referência para o estudo do valor não apenas enquanto uma questão quantitativa, mas enquanto uma temática filosófica e dialética. O pensamento de Aristóteles acerca do valor é também uma reflexão sobre o gérmen e a natureza do valor, e não uma visão empírica acerca de tal fenômeno. Ao colocar o tema do valor na antiguidade, Aristóteles aponta para o caráter enigmático do valor e desvela a importância da historicidade para o desvelamento da complexidade do valor. Entretanto, o mais importante é a dúvida que cerca a temática do valor na antiguidade enquanto fenômeno cuja compreensão exige, antes de tudo, esforço dialético e histórico. As formas históricas e sociais não podem ser excluídas da análise do valor, e o pensamento de Aristóteles representa a preocupação de uma época com a historicidade do valor e também com o desenvolvimento dialético do valor.[39]

[39] A economia burguesa admite uma relação entre a natureza humana e a naturalidade das relações capitalistas tendo em vista a justificação ideológica do sistema capitalista de produção. Desde os textos

O tema do valor aparece não somente como produto de uma relação entre coisas, mas produzido por relações sociais, políticas e econômicas. Diferentes valores-de-uso são trocados em função da utilidade e da necessidade humanas, mas também em função da relação de valor, da reprodução do valor e de sua materialidade. A escravidão produziu um determinado tipo de sistema de troca, e o valor apareceu como um enigma diante de uma sociedade carente de respostas ao problema do valor. Assim como a escravidão não possui fundamento científico, relações de equivalência e troca na antiguidade só poderiam ser pensadas como um enigma, como um fenômeno obscuro e sem meios de mensuração.[40] Aristóteles

---

de juventude de Marx, é possível identificar uma alternativa contra as falácias filosóficas extraídas de análises superficiais do capital. Lukács, em *História e consciência de classe*, procurou demonstrar a fragilidade dos argumentos burgueses e daqueles que não conseguiram se libertar de tais argumentos burgueses: "A acumulação do capital retoma o método e a problemática do jovem Marx, da *Miséria da filosofia*. Do mesmo modo como na primeira obra são analisadas as condições históricas que tornaram possível e válida a economia política de Ricardo, nesta última o mesmo método é aplicado a pesquisas fragmentárias do segundo e terceiro volumes de *O Capital*. Os economistas burgueses, enquanto representantes ideológicos do capitalismo ascendente, identificavam as leis naturais descobertas por Smith e Ricardo com a realidade social, para encontrar na sociedade capitalista a única sociedade possível conforme a 'natureza' do homem e a razão. Do mesmo modo, a socialdemocracia — expressão ideológica dessa aristocracia operária tornada pequena-burguesa, que tem sua parte de interesse na exploração imperialista do mundo inteiro durante a última fase do capitalismo, mas tenta escapar do seu destino necessário, a guerra mundial — devia obrigatoriamente conceber a evolução como se a acumulação capitalista estivesse a ponto de ser realizada nesse espaço vazio das fórmulas matemáticas (isto é, sem problema e, portanto, sem guerra mundial). Assim, em relação à compreensão e à capacidade de previsão políticas, eles ficaram muito aquém das camadas capitalistas da grande burguesia, que estavam interessadas na exploração imperialista e nas suas consequências militares. No entanto, já nessa época puderam assumir no plano teórico seu papel atual: o de guardiões da eterna ordem econômica capitalista, guardiões contra as consequências catastróficas e fatais a que os verdadeiros representantes do capitalismo imperialista levavam com olhos videntes e cegos ao mesmo tempo. Do mesmo modo como a identificação das leis naturais de Ricardo com a realidade social era um meio de auto-defesa ideológica para o capitalismo ascendente, a interpretação de Marx pela escola austríaca, a identificação das abstrações de Marx com a totalidade da sociedade, também constituem um meio de auto-defesa para a racionalidade do capitalismo decadente. E do mesmo modo como a concepção da totalidade para o jovem Marx havia iluminado nitidamente os sintomas patológicos do capitalismo ainda florescente, o último brilho do capitalismo adquire na perspectiva de Rosa Luxemburgo, pela integração do seu problema fundamental na totalidade do processo histórico, o caráter de uma dança macabra, de uma marcha de Édipo para seu inelutável destino." (LUKÁCS, 2003, pág.113)

[40] Marx sempre esteve atento aos aspectos comunitários e às formas sociais das diversas comunidades humanas. Segundo Jadir Antunes, Marx possuía expressões específicas para as mais diversas comunidades humanas de acordo com suas respectivas formas sociais, expressões que sempre evocavam o caráter comunitário dessas formas de desenvolvimento social: "Nos *Grundrisses*, sempre que se refere, porém, às formas antigas e primitivas de sociedade, Marx emprega o termo comunidade [*Gemeinwesen, Gemeinde*], como no caso em que se refere à comunidade antiga [*alten Gemeinwesen; antiken Gemeinwesen; die gemeinwesen der Alten], ou como quando se refere às primeiras formas de sociedade familiar e tribal como comunidades em suas diferentes formas* [*Gemaiswesen in seinen* verschiednen Formen]. Para se referir, ainda, a estas formas primitivas familiares e tribais, Marx emprega o termo *genossenschaften*, como quando se refere às formas de produção comunitárias familiar ou tribal [*Familie oder Stammgenossenschaften*]. No *Capital,* Marx se refere a estas formas antigas, tais como a família patriarcal, como uma forma da comunidade primitiva [*naturwüchsigen Gemeinwessens*], e a antiga comunidade indiana [altindischen Gemeinwesen; altindischen gemeiden].

pensa o valor como um problema, como um enigma que se desvela a partir de uma relação entre objetos, ou seja, a carência de objetividade do valor é o problema levantado pelo pensamento aristotélico cujo mérito consiste em antecipar o tema da cientificidade do valor. A relação entre as coisas consiste no fundamento do valor e, ao mesmo tempo, o valor e a relação que ele engendra devem ser compreendidos à luz de relações mais amplas e complexas.[41]

A reflexão do valor começa com a dúvida acerca do valor, dúvida acerca da existência do valor. O fundamenta o valor é questionado por Aristóteles em sua tentativa de compreender o valor num momento histórico em que a objetividade da substância do valor não tinha como ser aferida. Aristóteles reconhece a dificuldade do conceito do valor e a ausência de sua objetividade:

> O próprio Aristóteles nos diz, assim, o que o impede de prosseguir na análise: a ausência do conceito de valor. Que é o igual, a substância comum que a casa representa perante a cama na expressão do valor da cama? Tal coisa "não pode, em verdade, existir", diz Aristóteles. Por quê? A casa representa, perante a cama, uma coisa que a iguala à cama, desde que represente o que é realmente igual em ambas: o trabalho humano. (MARX, 2018, pág.81)

Temos então no início da reflexão filosófica do valor o problema da objetividade do valor ou o problema da existência do conceito do valor. Não sendo possível ao valor desvelar-se como um corpo, o seu conceito também não é possível. A historicidade do valor é a história do seu corpo, da constituição de sua materialidade que não se confunde com a matéria bruta, sensível ou empírica. A questão do conceito do valor é a da sua objetividade, trata-se da questão acerca da substancialidade material do valor e de sua relação com os objetos sensíveis inerentes à relação de valor. A relação do valor e de seu conceito representa um problema porque a sua

---

Nos Grundrisse, Marx ainda emprega o termo *Gemeiwesen* quando se refere às antigas comunidades eslavas [*slawischen Gemeinwesen]*." (ANTUNES, 2018, pág.271)

[41] Não é possível pensar o tema do valor sem refletirmos as interpretações marxianas acerca do mundo antigo. Podemos encontrar em *Marx e o fetiche da mercadoria* um importante referencial sobre a presença do mundo antigo na reflexão marxiana: "Todo o processo de fundamentação histórica que vimos até agora teve, para Marx, o objetivo de demonstrar o caráter de resultado histórico do mundo da mercadoria [*historiches resultat*] e não o de princípio e ponto de partida da história [*Ausgangspunkt der geschichte],* o caráter de categorias sociais e não o de categorias naturais da sociedade burguesa, como pretenderam crer os economistas. Aquilo que parecia inicialmente como uma abstração do pensamento vai lentamente sendo negado pela investigação histórica e as categorias como valor, valor-de-troca, mercadoria, dinheiro, concreto, abstrato, sensível e suprassensível vão perdendo esse caráter abstrato e categorial para ganhar um caráter real e determinado. As próprias categorias lógicas e metafísicas surgem, se fundem, se desenvolvem e, simultaneamente, se dissolvem e se aniquilam com o processo histórico." (ANTUNES, 2018, pág.274)

objetividade sempre foi problemática conforme a perspectiva aristotélica lembrada por Marx. Dessa forma, o valor surge como uma contradição, como um problema para o pensamento dialético antigo e que acompanha a temática do valor até a história moderna e contemporânea.

Numa sociedade escravocrata, não seria possível existir a dialética entre trabalho abstrato e trabalho concreto, ou seja, o fundamento da forma equivalente de valor não poderia existir numa sociedade em que não poderia ser possível mensurar o tempo necessário para a produção das coisas, ou seja, sob a escravidão não é possível estabelecer um limite racional para a produtividade do trabalho escravo que produz a partir da lógica dos interesses e caprichos pessoais do senhor. A pergunta acerca do valor desvela a desigualdade do trabalho na sociedade antiga e a impossibilidade de se fazer do trabalho o fundamento da relação de valor, conforme acontece na sociedade burguesa. Assim como a visão liberal se consolidou em detrimento das formas de exploração arcaicas, a relação de valor também se consolidou historicamente a partir do desenvolvimento das formas modernas de sistematização do trabalho e de sua racionalização através das determinações econômicas burguesas.

A necessidade social da equivalência é o que põe em questão o tema da relação de valor, e, por isso, o valor é produto de uma relação social. A unidade representada pelo valor é uma síntese do diverso e do múltiplo, síntese concreta e dialética ao mesmo tempo. O que o valor desvela é sua transformação ao longo do tempo e sua relação com estruturas sociais que se desenvolveram ao longo do tempo, e, por isso, ele não deixa de ser uma manifestação da totalidade social. Todos os trabalhos são expressos, segundo Marx, como um só trabalho.[42] O valor expressa a

[42] Através do tema do trabalho, podemos aproximar a filosofia de Marx do idealismo alemão. Trata-se de uma visão do trabalho não satisfeita com a aparência do trabalho. Refletir sobre o trabalho é pensar a ética e a relação do homem com a natureza e com a razão. Nesse sentido, o tema da natureza e dos fins racionais pode aproximar Marx do idealismo alemão: “Se o sujeito da identidade sujeito-objeto é o ego absoluto, deveria parecer como se Fichte estivesse comprometido com um idealismo em que um ego absoluto cria toda a realidade do mundo exterior. Assim, o conhecimento do ego finito acerca de um objeto exterior é realmente apenas seu autoconhecimento subconsciente como um ego absoluto. Mas essa imagem bastante comum do idealismo de Fichte é uma caricatura, que ignora suas restrições à metafísica. O próprio Fichte a rejeitou de forma explícita e enfática. Permanecendo fiel aos limites kantianos em torno do conhecimento, Fichte insistiu em que a ideia do ego absoluto deve ser interpreta como um princípio estritamente regulador. Não temos o direito de crer na existência do ego absoluto, argumentava ele, mas temos o dever de torná-lo o objetivo de nossa ação moral. De acordo com Fichte, a ideia do ego absoluto é não somente um princípio heurístico útil, mas um postulado necessário da própria moralidade. A lei moral exige que nos tornemos agentes completamente autônomos e

qualidade igual do trabalho humano comum, ou seja, a substancialidade do trabalho e do valor entra em relação na relação de valor. Ao expressar a relação entre mercadorias, a relação do valor expressa também relações mais amplas, como a da substancialidade do trabalho e formas sociais de equivalência, produtividade e de produção dos objetos.

A substância do trabalho expressa nos trabalhos concretos é produto do desenvolvimento histórico do trabalho, e, apenas através no mundo moderno, as mercadorias conseguem exprimir os trabalhos através das formas dos valores. Segundo Marx, a sociedade grega não exprimia por meio das mercadorias os diversos tipos de trabalho enquanto uma substância única criadora de valor:

> Aristóteles, porém, não podia descobrir, partindo da forma valor, que todos os trabalhos são expressos, na forma dos valores das mercadorias, como um só e mesmo trabalho humano, como trabalho de igual qualidade. É que a sociedade grega repousava sobre a escravatura, tendo por fundamento a desigualdade dos homens e de suas forças de trabalho. Ao adquirir a ideia da igualdade humana, a consistência de uma convicção popular é que se pode decifrar o segredo da expressão do valor, a igualdade e a equivalência de todos os trabalhos, porque são e enquanto são trabalho humano em geral. (MARX, 2018, pág.82)

O trabalho só pode se expressar nas coisas enquanto trabalho igual que se encarna nas coisas através de sua substancialidade homogênea. Diante disso, é possível afirmar que o trabalho se expressa na forma do valor, e o valor se expressa na forma-valor. Nesse sentido, valor e trabalho se relacionam através da

---

independentes, seres perfeitamente inteligíveis e numenais, sujeitos unicamente às leis da razão. Podemos satisfazer essa exigência somente se obtermos um completo controle sobre a natureza, submetendo-a a nossos fins racionais, pois somente assim eliminamos nossa natureza sensível, a qual é sujeita a causas naturais exteriores a nós mesmos. Por isso, a exigência moral da completa autonomia ou independência requer que nos esforcemos para nos tornar como o ego absoluto, um ser perfeitamente inteligível que cria toda a natureza de acordo com sua razão.

Fiel às suas críticas contra a metafísica, Fichte enfatizou que o ego absoluto é um objetivo que não podemos alcançar. O ego finito não pode alcançá-lo sem deixar de ser finito e tornar-se o próprio Deus. Entretanto, quanto mais o ego finito se esforça para obter controle sobre a natureza, fazendo-a conforme seus fins racionais, mais ele se aproxima a seu ideal. Através de seu esforço, ele pode aumentar o conteúdo inteligível da experiência, enquanto diminui o conteúdo sensível.

O espírito subjacente ao *Wissenchaftslehre* de Fichte, de 1794, é, pois, profundamente pragmático: o conhecimento é o resultado da ação, não da contemplação. Nós não podemos refutar o cético por meio da razão teórica, sustenta Fichte, uma vez que o mero pensamento não pode remover o dualismo sujeito-objeto, que é o principal obstáculo para nosso conhecimento. Podemos enfraquecer esse dualismo e a abordagem da identidade sujeito-objeto necessária para o conhecimento, unicamente pela ação, somente nos esforçando para tornar a natureza de acordo com as exigências de nossa razão. A única cura para o ceticismo, é, portanto, a ação. Assim, para Fichte, como também, posteriormente, para Marx, todos os mistérios da filosofia transcendental somente são resolvidos na prática." (BEISER, 2014, pág.25)

substancialidade do valor e do trabalho abstrato no interior de uma relação de valor. O valor é expressão do trabalho comum e da natureza social do trabalho. Afirmar que todos os trabalhos são expressos como um só trabalho humano representa afirmar o caráter social do trabalho e a expressão do trabalho através das formas dos valores das mercadorias. As diversas formas de trabalho se relacionam no interior da relação de valor através do suprassumir da diferença entre elas, logo a igualdade do trabalho comum se relaciona com a igualdade dos homens.

O trabalho social é o trabalho homogêneo e não a aparência imediata do trabalho; na verdade, o trabalho só pode ser compreendido através da totalidade que envolve tanto o trabalho concreto quanto o trabalho abstrato, ou seja, através do trabalho igual. A igualdade que a forma equivalente expressa só é possível graças à igualdade do trabalho, que suprassume suas diferenças numa substância criadora de valor. O emergir do valor como produto de uma relação representa um retorno ao elemento substancial que originou o próprio valor. Tal elemento original que é a substância do valor encontra-se não apenas nas coisas produzidas pelo trabalho, mas é inerente ao próprio trabalho. As mercadorias encarnam valor desde que são produzidas no processo de trabalho, e não apenas quando são colocadas numa relação de valor.

A igualdade do trabalho é a igualdade da qualidade do trabalho que se expressa por meio das formas dos valores das mercadorias. A igualdade do trabalho expressa a igualdade dos trabalhos e, por isso, expressa a igualdade entre os homens e sua relação com o trabalho. Na sociedade grega antiga, o trabalho humano não podia se reconhecer na desigualdade entre os homens que viviam numa sociedade escravocrata. A igualdade entre as coisas e entre os trabalhos não deixa de ser um reflexo da igualdade entre os homens e de sua relação com as coisas e com os trabalhos. Para que a força de trabalho humano crie valor, ela precisa ser reconhecida como um valor que surge da igualdade do trabalho comum. As contradições sociais se expressam através do valor, e a forma equivalente de valor representa um produto das contradições sociais e, de certa forma, o suprassumir dessas contradições.

A ideia de igualdade humana garantiu a consciência popular do trabalho e, consequentemente, o desvelar do valor como uma substância que tem sua origem no trabalho humano. Marx responde àquela pergunta que Aristóteles formulou em pleno

desenvolvimento da sociedade escravocrata na Grécia antiga com argumentos que só foram possíveis com a vigência da consciência moderna do trabalho e da consciência da igualdade entre os homens. Essa igualdade que Marx observa n'*O Capital* é a igualdade do trabalho igual, ou seja, não uma consciência abstrata da igualdade humana, e sim uma igualdade substancial permitida pelo trabalho produzido por essa substância que torna os homens e os trabalhos iguais entre si. A ideia de igualdade humana transformou o próprio trabalho em algo igual e não pode ser pensada sem a substância criadora do valor. Tal ideia de igualdade entre os homens e entre os trabalhos aproxima o valor da consciência humana, contudo a consciência humana do valor é o resultado da substância do valor e da igualdade entre os trabalhos.[43]

A forma-mercadoria é descrita por Marx como a forma geral da sociedade, forma que unifica a mercadoria e a sociedade através de um movimento comum da circulação dos objetos produzidos pelo trabalho humano. Tal forma é produto do trabalho humano e é produzida pelo trabalho humano, assim como os objetos. A mercadoria é uma forma social, mas também representa a forma geral da sociedade, conforme nos ensina Marx. A forma-mercadoria enquanto forma do produto do trabalho é a forma geral da sociedade que passa a determinar a relação entre os homens através da lógica de apropriação das mercadorias:

> E mais, essa descoberta só é possível numa sociedade em que a forma mercadoria é a forma geral do produto do trabalho, e, em consequência, a relação dos homens entre si como possuidores de mercadorias é a relação social dominante. O gênio de Aristóteles resplandece justamente na sua descoberta da relação de igualdade existente na expressão de valor das mercadorias. Somente as limitações históricas da sociedade em que vivem impediram-no de descobrir em que consistia, "verdadeiramente", essa relação de igualdade. (MARX, 2008, pág.82)

O impacto social das relações produzidas pela forma-mercadoria não é apenas econômico, mas social e político. Por outro lado, a dominação burguesa, ao instituir a

[43] O conceito de indústria n'*O Capital* representa a síntese dos diversos momentos da evolução do trabalho e sua racionalização através do avanço do capitalismo e da homogeneidade da força de trabalho enquanto fonte do valor. Nesse sentido, Engels reflete sobre o conceito da indústria à luz do desenvolvimento histórico do trabalho humano: "Dentro dessa linha de orientação, o conceito de indústria, desde que não inclua agricultura e artesanato, está compreendido no termo manufatura, e, com isso, se apaga a diferença entre dois períodos da história econômica, importantes e essencialmente diversos: o período da manufatura propriamente dita, baseado no trabalho manual, e o da indústria moderna, fundamentada na maquinaria." (ENGELS, 2008, pág.41)

forma-mercadoria como forma geral da sociedade, produz o descontentamento com essa ordem e o consequente questionamento sobre os fundamentos da forma-mercadoria. A descoberta da forma-valor só foi possível diante da forma-mercadoria enquanto forma geral da sociedade capitalista capaz de determinar o conjunto das relações sociais. Enquanto possuidores das mercadorias, os homens detêm o conjunto das relações sociais; assim, conhecer a forma-valor representa um meio para se conhecer a lógica geral da sociedade e sua totalidade. Aristóteles conseguiu enxergar nas expressões de valores o produto de uma relação de igualdade, e, com isso, ele apreendeu o movimento do valor enquanto produto de uma relação e expressão de uma igualdade entre coisas desiguais. A mercadoria interfere na relação dos homens até tornar-se a forma social da relação entre os homens enquanto possuidores de mercadoria.

Afirmar que os possuidores de mercadorias são determinados pela forma-mercadoria corresponde a afirmar que a forma-valor determina tais relações entre os homens e as mercadorias. A inversão que a forma-mercadoria representa ao determinar as relações sociais tem sua origem no papel determinante que o valor historicamente sempre cumpriu, e a pergunta de Aristóteles acerca de sua origem representa uma pergunta acerca de tal inversão que a forma-valor representa. A relação social determinada pelos possuidores de mercadorias não deixa de ser uma relação determinada pela forma-valor através da forma-mercadoria. A expressão de valor como expressão de relação oculta a desigualdade entre os homens na medida em que se desenvolve como produto do trabalho igual e também da consciência acerca da igualdade desse trabalho. O trabalho de igual qualidade se constituiu historicamente como suprassunsão de formas primitivas de trabalho, e tal igualdade substancial das forças de trabalho está relacionada com a consciência de igualdade entre os homens, consciência da equivalência dos trabalhos que inevitavelmente entra em contradição com a forma-mercadoria.[44]

[44] A consciência do trabalho igual fortalece a ideia de igualdade enquanto produto de uma força material, e não de uma abstração teórica. Trata-se da consciência de uma forma social que Marx descreveu em inúmeros textos, como, por exemplo, em *Guerra Civil na França*: "Tal é a *Comuna – a forma política da emancipação social*, da libertação do trabalho da usurpação dos monopolistas dos meios de trabalho, sejam estes meios criados pelos próprios trabalhadores ou dados pela natureza. Assim como a máquina e o parlamento estatal não são a vida real das classes dominantes, mas apenas os órgãos gerais organizados de sua dominação — as garantias, formas e expressões políticas da velha ordem das coisas —, assim também a Comuna não consiste no movimento social da classe

A forma-mercadoria expressa a homogeneidade do trabalho igual, porém a contradição entre o corpo do valor e a expressão de valor também se expressa socialmente. A igualdade dos trabalhos está relacionada com determinada consciência de igualdade que entra em contradição com a forma-mercadoria. O corpo do valor é a expressão qualitativa de uma relação de valor, e tal aspecto da relação de valor entra em contradição com o valor-de-troca, que, sob o sistema capitalista, transforma os possuidores de mercadorias em força determinante das relações sociais. Nesse sentido, descrever o percurso do valor através da determinação qualitativa que ele representa consiste numa forma de desvelar a dominação de classe em seu fundamento. Na forma simples do valor, encontramos respostas não apenas para formulação de Aristóteles acerca do valor, mas também para a análise de formas sociais mais complexas que não podem prescindir da análise da forma simples do valor. A forma simples de valor encontra-se contida numa relação de valor, ela expressa essa relação a partir de sua forma simples que se contém e se expressa ao mesmo tempo numa relação de valor. A permutabilidade de uma expressão de valor com outra mercadoria se dá através da relação de equivalência entre um corpo de valor com tal expressão de valor, conforme nos ensina Marx:

> A forma simples do valor de uma mercadoria se contém em sua relação de valor ou de troca com outra mercadoria diferente. O valor da mercadoria A expressa-se qualitativamente por meio da permutabilidade direta da mercadoria B com a mercadoria A. É expresso quantitativamente através da permutabilidade de determinada quantidade da mercadoria B com quantidade de mercadoria A. Em outras palavras, o valor de uma mercadoria assume expressão fora dela, ao manifestar-se como valor-de-troca. De acordo com hábito consagrado, se disse, no começo deste capítulo, que a mercadoria é valor-de-uso e valor-de-troca. Mas isto, a rigor, não é verdadeiro. A mercadoria é valor-de-uso ou objeto útil e “valor”. Ela revela seu duplo caráter, o que ela é realmente, quando, como valor, dispõe de uma forma de manifestação própria, diferente da forma natural dela, a forma de valor-de-troca; e ela nunca possui essa forma, isoladamente considerada, mas apenas na relação de valor ou de

---

trabalhadora e, portanto, de toda dominação de classe (porque ela não representa um interesse particular, mas a libertação do trabalho, isto é, a condição natural e fundamental da vida individual e social que apenas mediante usurpação, fraude e controles artificiais pode ser exercida por poucos sobre a maioria), mas ela fornece o meio racional em que essa luta de classe pode percorrer suas diferentes fases da maioria mais racional e humana possível. Ela pode provocar violentas reações e revoluções igualmente violentas. Ela inaugura a emancipação do trabalho — seu grande objetivo —, por um lado, ao remover a obra improdutiva e danosa dos parasitas estatais, cortando a fonte que sacrifica uma imensa porção da produção nacional para alimentar o monstro estatal, e, por outro lado, ao realizar o verdadeiro trabalho de administração, local e nacional, por salários de operários. Ela dá início, portanto, a uma imensa economia, a uma reforma econômica, assim como a uma transformação política.” (MARX, 2011. pág.131)

> troca com uma segunda mercadoria diferente. Sabido isto, não causa prejuízo aquela maneira de exprimir-se, servindo antes, para poupar tempo. (MARX, 2008, pág.82)

A relação de valor é o meio através do qual a mercadoria se torna valor, mas essa relação produz o corpo do valor enquanto uma expressão qualitativa do valor. A determinação quantitativa do valor é algo exterior a essa relação porque é exterior ao corpo do valor. A relação de equivalência é uma relação determinada pelo interior da relação de valor, portanto determinada pela substancialidade do corpo do valor através da qual se desvela o elemento qualitativo de valor enquanto fonte de determinação da relação de valor. A oposição entre valor-de-uso e valor ocupa o centro da relação de valor, e, através dela, o valor surge como suprassunsão da relação de valor. Enquanto a determinação qualitativa do valor é inerente à relação de valor, a determinação quantitativa depende de uma expressão de valor exterior à relação de valor. O corpo do valor garante o conteúdo substancial da relação de valor, mas esse corpo se constitui substancialmente e não quantitativamente. Dessa forma, a relação de valor transforma-se na corporalidade substancial de valor capaz de transformar o valor-de-troca em algo imanente a essa mesma relação corpórea, e não algo exterior ao corpo do valor.

O assumir expressão da mercadoria equivale a sua determinação quantitativa enquanto expressão da relação de valor como um todo, e não uma expressão unilateral exterior ao corpo do valor. A contradição entre corpo do valor e expressão de valor é suprassumida pela substancialidade da relação de valor e por meio da passagem da expressão de valor para o interior da relação de valor. A forma de manifestação própria representada pelo valor se efetiva na relação de valor a partir da contradição entre o valor-de-uso e o valor. O valor-de-uso enquanto corpo do valor encontra no valor-de-troca a sua efetividade enquanto valor no interior da relação de valor. A transformação do corpo do valor em valor-de-troca representa a passagem da coisa útil para o valor, representa a passagem para a forma-valor enquanto forma distinta de um valor-de-uso e seus aspectos naturais. A formação do corpo do valor é um momento da relação de valor, e, através dele, a substância do valor é desvelada; dessa forma, a determinação quantitativa do valor só pode existir em consequência da substancialidade do corpo do valor no interior da relação de valor.

A substancialidade do valor-de-troca só pode ser observada diante da totalidade da relação de valor, em que o valor-de-troca se torna uma necessidade interna da relação de valor, e não algo exterior. Apenas através do percurso dialético inerente à relação de valor é que o valor-de-troca pode transformar-se em valor enquanto algo inerente à relação de valor. Nesse sentido, o valor-de-troca é transportado materialmente pelo valor-de-uso para o interior da relação de valor. A natureza do valor é a totalidade da relação do valor e não pode ser apreendida fora dessa relação e de sua materialidade imanente. O valor-de-troca representa um momento da relação de valor, e sua expressão reflete a substancialidade dos valores-de-uso no interior da relação de valor. Enquanto determinação quantitativa da relação de valor e enquanto expressão de valor, o valor-de-troca transforma-se num meio para a síntese da relação de valor e num caminho para a efetividade dessa relação através da forma-valor.

A expressão de valor surge da relação de valor em função da materialidade dessa relação. Dessa forma, para que o valor exista enquanto corpo, a expressão de valor retira-se da relação de valor e, quando esse corpo se forma, a relação de valor passa a ser determinada quantitativamente pela expressão de valor enquanto algo interior, e não exterior a tal relação. A substancialidade do valor é a determinação qualitativa da relação de valor que passa a determinar a relação de valor como um todo e transforma a expressão de valor em algo interior ao movimento substancial da relação de valor. A natureza do valor não pode ser definida pelo valor-de-troca isolado da relação de valor nem pela forma equivalente de valor sem que haja unidade com a expressão de valor. O valor como produto da relação de valor só consegue transformar-se em expressão dessa relação através do valor-de-troca. A expressão de valor converte-se na forma-valor através do valor-de-troca enquanto resultado dialético dessa relação.

O valor-de-troca expressa a totalidade da relação de valor na medida em que constitui um elemento imanente à relação de valor. Ele surge a partir do duplo caráter da mercadoria, mas não pode ser compreendido apenas como algo oposto ao valor-de-uso nos limites da divisão do caráter da mercadoria. Sua oposição ao valor-de-uso e à própria relação de valor consiste na efetividade do próprio valor e de sua substancialidade. Quanto mais se afasta da relação de valor, o valor-de-troca torna-

se uma necessidade para o processo de efetividade do valor enquanto forma-valor. Quando a relação de valor se converte em valor, é a própria substancialidade que se converte em algo imaterial não como valor-de-troca, mas enquanto forma-valor que suprassumiu o valor-de-troca através da substancialidade da relação de valor.

A imaterialidade do valor não se confunde com um valor-de-troca ou expressão de valor. Trata-se da conversão do corpo do valor numa substância determinada qualitativa e quantitativamente. O corpo do valor é uma substância determinada qualitativamente, ou seja, a forma-valor representa a unidade de determinações quantitativa e qualitativa através da relação de valor. Não se trata, portanto, de uma conversão ao elemento quantitativo ou a uma expressão de valor, mas da necessidade qualitativamente determinada da relação de valor em se transformar numa forma através da determinação quantitativa do valor. A forma-valor abarca a relação de valor, e a determinação quantitativa do valor representa o momento da efetividade da forma-valor. Porém, a expressão de valor encontra-se desde o início da relação de valor enquanto algo exterior ao valor. Quando surge o corpo do valor, surge também a necessidade de transformar o valor-de-troca em algo interior ao valor.

A forma-valor não é o corpo do valor ou substância sem forma. A conversão em elemento incorpóreo que representa o valor é a conversão do corpo do valor enquanto substância homogênea em forma-valor, numa forma que garante a efetividade da substancialidade da relação de valor enquanto uma forma efetiva e definitiva do valor. Não basta desvelar a relação e a substancialidade de valor, mas desvelar o valor como uma forma que suprassume a relação de valor através de sua própria substancialidade. A expressão de valor surge como algo externo no início da relação de valor, portanto surge como forma relativa de valor. Assim como a oposição entre forma relativa e forma equivalente é suprassumida através da relação de valor, podemos afirmar o mesmo da expressão de valor. A expressão de valor enquanto determinação quantitativa de valor deixa de ser um valor-de-troca exterior à relação de valor e torna-se o elemento por meio do qual a forma-valor se efetiva.

A expressão de valor torna-se determinação quantitativa da relação de valor a partir do interior da relação de valor, ou seja, a expressão de valor não se reduz a um valor-de-troca exterior ao valor. Desse modo, a necessidade do corpo do valor em se converter em forma-valor é o que transforma a expressão de valor enquanto algo

interior à relação de valor. Não é a expressão de valor que origina a relação de valor; ao contrário, a relação de valor transforma a expressão de valor em algo externo ao corpo do valor e, consequentemente, à relação de valor. Portanto, a natureza do valor da mercadoria é diferente do valor-de-troca ou da expressão de valor, e somente através dela é que o valor se efetiva qualitativa e quantitativamente:

> Nossa análise demonstrou que a forma ou a expressão do valor da mercadoria decorre da natureza do valor da mercadoria, não sendo verdade que o valor e sua magnitude se originem da expressão do valor da mercadoria; do valor-de-troca. Apegaram-se, entretanto, a essa quimera os mercantilistas, seus discípulos modernos, como Ferrier, Ganilh etc., e os antípodas, os modernos caixeiros-viajantes do livre cambismo, como Bastiat e quejandos. Os mercantilistas põem em relevo o aspecto qualitativo da expressão do valor, a forma de equivalente assumida pela mercadoria, forma que encontra no dinheiro sua configuração definitiva; os modernos mascates do livre-cambismo, ao contrário, tendo de livrar-se de sua mercadoria a qualquer preço, ressaltam o aspecto quantitativo da forma do valor relativo. Em consequência, para eles, só existem valor e sua magnitude na expressão que adquirem por meio da relação de troca, ou seja, nas citações dos boletins diários de preços. O escocês MacLeod, em sua missão de ordenar e adornar, com a maior erudição possível, as confusas ideias de Lombardstreet, consegue realizar uma miscigenação entre os supersticiosos mercantilistas e os mascates iluminados do livre-cambismo. (MARX, 2008, pág.83)

A natureza do valor representa a determinação qualitativa e quantitativa do valor responsável por fazer da expressão do valor algo imanente ao valor. O valor e sua magnitude não se originam da expressão de valor, nem do exterior da relação de valor. Tanto o valor quanto sua magnitude nascem da relação de valor e do interior dessa relação enquanto corpo do valor, ou seja, é da natureza do valor que surgem a expressão de valor e a grandeza do valor enquanto algo que tem origem na corporalidade e no interior da relação de valor. Para compreender a origem do valor, é preciso superar as explicações que separam as determinações quantitativas e qualitativas do valor, visões que se concentram em explicar a origem do valor por apenas um ângulo. Algumas visões acentuam as determinações quantitativas do valor e a centralidade do valor-de-troca, enquanto outras concentram-se em explicar o valor através da forma equivalente de valor ou através dos aspectos qualitativos inerentes à forma equivalente de valor.

A natureza do valor é a qualidade do valor responsável pela conversão da relação de valor em valor. Tal conversão é produto da natureza do valor, que, através

da relação de valor, transforma o valor-de-troca em algo inerente ao valor ou à relação de valor. A natureza do valor e o valor-de-troca não são a mesma coisa, contudo há uma tendência, no pensamento econômico, em atribuir ao valor-de-troca a origem da natureza do valor. Marx considera tal postura uma quimera dos mercantilistas e livre-cambistas, que reduzem a relação de valor a mera relação de troca. A relação de troca e a expressão de valor consistem em um momento da relação de valor, e não a totalidade da relação de valor. Reduzir o valor a uma relação de troca é reduzir o valor a simples expressão de valor ou a uma determinação quantitativa em detrimento da qualidade substancial do valor e da relação de valor como um todo. Pensar o valor é pensar o processo de constituição do valor, e não apenas a relação de troca como sendo a natureza do valor em detrimento da natureza substancial do valor. No prefácio a'*O capital*, Engels denomina o livre-cambismo de antigo evangelho econômico incapaz de interpretar o desenvolvimento do capitalismo e da indústria moderna:

> O funcionamento do sistema industrial da Inglaterra — impossível sem permanente e rápida expansão da produção e, portanto, dos mercados — está emperrado. O livre-cambismo esgotou seus recursos; até Manchester perdeu a fé no seu antigo Evangelho econômico. (ENGELS, 2008, pág.42)

A economia clássica não consegue interpretar o valor nem seus desdobramentos, e o conceito de indústria sofre diante da carência conceitual dos intérpretes liberais. O valor não pode existir sem seu suporte material nem sem fazer parte de uma relação de valor; o corpo do valor é a síntese entre a materialidade dos valores-de-uso e a relação de valor. Antes de converter-se à forma-valor, o valor tem de necessariamente passar relação de valor e constituir-se enquanto corpo através das formas antagônicas do valor. Nesse sentido, a dialética entre formas e corpo do valor torna possível a existência do valor enquanto resultado da relação de valor. Quando o corpo do valor se converte na forma imaterial do valor, a relação do valor passa a existir por meio da substancialidade do valor que se expressa através do elemento imaterial contrário ao próprio corpo do valor, e não da sua substancialidade. Nesse sentido, a forma-valor representa a conversão do corpo do valor em algo imaterial sem, ao mesmo tempo, deixar de preservar o elemento substancial que torna possível a natureza do valor.

A expressão de valor movimenta-se na relação de valor tanto quanto o veículo material do valor ou o valor-de-uso. Quando Marx afirma que o valor-de-uso é o veículo material do valor, ele não está afirmando que o valor-de-uso transporta valor-de-troca, mas a substancialidade do valor. O valor-de-troca precisa acompanhar o movimento do veículo do valor, mas, para isso, ele precisa ingressar no interior da relação de valor. Segundo Marx, existe uma contradição interna à expressão de valor e uma contradição externa através da qual o valor-de-uso se confronta com o valor-de-troca. Nesse caso, a oposição interna é entre o valor-de-uso e o valor, enquanto a oposição externa é entre o valor-de-uso e o valor-de-troca. Porém, a oposição interna à relação de valor é desvelada por meio da oposição externa:

> Examinando mais de perto a expressão do valor da mercadoria A, contida na sua relação de valor com a mercadoria B, vimos que, dentro do seu domínio, se considera a forma natural da mercadoria A figura de valor-de-uso, e a forma natural de mercadoria B apenas forma de valor. A contradição interna, oculta na mercadoria, entre valor-de-uso e valor, patenteia-se, portanto, por meio de uma oposição externa, isto é, através da relação de duas mercadorias, em que uma, aquela cujo valor tem de ser expresso, figura apenas como valor-de-uso, e a outra, aquela na qual o valor é expresso, é considerada mero valor-de-troca. A forma simples do valor de uma mercadoria é, por conseguinte, a forma elementar de manifestar-se a oposição nela existente, entre valor-de-uso e valor. (MARX, 2008, pág.83)

A contradição externa à qual se refere Marx representa a contradição entre valor-de-uso e valor-de-troca, entre o ter de exprimir valor e o valor expresso através do valor-de-troca. A expressão de valor se reconhece no valor-de-troca enquanto produto dessa contradição externa e através daquilo que é expresso enquanto valor-de-troca. A contradição externa transforma a expressão de valor em algo exterior ao valor-de-uso, externa ao elemento natural do valor-de-uso e ao próprio valor. A expressão de valor se expressa como uma contradição entre o valor-de-uso que se expressa em algo exterior ao seu elemento natural, quer dizer, expressa-se num valor-de-troca. O valor-de-troca é exterior ao valor-de-uso e à expressão de valor que surge enquanto figura do valor a partir do elemento natural do próprio valor-de-uso. O que é expresso é o valor-de-troca enquanto algo exterior ao valor-de-uso. Mas essa contradição externa não explica o valor, representa apenas uma forma de manifestação da contradição interna da mercadoria.

Numa relação de valor, a expressão de valor expressa a forma natural da mercadoria em contradição com o valor-de-troca ou mera forma de valor. Dessa

forma, a contradição entre valor-de-uso e valor-de-troca é uma forma exterior de se apresentar a contradição interna da mercadoria entre valor-de-uso e valor. Compreender a relação entre contradição interna e externa é o único meio de desvelar a complexidade inerente à relação de valor. A expressão de valor que surge do valor-de-uso enquanto contradição externa à relação de valor confronta-se com o valor-de-troca ou aquilo que é expresso em forma de valor, portanto o que deve expressar valor entra em contradição com aquilo que é expresso através do valor-de-troca. A expressão de valor e o que é expresso entram em contradição através da oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca. Tal oposição externa é possível porque a expressão de valor representa o início da relação de valor e não o seu fim, ou seja, porque não se trata da contradição entre expressão de valor e corpo do valor, mas entre valor-de-uso e valor-de-troca.

A oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca revela outra oposição interior à mercadoria entre valor-de-uso e valor. Nesse sentido, a oposição entre valor-de-uso e valor desvela a substancialidade da relação de valor, enquanto a oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca não pode prescindir da contradição interna ou da substancialidade do valor. A forma simples do valor só é possível diante das contradições inerentes ao próprio valor, e sua substancialidade representa a síntese dessas diversas contradições. Portanto, não é possível compreender o valor sem a dialética de sua substancialidade que se desvela a partir das diversas contradições inerentes ao valor. Ao produzir valor-de-uso, o trabalho produz a substância do valor sem a qual não é possível a produção do valor-de-uso enquanto forma-mercadoria elementar:

> Em todos os estágios sociais, o produto do trabalho é valor-de-uso; mas só um período determinado do desenvolvimento histórico, em que se representa o trabalho despendido na produção de uma coisa útil como propriedade “objetiva”, inerente a essa coisa, isto é, como seu valor, é que transforma o produto do trabalho em mercadoria. Em consequência, a forma simples de valor da mercadoria é também a forma-mercadoria elementar do produto do trabalho, coincidindo, portanto, o desenvolvimento da forma-mercadoria com o desenvolvimento da forma-valor. (MARX, 2008, pág.83)

A objetividade do valor é o que torna a produção da coisa útil em produção de mercadoria. Produzir coisa útil se torna produzir o valor enquanto propriedade objetiva, graças à objetividade do trabalho e do valor. O produto do trabalho torna-se

mercadoria através da objetividade do valor produzida socialmente pelo desenvolvimento da força do trabalho. A mercadoria emerge na história como um produto da objetividade do valor e do trabalho ao mesmo tempo. Nesse sentido, o trabalho e o valor expressam as transformações no modo de produção que tornam possível o emergir da mercadoria enquanto valor. A objetividade do trabalho é a substancialidade do valor, e ambos se materializam através da forma-mercadoria. A forma-mercadoria e a forma-valor representam o avanço das forças produtivas que se transformam em formas objetivas através do produto do trabalho e da relação de valor.

A distinção entre manufatura e indústria, não observada pela economia burguesa, impõe que a própria linguagem da ciência se desenvolva e acompanhe o movimento do objeto, conforme ocorre com outras ciências: “Cada concepção nova de uma ciência acarreta uma revolução nos termos especializados dessa ciência.” (MARX, 2008, pág.40) Marx conseguiu expressar essa revolução científica através de sua análise do valor ou de uma categoria capaz de explicar o conjunto das relações econômicas até então interpretadas de forma fragmentada pela economia burguesa. As mudanças teóricas produzidas por Marx representam, segundo Engels, uma revolução científica em relação aos defensores da ordem capitalista: “Uma teoria que considera a moderna produção capitalista mero estágio transitório da história econômica da humanidade tem, naturalmente, de utilizar expressões diferentes daquelas empregadas por autores que encaram esse modo de produção como imperecível e final.” (ENGELS, 2008, pág.42) A transitoriedade do capitalismo é também a das interpretações acerca do valor que Marx desconstruiu n’*O capital*.

O trabalho torna-se uma propriedade objetiva através da produção do valor-de-uso, mas ele se objetiva transformando o valor-de-uso em mercadoria. Nesse sentido, a mercadoria é uma forma, assim como o valor, e tal forma desvela a substancialidade ou objetividade do trabalho presentes nas coisas. A objetividade do trabalho transforma qualitativamente as mercadorias que não podem ser representadas apenas como uma grandeza quantitativa. A relação de valor deve traduzir a igualdade qualitativa inerente às coisas e não reduzir-se a uma expressão abstrata de uma grandeza meramente quantitativa. A abstração representada pela expressão de valor não expressa a totalidade da relação de valor, tampouco a substancialidade que apenas a relação de valor consegue desvelar:

> A expressão do valor da mercadoria A através de uma mercadoria B qualquer serve apenas para distinguir o valor de A do seu próprio valor-de-uso, colocando A em relação de troca exclusiva com outra mercadoria particular qualquer dele diferente; não traduz sua igualdade qualitativa e proporcionalidade quantitativa com todas as outras mercadorias. A forma relativa simples do valor de uma mercadoria corresponde à forma de equivalente singular de outra. Assim, o casaco, na expressão do valor relativo do linho, possui forma de equivalente ou forma de permutabilidade direta apenas em relação a esse único tipo de mercadoria, o linho. (MARX, 2008, pág.84)

Na medida em que se distingue de um valor-de-uso, a forma relativa do valor entra em relação com outra mercadoria. Tal expressão de valor que se desloca da corporalidade de um valor-de-uso não traduz a substancialidade inerente ao valor-de-troca. Trata-se do início da relação em que a substancialidade do valor se desvela através da relação entre duas mercadorias. A forma relativa do valor não expressa a substancialidade do valor, apenas o início da relação de valor através de uma abstração que se distingue do valor-de-uso através da relação entre formas distintas entre si. A expressão de valor de uma mercadoria se distingue de um valor-de-uso para se relacionar com um valor-de-uso diferente que se expressa na forma equivalente de valor. A forma relativa de valor inicia a relação entre mercadorias na medida em que se distingue de um valor-de-uso através de uma expressão de valor. Porém, essa abstração representada pela forma relativa de valor necessita do corpo do valor representado pela forma equivalente de valor, e tal necessidade transforma a expressão abstrata da forma relativa de valor em uma expressão determinada pela relação de valor e pelo corpo do valor ao mesmo tempo. Quer dizer, o corpo do valor transforma substancialmente a relação de valor e a expressão de valor que havia se distinguindo de um valor-de-uso no início da relação de valor.

A forma equivalente de valor se forma a partir desse contato com a forma relativa do valor, isto é, a forma equivalente de valor existe diante da expressão de valor da forma relativa de valor. A relação de valor só pode desvelar a substancialidade do valor através de uma relação determinada em que a igualdade qualitativa entre as mercadorias seja capaz de suprassumir a pura determinação quantitativa do início da relação de valor. A forma relativa de valor se distingue de um valor-de-uso determinado tendo em vista a substancialidade da relação de valor e a igualdade qualitativa entre mercadorias diferentes entre si. As contradições da relação simples de valor não desvelam apenas a forma simples de valor, mas relações

complexas que transcendem a imediatez da expressão de valor do início da relação de valor:

> Todavia, a forma simples do valor converte-se, por si mesma, numa forma mais completa. Na verdade, ela expressa o valor de uma mercadoria A apenas numa mercadoria de outra espécie. Pouco importa qual seja a espécie dessa segunda mercadoria, se casaco, ferro ou trigo etc. À medida que estabelece relação de valor com esta ou aquela espécie de mercadoria, A adquire diversas expressões simples de valor. O número das possíveis expressões de valor dessa única mercadoria só é limitado pelo número das mercadorias que lhe são diferentes. Sua expressão singular de valor converte-se numa série de expressões simples de valor, sempre ampliável. (MARX, 2008, pág.84)

À medida que a relação de valor se efetiva e as contradições inerentes a tal relação são suprassumidas, a expressão de valor se amplia em diversas expressões de valor. A substancialidade da relação de valor converte-se em múltiplas expressões de valor, porém a forma simples do valor desvela-se numa forma mais completa de valor. A efetividade do valor consiste no suprassumir da forma simples de valor e na tendência de essa forma mais completa se ampliar e se converter em múltiplas expressões simples de valor. A multiplicidade de formas simples de valor depende da efetividade do valor e da substancialidade da relação de valor. Portanto, a forma efetiva de valor é a forma singular que surge de uma relação de valor e se amplia sempre em expressões simples de valor, a partir da relação singular do valor. A relação entre a expressão simples de valor e a forma mais completa que se expressa por meio da forma singular do valor desvela a extensão do problema do valor, e, apenas através dessa relação, podemos compreender a expressão simples de valor enquanto resultado da relação de valor, ou seja, enquanto resultado da contradição entre a forma relativa de valor e a forma equivalente de valor.

Quando Marx utiliza o exemplo do linho e do casaco, ele está demonstrando que tais mercadorias se encontram imersas no interior de uma relação de valor e foram produzidas pelo trabalho humano. O linho toma de empréstimo do casaco o seu valor e passa a valer tanto quanto o casaco, tanto quanto o valor-de-uso do casaco e sua corporalidade. Do ponto de vista da relação de valor, o corpo do valor do linho e do casaco são idênticos, e tal identidade pode ser expressa por meio da forma-valor. Do ponto de vista do valor, não há diferença entre o linho e o casaco, mas essa unidade não se limita a uma abstração amparada nos aspectos exteriores das

mercadorias; ao contrário, é produto daquele conteúdo interno inerente à mercadoria produzido pelo trabalho. A forma-valor instaura uma identidade entre valores-de-uso distintos a partir do que há no interior dos corpos das mercadorias e não em suas formas exteriores. Se a unidade que representa o valor não significa uma unidade quanto ao corpo do valor-de-uso, ela também não representa uma distinção absoluta quanto a essa corporeidade. As formas dos corpos envolvidos na relação de valor são diferentes, mas, quanto ao trabalho existente em seu interior, possuem identidade comum. Essa identidade não é apenas abstrata como uma alma separada do corpo. Essa identidade que o valor representa é o movimento entre elementos internos de valores-de-uso distintos que passam a ter mesmo valor, embora sendo valores-de-uso diferentes. Isso só é possível porque a relação de valor coloca em movimento o trabalho abstrato que reside no interior das coisas, transformando-as em valor com forma própria distinta daquela representada pela forma física da mercadoria. A relação entre valor-de-uso e valor não é uma relação exterior ao corpo das mercadorias, mas parte desse elemento para se transformar em forma-valor, forma distinta da manifestação física dos objetos envolvidos na relação de valor.

A materialidade inerente à mercadoria é o que permite a duplicidade do caráter da mercadoria, logo o valor se abstrai sob forma relativa por conta do duplo caráter da mercadoria e de sua materialidade através do antagonismo das formas do valor diante do processo de materialização do valor. O duplo caráter da mercadoria representa seu caráter dialético capaz de se movimentar em direção ao conteúdo material interno da mercadoria enquanto algo que se encontra em relação de valor. O que se movimenta por meio das formas do valor na relação de valor é a materialidade inerente aos valores-de-uso que se transportam reciprocamente até o efetivar-se da forma-valor. O duplo caráter se evidencia no aparecer do valor enquanto algo que se abstrai da materialidade da mercadoria, mas nessa abstração em forma de valor são desveladas camadas mais internas e profundas da própria mercadoria, como o trabalho abstrato ou a substância do valor no interior da relação de valor. A substancialidade do valor representa uma aproximação do valor com a substancialidade do trabalho abstrato e com o movimentar-se das formas do valor em direção à sua própria materialidade, ou melhor, em direção à materialidade do valor. A homogeneidade da forma-valor coincide com a homogeneidade do trabalho humano abstrato, e tanto as formas do valor quanto os corpos dos valores-de-uso encontram

na homogeneidade do valor a forma através da qual o trabalho se desvela materialmente enquanto substância do valor. A homogeneidade da forma-valor e a do trabalho humano abstrato permitem a superação das contradições no interior da relação de valor e transformam as substâncias envolvidas em formas homogêneas enquanto meio de expressão da materialidade de tais substâncias e de tais formas. Entre o duplo caráter da mercadoria e a homogeneidade da forma-valor, temos o movimentar-se e o materializar-se das formas no interior da relação até que a substância homogênea do valor seja desvelada na sua proximidade material com a forma-valor.

A materialização do valor se instaura desde o início do processo da relação de valor e só é possível graças ao elemento material da mercadoria com seu duplo caráter em movimento e contato com o que há de material em valores-de-uso distintos entre si. No duplo caráter da mercadoria, temos a contradição entre forma e matéria no interior da própria mercadoria, contradição que é suprassumida pela relação de valor e pelo processo de materialização do valor. Forma e matéria não constituem coisas irreconciliáveis, e a forma-valor representa o reconhecimento da materialidade da relação de valor e os fundamentos materiais do valor. O fato de existir o valor através de formas abstraídas do corpo da mercadoria não significa a negação da corporalidade do valor-de-uso, mas representa o ganhar corpo do valor enquanto forma alternativa à materialidade puramente natural dos valores-de-uso envolvidos na relação de valor. Ou seja, a abstração inicial do valor na relação de valor resulta do aspecto material da mercadoria em direção à forma efetiva enquanto forma-valor qualitativamente determinada. O movimento do veículo do valor é o caminhar para a efetividade da forma-valor através daquilo que o valor-de-uso transporta, ou seja, através da substancialidade do valor que se transforma em forma-valor.

A unidade de valor é a totalidade da relação de valor e não representa uma soma de substâncias materiais opostas entre si fisicamente. O valor é a passagem pela relação de valor e a superação da imediatidade natural do valor-de-uso. A totalidade da relação de valor é a unidade do valor substancialmente determinado, unidade da relação de valor através da forma-valor. As formas antagônicas de valor geram o valor como substância e enquanto corpo do valor, geram o valor enquanto substância homogênea cuja materialidade suprassume as formas físicas do aparecer concreto das mercadorias. Dessa forma, o valor surge com sua corporalidade negativa

que suprassume a corporalidade imediata reduzida a expressões abstratas de valor. Ao suprassumir a expressão de valor, a forma-valor suprassume a imediatez dos corpos sensíveis das mercadorias envolvidas numa relação de valor. Assim, ao suprassumir a imediatez da expressão de valor, o valor suprassume a aparência física das mercadorias através da substancialidade material da forma-valor. O valor suprassume suas contradições internas através do suprassumir da expressão abstrata do valor e do corpo natural das coisas.

O valor surge como um corpo alternativo ao corpo aparente das mercadorias. Seu corpo diz respeito ao início da relação de valor enquanto relação efetiva e substancial. Graças ao corpo do valor, o próprio valor pôde transformar-se em forma-valor e, consequentemente, em forma-mercadoria. Através do corpo do valor, as formas do valor ganham unidade e forma efetiva, e a substancialidade do valor transforma-se em forma-valor. A unidade do valor é a unidade da relação do valor e da forma-valor, unidade que se desenvolve através da substancialidade do corpo do valor. A unidade do valor é a unidade dialética e circular que se determina materialmente através de seus movimentos dialéticos e materiais. O corpo do valor se transforma em seu oposto, converte-se em valor sem abandonar a substância do valor. A substância do valor que constitui a forma-valor consiste em suprassumir o corpo do valor, e, apenas através dessa dialética, a forma-valor se efetiva. Portanto, a expressão de valor encontra-se aparentemente fora da relação de valor, mas seu início através do duplo caráter da mercadoria representa a necessidade de materialização do corpo do valor rumo à forma-valor. Não obstante, Marx refere-se à expressão de valor como forma do valor estabelecendo uma relação de unidade originária entre expressão de valor e forma do valor. A forma-valor só se efetiva quando os elementos originais da relação de valor passam a ser incorporados no interior da relação de valor, interior que representa a totalidade da relação de valor através da forma-valor.

Ao percebermos os movimentos da expressão de valor na relação de valor, podemos compreender a circularidade do valor: sua manifestação espontânea a partir do duplo caráter do valor, sua materialização através da relação de valor e sua circularidade efetiva através da forma efetiva do valor. A expressão de valor acompanha todo o percurso do movimento do valor, acompanha o veículo do valor

até tornar-se algo imanente ao valor. O valor não surge pronto e acabado, ele é um processo que se compõe a partir de elementos internos e externos ao próprio valor. A expressão do valor retorna ao interior da relação de valor, mas esse retorno pressupõe a corporalidade do valor e o desvelar de sua substancialidade. A expressão de valor retorna ao interior da relação de valor através dos movimentos da substância do valor, retorna como necessidade dialética da qualidade substancial do valor. Quando o corpo do valor se converte em seu contrário, a determinação quantitativa do valor torna-se a efetividade qualitativa do valor através da forma-valor.

A natureza do valor é composta de uma substancialidade inerente ao corpo do valor, substancialidade que se encontra desde a origem da relação do valor e se efetiva através da forma-valor. A expressão de valor se confronta com o corpo do valor, mas esse confronto é a formação da corporalidade substancial da relação de valor. Na medida em que a expressão de valor torna-se o exterior da relação de valor, a substancialidade qualitativa do valor passa a determinar a própria expressão de valor. O tornar-se imaterial do corpo do valor é a efetividade da natureza do valor em contraposição ao valor-de-uso e ao corpo do valor. Mas essa oposição é a efetividade do valor, logo da natureza substancial do valor que se afirma em contraposição à natureza física e sensível do valor-de-uso. Portanto, o corpo do valor expressa tanto a materialidade do valor-de-uso, quanto a transição para a natureza do valor.

A forma extensiva do valor representa a efetividade do valor e sua expansão através da expressão singular do valor. Nesse sentido, inúmeras expressões de valor se formam a partir da substancialidade do valor. Marx denominou de forma extensiva de valor o caráter sempre ampliável da expressão singular do valor:

> z de mercadoria A = u da mercadoria B, ou = v da mercadoria C, ou = w da mercadoria D, ou = x da mercadoria E, ou = etc. (20 metros de linho = 1 casaco, ou = 10 quilos de chá, ou = 40 quilos de café, ou = 1 quarta de trigo, ou = 2 onças de ouro, ou =1/2 tonelada de ferro, ou = etc.). (MARX, 2008, pág.84)

As expressões de valores que se multiplicam a partir de uma relação de valor não deixam de ser expressões que se relacionam com uma forma relativa específica que constitui a origem da relação de valor. Nesse sentido, o corpo do valor de tais corpos de valor reflete uma forma relativa de valor específica por mais que se

multipliquem e se ampliem as expressões simples de valor. Nesse sentido, Marx mostrará que:

> O valor de uma mercadoria, do linho, por exemplo, está agora expresso em inúmeros outros elementos do mundo das mercadorias. O corpo de qualquer outra mercadoria torna-se o espelho de onde se reflete o valor do linho. Desse modo, esse valor, pela primeira vez, se revela efetivamente massa de trabalho homogêneo. O trabalho que o cria se revela expressamente igual a qualquer outro. Por isso, não importa a forma corpórea assumida pelos trabalhos, seja qual for, casaco, trigo, ferro ou ouro etc. Através da forma extensiva em que manifesta seu valor, está o linho, agora, em relação social não só com uma mercadoria isolada de espécie diferente, mas também com todo o mundo das mercadorias. Como mercadoria, é cidadão do mundo. Ao mesmo tempo, da série infindável das expressões da forma extensiva se infere que ao valor não importa a forma específica do valor-de-uso em que se manifesta. (MARX, 2008, pág.84)

A forma extensiva do valor relativo afirma a relação de valor e a substância através da qual o corpo do valor torna-se o espelho de uma forma relativa de valor. Diante desse caráter extensivo da forma relativa de valor, podemos vislumbrar o trabalho homogêneo e a qualidade igual da substância que torna possível a existência do corpo do valor e a forma extensiva do valor relativo. O caráter igual do trabalho que cria valor se confirma no caráter igual do valor existente a partir de uma determinada forma relativa e nos seus respectivos espelhos ou corpos do valor. A expressão de valor que foi incorporado à relação de valor entra em relação com o mundo das mercadorias e com a substância do trabalho comum. O valor enquanto expressão de massa de trabalho homogêneo só pode ser desvelado através da forma extensiva do valor relativo, forma extensiva que explica a multiplicação de corpos de valor a partir da forma relativa de valor. A relação de valor diante da forma extensiva do valor se transforma em algo social, assim como a forma relativa de valor que também se desvela enquanto forma social.

A relação de valor se insere, portanto, em relações mais amplas através das quais a substancialidade do valor e da relação de valor se desvelam. A comparação entre a forma simples de valor e a forma extensiva do valor relativo confirma a natureza substancial do valor, conforme Marx demonstra n'*O capital*:

> Na primeira forma, 20 metros de linho = 1 casaco, poderia ser fortuito o fato de essas duas mercadorias serem permutáveis em determinada relação quantitativa. Na segunda, se percebe imediatamente um fundo que essencialmente difere dessa ocorrência casual, determinando-a.

> Continua o mesmo o valor do linho, seja ele expresso em casaco, em café ou ferro etc., não importando o número das diferentes mercadorias nem o de seus donos. Desaparece a relação eventual de dois donos individuais de mercadorias. Evidencia-se que não é a troca que regula a magnitude do valor da mercadoria, mas, ao contrário, é a magnitude do valor da mercadoria que regula as relações de troca. (MARX, 2008, pág.85)

A efetividade da forma relativa de valor se desvela não apenas através da relação de valor, mas também diante das diversas expressões de valor convertidas a partir de uma expressão singular de valor enquanto forma extensiva de valor. Marx considera a forma extensiva de valor a forma efetiva capaz de desvelar a massa homogênea de trabalho humano, ou seja, a relação de valor se transforma através da forma extensiva em relação social do valor. A substância social do trabalho determina a relação social do valor, e isso torna-se evidente através da forma extensiva do valor. A forma relativa de valor enquanto forma extensiva do valor relativo se desvela enquanto algo imanente ao valor e enquanto forma que suprassumiu o aspecto abstrato e meramente quantitativo da expressão de valor.

Tanto através da relação de valor quanto através da forma extensiva do valor relativo, podemos reconhecer a substancialidade qualitativa do trabalho criador de valor. A relação de valor representada na forma extensiva do valor relativo consiste numa relação determinada, e tal determinação não pode ser atribuída ao valor-de-troca. Marx demonstra que a relação de valor determina as relações de trocas e que a magnitude de valor possui uma substância que se desvela por meio da troca enquanto determinação qualitativa da relação de valor como um todo. A encarnação de valor não deixa de ser a efetividade do trabalho humano em geral, porém uma forma equivalente particular necessita entrar em relação de valor com a forma relativa de valor:

> Cada mercadoria, casaco, chá, trigo, ferro etc., é considerada equivalente na expressão do valor do linho e, portanto, encarnação de valor. A forma natural de cada uma dessas mercadorias é uma forma de equivalente particular, junto a muitas outras. Do mesmo modo, as variadas, determinadas, concretas e úteis espécies de trabalho, contidas nos corpos das diferentes mercadorias, consideram-se, agora, formas particulares de efetivação ou de manifestação do trabalho humano em geral. (MARX, 2008, pág.85)

A forma natural das mercadorias e a forma equivalente particular manifestam a efetividade do trabalho, ou seja, constituem manifestações particulares enquanto mercadorias através das quais se manifesta a substância do trabalho como força social do trabalho. Nesse sentido, a forma de equivalente particular pressupõe a forma relativa de valor, enquanto a forma extensiva do valor relativo pressupõe o trabalho social, igual, necessário e humano em geral para a produção das mercadorias. O caráter circular do valor se desvela através da relação entre a forma extensiva do valor relativo e a forma equivalente particular, haja vista que a expressão de valor da forma extensiva não se limita a uma expressão abstrata sem a determinação qualitativa do valor. O corpo do valor não pode prescindir da forma relativa do valor. A forma extensiva do valor relativo desvela todo o mundo das mercadorias, enquanto a forma de equivalente particular pressupõe a circularidade da relação de valor.

A definição marxiana do trabalho como forma particular efetiva do trabalho em geral representa a relação do trabalho com a mercadoria mediada pela forma equivalente de valor. O trabalho se efetiva nas manifestações particulares do trabalho, manifestações que se desvelam a partir da relação de valor através da forma equivalente particular. A relação entre a expressão de valor e a forma equivalente particular é uma relação histórica e social, relação que não pode ser abstraída do desenvolvimento das forças produtivas. Nesse sentido, Marx denomina de defeito da forma total ou extensiva do valor a relação expressão de valor e a forma equivalente de valor:

> Primeiro, a expressão do valor fica incompleta, por nunca terminar a série que a representa. A cadeia em que uma equiparação se liga a outra distende-se sempre com cada nova espécie de mercadoria que surge, fornecendo material para nova expressão do valor. Segundo, por fim, se expressasse o valor relativo de toda mercadoria nessa forma extensiva, a forma relativa de valor de cada mercadoria seria uma série infindável de expressões de valor, ao lado das formas relativas de valor de cada uma das demais mercadorias. Os defeitos da forma extensiva do valor relativo refletem-se na forma de equivalente que lhe corresponde. Uma vez que a forma natural de cada tipo de mercadoria é uma forma de equivalente particular, ao lado de inumeráveis outras, só existem, no final de contas, formas de equivalente limitadas, cada uma excluindo as demais. Do mesmo modo, a espécie determinada de trabalho concreto, útil, contido em cada mercadoria equivalente particular é apenas forma particularizada de manifestação do trabalho humano, incompleta, portanto. Este possui, na verdade, sua forma completa ou total de manifestação no circuito inteiro daquelas formas particulares. Mas, falta uma forma

> unitária de manifestação do trabalho humano. (MARX, 2008, pág.86)

O trabalho determina o circuito das formas particulares de sua própria manifestação através de cada mercadoria equivalente particular. O circuito inteiro das formas particulares é a forma unitária do trabalho humano que se desvela por meio da forma equivalente particular. As limitações da forma extensiva do valor relativo refletem a dependência entre expressão de valor e a forma equivalente de valor. Mas tal dependência é a manifestação do trabalho humano em geral e de seu circuito através das formas equivalentes particulares. Nesse sentido, as expressões de valor e as formas particulares de equivalência refletem aspectos mais amplos do trabalho humano e representam as transformações sociais do próprio trabalho humano em geral. A expressão de valor torna-se incompleta diante do circuito determinado pelo trabalho humano em geral, ou seja, a expressão de valor não pode substituir a determinação qualitativa que se manifesta através das formas equivalentes particulares. A particularidade da forma equivalente de valor contrasta, portanto, com a forma extensiva do valor relativo desvelando seus limites e defeitos diante do circuito do trabalho.

O circuito do trabalho é a antítese da forma extensiva do valor relativo porque apenas a totalidade do trabalho pode determinar a forma de equivalente particular. A relação entre a forma extensiva do valor e todo o mundo da mercadoria encontra na substancialidade da forma equivalente particular um limite que é imposto pelo próprio circuito das manifestações particulares das formas equivalentes de valor. A forma equivalente de valor e o trabalho encarnado nas mercadorias são determinações particulares do próprio trabalho. Assim, a forma natural das mercadorias é tão particular como o trabalho nelas contido, por isso a forma equivalente de valor assume uma forma particular de manifestação do trabalho humano em geral, bem como a forma natural da mercadoria não deixa de ser uma forma equivalente particular através da qual o trabalho em geral se manifesta de forma determinada e concreta.

As mercadorias existem como espécies e expressam um trabalho necessário em comum cuja substância se encarna nas coisas enquanto trabalho abstrato. Diante disso, a cadeia de equiparação entre mercadorias distintas não pode assegurar um caráter ilimitado à expressão de valor. As formas de equivalente limitadas representam formas de equivalentes particulares em unidade com espécies

determinadas de trabalho. Nesse sentido, os limites da expressão de valor são os mesmos da forma extensiva do valor relativo. Trabalho concreto e trabalho humano em geral se encontram, portanto, na forma equivalente de valor enquanto forma particular e determinada pela forma unitária de manifestação do próprio trabalho.

Cada forma de manifestação da totalidade do trabalho é acompanhada por formas particulares de manifestação do valor e suas figuras concretas e particulares. As mercadorias expressam o trabalho concreto e o trabalho geral, mas, quando entram em relação com outras mercadorias, elas se expressam por meio de formas e figuras do valor. As reflexões de Marx acerca do caráter unitário do trabalho humano possibilitam-nos refletir acerca da relação entre a totalidade e o particular a partir de uma crítica da metafísica tal como propôs Althusser em sua obra *Initiation à la philosophie pour les non-philosophie*:

> Sem dúvida, devemos manter aqui uma concepção idealista do papel da filosofia. A filosofia não faz o que quer com as ideologias existentes. Da mesma forma, ela não fabrica por decreto qualquer categoria apropriada a unificar ideologias sem qualquer suporte material. Existem restrições materiais objetivas que a filosofia é totalmente incapaz de contornar e que, portanto, é obrigada a respeitar. Este trabalho de unificação ideológica permanece, portanto, contraditório e sempre inacabado. Sempre existem dificuldades intransponíveis. Desejando unificar rapidamente o conhecimento, Descartes simplesmente fabricou uma física imaginária, que não levou em conta a força. E, para resolver essa dificuldade, Leibniz, que bem viu isso, entrou em uma nova unidade, ainda mais imaginária.
>
> E quanto a esses famosos filósofos que sabem que "seguem ocultos" e que são compelidos a pensar, sob as categorias dominantes, verdades que nada têm a ver com elas, não devemos acreditar que eles escapam sem danos. Se Descartes silenciou sobre o poder político, era também porque compartilhava das ilusões da ideologia política, sob as quais se dava esse poder acrítico e desconhecido. Se Spinoza falou do poder político nos conceitos de direito natural para criticá-los, sua crítica permaneceu muito curta para permitir-lhe ir além da simples refutação da moralidade como fundamento de todo poder político, além de uma concepção abstrata de força como o fundamento do mesmo poder. [45]

[45] "Sans doute, il faut se retenir ici d'une conception idéaliste du rôle de la philosophie. La philosophie ne fait pas ce qu'elle veut avec les idéologies existentes. De même, ele ne fabrique pas par décret n'importe quelle catégorie prope à unifier des idéologies sans aucun support matériel. Il y a des contraintes matérielles objectives que la philosophie est bien incapable de contourner, qu'elle est donc obligée de respecter. Cette oeuvre d'unification idéologique reste donc contradictoire, et toujours inachevée. Il existe toujours des difficultés insurmontables. À vouloir trop vite unifier le savoir, Descartes a fabriqué tout simplement une physique imaginaire, qui ne tenait pas compte de la force. Mais pour tenir compte de cette difficulté, Leibniz, qui l'avait bien vue, est entré dans une nouvelle unité encore plus imaginaire.

A ideologia burguesa não compreende o trabalho a partir de seus movimentos dialéticos, tal como Marx propôs n'*O capital*. Refletir sobre a origem do trabalho e do valor representa uma reflexão filosófica e científica ao mesmo tempo, mas também uma reflexão acerca do desenvolvimento histórico das sociedades divididas em classes sociais antagônicas. A análise de *O capital* demonstra o movimento do valor e suas implicações sociais, portanto não se trata de uma ideologia abstrata acima das classes sociais e de suas contradições. Os movimentos dialéticos do valor não se encerram numa relação simples de valor, mas possuem relação com problemas mais amplos da totalidade social, conforme podemos observar a partir das análises de Ruy Fausto:

> O segundo movimento de exteriorização tem um caráter particular. Em suas próprias palavras, Marx falará mais de alienação (*entfremdung*) e de formas alienadas do que de exteriorização (*veräusserlichung*). O movimento de exteriorização pode ser considerado como um retorno ao entendimento, daí a possibilidade de compará-lo com a reflexão externa em que há a emergência da finitude. Mas, se o que ali aparece é compreensão e, portanto, representação, trata-se então de uma representação de ordem intelectual. Com a segunda exteriorização, a representação que emerge tem, ao contrário, um caráter imaginativo. Nesse sentido, se disséssemos que o limite da dialética exteriorizante representava a finalidade de uma compreensão externa (em oposição a uma compreensão interna que dá a essência do objeto), isso seria válido para o primeiro limite da dialética exteriorizante, para o capital portador de juros; para o segundo limite, receitas e suas fontes, a fórmula trinitária é de fato a imaginação. Na verdade, o que caracteriza a seção VII do livro III não é a simples exteriorização das formas (...)[46]

Et quant à ces fameux philosophes qui savent qu'ils « avancent masqués », et qui sont contraints de penser, sous les catégories dominantes, des vérités qui n'ont rien à voir avec elles, il ne faut pas croire qu'ils s'en tirent sans dommages. Si Descartes s'est tu sur le pouvoir politique, c'est aussi parce qu'il partageait les illusions de l'idéologie politique sous lesquelles se donnait ce pouvoir non critique, non connu. Si Spinoza a parlé du pouvoir politique dans les concepts du droit naturel pour les critiquer, sa critique est restée trop courte pour lui permettre d'aller au-delà du simple refus de la morale comme fondement de tout pouvoir politique, au-delà d'une conception abstraite de la force comme fondement du même pouvoir. (ALTHUSSER, 2014, pág.352)

[46] "Le deuxième mouvement d'extériorisation a um caractere particulier. A son propôs Marx parlera plutôt d'aliénation (*Entfremdung*) et de formes aliénées que d'exteriorisation (*veräusserlichung*). Le mouvement d'exteriorisation pourrait être considéré comme un retour à l'entendement, d'où la possibilité de le comparer à la réflexion extérieure où il y a emergence de la finitude. Mais, si ce qui y apparaît est l'entendement, et donc la représentation, il s'agit alors d'une représentation d'ordre intellectuel. Avec la deuxième extériorisation la représentation qui émerge a par contre un caractere imaginatif. En ce sens, si nous avons dit que le limite de la dialectique extériorisante représentait la visée d'un entendement externe (opposé à un entendement interne donant l'essence de l'objet), cela était valable pour la première limite de la dialectique exteriorisante, pour le capital porteur d'intérêt; pour la deuxième limite, les revenus et leurs sources, la formule trinitaire, il s'agit en fait de l'imagination. En réalité, ce qui caractérise la section VII du livre III, ce n'est pas la simple extériorisation des formes (...)" (FAUSTO, 1997, pág.91)

As categorias filosóficas presentes n'*O capital* constituem objeto de análise das mais diversas correntes do marxismo e geram discussões das mais variadas. Entretanto, é possível observar a proximidade da exposição marxiana com categorias inerentes ao sistema hegeliano. *Entfremdung* e *veräusserlichung* encontram-se implícitas no movimento dialético das categorias marxianas; na análise do valor, podemos observar uma estrutura dialética próxima da exposição hegeliana acerca dos temas da alienação e da exteriorização. O exterior na relação de valor representa aquilo que não é efetivo e, por isso, pode ser comparado ao entendimento conforme a interpretação de *O capital* desenvolvida por Ruy Fausto. O interior da relação de valor é a substancialidade do valor em contraste com a expressão de valor oposta ao elemento interno e essencial do valor. A crítica de Marx ao exterior da relação de valor aproxima-se da crítica de Hegel ao entendimento e suas limitações diante do concreto e do racional.

Ao refletirmos sobre a dialética da expressão de valor, devemos também pensá-la diante da expressão geral do valor. A expressão de valor abstraída da expressão geral do valor não reflete a complexidade dialética do valor. A forma geral do valor contém a explicação para a complexidade da relação de valor, e, através dela, podemos entender o significado da expressão de valor enquanto algo interno à relação de valor. "Quando um produtor troca seu linho com muitas outras mercadorias, expressando seu valor numa série de outras mercadorias, é porque muitos outros donos de mercadorias trocam suas mercadorias em linho." (MARX, 2008, pág.87) O movimento do linho em direção a outras mercadorias representa também o movimento dos donos de mercadorias em direção ao linho. Ele é trocado por várias mercadorias, assim como várias mercadorias são trocadas através do linho. Tal movimento do linho representa o percurso dialético do valor que se efetiva na medida em que consegue se expressar independentemente do valor-de-uso.

A extensão da forma relativa de valor é limitada pela forma equivalente particular que expressa a necessidade da forma geral do valor enquanto totalidade do circuito das manifestações dos trabalhos particulares. A forma geral do valor representa a conexão entre o caráter social do trabalho e o mundo das mercadorias, ou seja, o trabalho enquanto massa indiferenciada é a expressão social do mundo das mercadorias e tal caráter social das mercadorias, reflete o trabalho em geral:

> A forma geral do valor, que torna os produtos do trabalho mera massa de trabalho humano sem diferenciações, mostra, através de sua própria estrutura, que é a expressão social do mundo das mercadorias. Desse modo, evidencia que o caráter social específico desse mundo é constituído pelo caráter humano geral do trabalho. (MARX, 2008, pág.85)

A evolução do valor reflete também a massa indiferenciada do trabalho humano que se manifesta enquanto fonte de substancialidade do próprio valor. A efetividade do valor é a forma geral do valor, forma em que os produtos do trabalho se confundem com tal massa indiferenciada do trabalho humano. Marx afirma que não há diferenciação entre a massa de trabalho e mercadorias sob a forma geral do valor. Nesse sentido, a trajetória do valor representa a aproximação entre a substância do trabalho e a substância do próprio valor. O caráter geral do trabalho cria a massa indiferenciada de trabalho e a mercadoria enquanto produto desse mesmo processo indiferenciado que tem como fundamento a substância do trabalho humano. O mundo das mercadorias é determinado pelo trabalho, sua expressão social e seu caráter são determinados pelo "caráter humano geral do trabalho". (MARX, 2008, pág.86) A forma geral do valor e a forma de equivalente particular desvelam as limitações da forma extensiva do valor relativo, portanto desvelam a substancialidade do valor enquanto determinação qualitativa inerente ao trabalho humano em geral. Apenas através da forma geral do valor, os defeitos da forma extensiva do valor relativo são corrigidos e a forma de equivalente também é suprassumida.

A forma geral do valor é a forma implícita presente numa equação de valor e que se desenvolve a partir do suprassumir das contradições entre as diversas formas do desenvolvimento do valor. Portanto, a forma geral do valor é a forma comum de manifestação do valor das mercadorias em geral, forma capaz de expressar a igualdade qualitativa entre as expressões de valor. Dessa forma, Marx define a forma geral de valor como uma forma simples e comum inerente ao aspecto substancial e qualitativo das mercadorias:

> As mercadorias expressam, agora, seus valores de maneira simples, isto é, numa única mercadoria e de igual modo, isto é, na mesma mercadoria. É uma forma de valor simples, comum a todas as mercadorias, portanto, geral.
>
> As formas *A* e *B* chegaram apenas a expressar o valor de uma mercadoria como algo diverso do próprio valor-de-uso ou do seu corpo.

> A forma *A* proporciona equações como: 1 casaco = 20 metros de linho, 10 quilos de chá = ½ tonelada de ferro etc. O valor do casaco, na expressão, é igual ao do linho; o do chá, igual ao do ferro. Mas, igual ao do linho e igual ao do ferro, expressões do valor do casaco e do chá, são tão diferentes quanto linho e ferro. É claro que essa forma só funciona praticamente em estágios primitivos, quando os produtos do trabalho se transformam em mercadoria através da troca fortuita, ocasional. (MARX, 2008, pág.86)

As formas A e B tornam-se valores diferentes do próprio corpo, mas não conseguem efetivar a igualdade substancial entre tais valores-de-uso convertidos em valores. Por outro lado, a forma mais simples de valor é a forma geral capaz de expressar valor de maneira simples, portanto de expressar a totalidade do valor das mercadorias numa única mercadoria. Não se trata de expressar apenas o valor de forma diferente do corpo de um valor-de-uso, mas de expressar essa diferença enquanto a totalidade do mundo das mercadorias, através da expressão de valor de uma mercadoria. Numa única mercadoria, expressam-se várias mercadorias de igual modo; as mercadorias expressam a igualdade qualitativa do valor de maneira simples e geral numa expressão de valor. A universalidade do valor é sua simplicidade que, através de uma mercadoria, consegue expressar o mundo das mercadorias. São as próprias mercadorias que expressam seu valor e, por conta disso, conseguem se expressar de forma simples e geral. A forma de valor comum expressa a substancialidade que suprassume as contradições entre valor e corpo de valor através da forma geral do valor, e não apenas através da relação simples de valor.

Marx compara a forma simples geral do valor com estágios primitivos da troca, e tal comparação demonstra o movimento dialético do valor e o suprassumir das formas iniciais de troca. A forma geral do valor reflete os movimentos mais amplos e sociais do valor, e não apenas a relação simples de valor, ou seja, a forma geral supera os estágios primitivos da formação do valor através do mundo efetivo das mercadorias. A forma A não representa a forma completa do valor, nem a totalidade do circuito que somente a forma geral do valor pode efetivar. Expressar valor enquanto algo diferente do próprio corpo consiste na efetividade da relação de valor, efetividade que se torna possível com a conversão do corpo do valor em forma-valor, ou seja, em algo diferente da forma física do valor-de-uso a partir da forma geral do valor. A mercadoria que expressa a forma-valor não expressa apenas uma quantidade de valor no interior da relação simples de valor, mas a relação de igualdade entre as

mercadorias a partir da forma geral da mercadoria. Porém, a forma geral do valor nasce da relação entre a forma extensiva do valor relativo e a forma equivalente particular.

A forma geral do valor representa, portanto, a superação dos estágios primitivos de troca, e Marx descreve tal superação através das diversas formas e momentos do circuito do valor. A contradição entre a forma comum de valor e a forma de equivalente particular gera a forma extensiva do valor relativo:

> A forma *B* distingue o valor de uma mercadoria do próprio valor-de-uso, de maneira mais completa que a primeira. Com efeito, o valor do casaco revela-se em todas as formas possíveis, iguala-se ao linho, ao ferro, ao chá, enfim, a toda mercadoria menos o casaco. Além disso, fica diretamente excluída toda forma comum de valor das mercadorias, pois, na expressão de valor de cada mercadoria, todas as demais mercadorias aparecem apenas sob a forma de equivalente. A forma extensiva do valor só ocorre realmente quando um produto de trabalho, gado, por exemplo, é trocado por outras mercadorias diferentes, não excepcionalmente, mas já em caráter habitual.
>
> A forma que aparece depois, *C*, expressa os valores do mundo das mercadorias numa única e mesma mercadoria, adrede separada, por exemplo, o linho, e representa os valores de todas as mercadorias através de sua igualdade com o linho. Então, o valor de cada mercadoria, igualado ao linho, se distingue não só do valor-de-uso dela, mas de qualquer valor-de-uso, e justamente por isso se exprime de maneira comum a todas as mercadorias. Daí ser esta a forma em que primeiro relaciona as mercadorias, como valores, umas com as outras, fazendo-as revelarem-se, reciprocamente, valor-de-troca. (MARX, 2008, pág.86)

As mercadorias, ao expressar sua igualdade com o linho, não se expressam a partir de um corpo do valor, ou seja, elas representam um estágio da evolução do valor em que o mundo das mercadorias se expressa numa única mercadoria. Expressar valor numa única mercadoria significa dizer que o mundo das mercadorias se expressa através dessa única mercadoria. Na forma extensiva do valor relativo, a forma equivalente particular ainda ocupa um papel determinante, porém a forma geral do valor não encontra no corpo do valor um obstáculo para a expressão geral do valor. A cisão entre corpo do valor e valor encontra, na forma geral do valor, a efetividade da conversão de todas as mercadorias em valor, mas, para isso, é preciso passar pela forma extensiva do valor.

As formas do valor encontram na forma extensiva do valor relativo um novo estágio do desenvolvimento do valor e um caminho para a forma geral do valor. Cabe a forma B distinguir o valor do valor-de-uso de modo mais efetivo que a forma A, algo que apenas a forma C pode efetivar. Ao afirmar que o valor do casaco se revela em todas as formas possíveis, Marx está afirmando a influência da forma equivalente de valor sob a forma extensiva do valor relativo. Nesse caso, o casaco não se iguala a si porque ele é o corpo do valor em oposição ao valor; o casaco se revela em várias mercadorias menos em si próprio. O caráter habitual das trocas confirma a efetividade da forma extensiva de manifestação do valor relativo e supera a forma B, em que a forma equivalente ocupa um lugar central na trajetória do valor. Paradoxalmente, quanto mais o valor se afasta do valor-de-uso, mais ele se efetiva enquanto expressão da substancialidade do trabalho humano geral.

O desenvolvimento do valor é a efetividade de sua conversão em forma-valor, mas essa conversão não representa a negação do elemento substancial que torna possível o valor enquanto expressão do trabalho humano. Quanto mais próximo da forma geral do valor, mais o valor se afasta da forma física do valor-de-uso e se constitui enquanto forma-valor sem negar a substancialidade inerente ao próprio valor. A forma extensiva do valor relativo desvela a determinação da forma equivalente sobre a expressão de valor das mercadorias, mas essa condição do valor representa apenas um momento ou forma que antecede a forma geral do valor. A forma B descrita por Marx representa a transição para a forma geral do valor, ou seja, a forma C é a forma efetiva do movimento dialético do valor ao expressar o mundo efetivo das mercadorias.

A igualdade do linho consigo desvela a efetividade da conversão do corpo do valor em valor, a efetividade da distinção entre a forma física do valor-de-uso e a forma imaterial da forma-valor. Nesse caso, o valor-de-troca não se confunde com mera expressão quantitativa de valor, mas com a totalidade do circuito dialético do valor através da forma geral de valor. A forma geral do valor e a forma-valor representam, portanto, a efetividade social do valor. A efetividade do valor pressupõe vários estágios do desenvolvimento do valor, estágios descritos por Marx através de formas que expressam o suprassumir das contradições do valor. A transição para a forma-valor depende da unidade entre as formas sociais do desenvolvimento do valor e a expressão simples de valor. Nesse sentido, a conversão para a forma-valor depende

da unidade e contradição entre a forma extensiva do valor relativo e a forma de equivalente particular. Os estágios primitivos de troca são substituídos pelo caráter habitual da forma equivalente que se amplia através do caráter extensivo do valor relativo e da forma equivalente particular. A forma geral do valor emerge como totalidade das mercadorias e enquanto forma social da relação efetiva entre as mercadorias.

O valor-de-troca e a expressão de valor representam processos mais amplos em que o valor, embora separado do valor-de-uso, não deixa de expressar a substancialidade do trabalho encarnado nos próprios valores-de-uso, logo valor-de-troca e expressão de valor não representam oposições aos movimentos gerais e substanciais do valor. O que há de substancial no valor-de-uso não deixa de subsistir na forma-valor enquanto efetividade daquilo que há de substancial no valor-de-uso ou naquilo em que ele se converte. A mercadoria que representa o valor não representa um valor-de-uso particular, mas a relação de valor qualitativamente determinada através da forma geral do valor. Não se trata de uma quantidade de valor abstraída de determinações qualitativas e sociais sem as quais tal quantidade de valor não poderia existir.

O valor-de-troca pode prescindir do corpo do valor sem comprometer a substancialidade do valor. A oposição valor-de-uso e valor-de-troca não determina o circuito geral da constituição do valor ou a forma geral do valor, mas apenas o aparecer fenomênico da relação de valor. O valor-de-troca diante da forma geral do valor representa o suprassumir da contradição entre valor-de-uso e valor-de-troca, ou seja, entre o valor e o corpo do valor. Ao se revelarem como valores-de-troca, as mercadorias desvelam a forma geral do valor enquanto relação substancial de valor entre as mercadorias e o valor-de-troca. Vários valores-de-uso se expressam por meio do valor-de-troca a partir da igualdade entre eles, mas essa igualdade é a substância de valor que não pode ser reduzida a uma oposição exterior entre valor-de-uso e valor-de-troca. Apenas através da forma geral do valor é possível estabelecer uma relação entre valor-de-uso e valor-de-troca sem comprometer a substância do valor que constitui a fonte do valor e de sua forma geral. A forma geral do valor é, dessa forma, a existência social das mercadorias:

> As duas formas anteriores expressam o valor de cada mercadoria isolada, seja numa única mercadoria de espécie diversa, seja numa série de mercadorias diferentes. Em ambos os casos, assumir uma forma de valor é, por assim dizer, negócio privado de cada mercadoria, onde não há participação das outras, que desempenhavam, em confronto com ela, o papel meramente passivo de equivalente. A forma geral do valor, ao contrário, surge como obra comum do mundo das mercadorias. O valor de uma mercadoria só adquire expressão geral porque todas as outras mercadorias exprimem seu valor através do mesmo equivalente, e toda nova espécie de mercadoria tem de fazer o mesmo. Evidencia-se, desse modo, que a realidade do valor das mercadorias só pode ser expressa pela totalidade de suas relações sociais, pois essa realidade nada mais é que a "existência social" delas, tendo a forma do valor, portanto, de possuir validade social reconhecida. (MARX, 2008, pág.88)

A expressão geral do valor depende de um único equivalente para a expressão do conjunto das mercadorias. Dessa forma, o valor não é um fenômeno isolado da realidade social, mas expressão da totalidade social — conforme explica Marx n'*O capital*, expressão do mundo das mercadorias. A expressão geral que o valor representa é a expressão geral do conjunto das mercadorias em relação com a totalidade social. Não basta expressar a mercadoria de forma isolada, é preciso expressar a relação da mercadoria com o conjunto das relações sociais, ou seja, a existência social do conjunto das mercadorias. A forma de expressão da mercadoria é o resultado das formas sociais de manifestação das mercadorias, formas que evoluem e se transformam na existência social das mercadorias enquanto formas de expressão do mundo das mercadorias. A relação de valor se contém no mundo das mercadorias e, por isso, não pode possuir nenhum elemento exterior à forma geral do valor. Ao expressar a totalidade das mercadorias, a forma de valor expressa o caráter social da forma geral de valor e não as manifestações privadas das formas primitivas de valor.

A relação de valor é uma relação social que expressa a relação entre as mercadorias através da forma geral de valor. A passividade da forma equivalente cede lugar ao complexo mundo das mercadorias, em que o caráter privado delas é suprassumido através da forma geral do valor. Nesse sentido, a forma geral do valor suprassume a determinação meramente quantitativa da expressão do valor e a passividade da forma equivalente de valor. A forma equivalente não pode substituir a totalidade das relações sociais que, ao contrário, determina que as mercadorias se expressem por meio de um único valor equivalente. Portanto, a totalidade das

espécies de mercadorias representa a totalidade das relações sociais das mercadorias, totalidade que permite a existência do valor-de-troca enquanto síntese das diversas formas de manifestação do valor.

O equivalente através do qual as mercadorias assumem a forma geral de valor não se encontra em oposição ao valor-de-troca. Ao contrário, tal equivalente expressa a relação social das mercadorias, ou melhor, expressa a relação social entre as espécies das mercadorias. Marx descreve a igualdade qualitativa e quantitativa entre as mercadorias nos seguintes termos:

> Igualadas, agora, ao linho, todas as mercadorias revelam-se não só qualitativamente iguais, como valores, mas também quantitativamente comparáveis, como magnitudes de valor. Espelhando-se num mesmo e único material, em linho, essas magnitudes, por seu lado, se medem mutuamente. Por exemplo, 10 quilos de chá = 20 metros de linho, e 40 quilos de café = 20 metros de linho. Logo, 10 quilos de chá = 40 quilos de café. Ou 1 quilo de café contém ¼ de substância do valor, o trabalho, contida em 1 quilo de chá.
>
> A forma geral do valor relativo do mundo das mercadorias imprime à mercadoria eleita equivalente, o linho, o caráter de equivalente geral. Sua própria forma natural é a figura comum do valor desse mundo, sendo, por isso, o linho diretamente permutável por todas as outras mercadorias. Considera-se sua forma corpórea a encarnação visível, a imagem comum, social, de todo trabalho humano. O trabalho têxtil, o trabalho privado que produz linho, ostenta, simultaneamente, forma social, a forma de igualdade com todos os outros trabalhos. As inumeráveis equações em que consiste a forma geral de valor equiparam, sucessivamente, ao trabalho contido no linho qualquer trabalho encerrado em outra mercadoria e convertem, portanto, esse trabalho têxtil em forma geral de manifestação do trabalho humano sem mais qualificações. Assim, o trabalho objetivado no valor da mercadoria é representado não só sob o aspecto negativo em que se põem de lado todas as formas concretas e propriedades úteis dos trabalhos reais; ressalta-se, agora, sua própria natureza positiva. Ele é, agora, a redução de todos os trabalhos reais a sua condição comum de trabalho humano, de dispêndio de força humana de trabalho. (MARX, 2008, pág.88)

A determinação quantitativa do valor não deixa de ser a confirmação da qualidade comum inerente às mercadorias através da forma geral do valor. A determinação quantitativa do valor, através da forma relativa geral, afirma a qualidade igual do valor inerente ao mundo das mercadorias. Enquanto valores, as mercadorias só podem existir diante da determinação quantitativa expressa através da forma geral do valor, mas tal determinação confirma a substância comum e igual inerente aos

aspectos qualitativos do valor. A comparação entre magnitudes de valor confirma a qualidade comum dos valores e representa a efetividade do mundo das mercadorias através da efetividade do valor. Quanto mais se amplia a comparação dos valores, mais se afirma a substância comum que a determinação quantitativa do valor contribui para desvelar. A determinação quantitativa do valor faz parte do movimento substancial do valor e não deixa de expressar o mundo das mercadorias através da expressão de valor.

A forma geral do valor relativo engendra, através de uma mercadoria, o caráter de equivalente geral. Desse modo, a forma natural do valor relativo torna-se o equivalente geral capaz de expressar, em sua corporalidade, a substancialidade do mundo das mercadorias e de encarnar o trabalho humano e social. As mercadorias se revelam iguais por meio de uma expressão quantitativa, mas tal expressão representa a efetividade do mundo das mercadorias e da substância que torna a igualdade entre elas possível. A forma relativa geral torna-se o equivalente que suprassume a cisão entre as formas do valor, ou seja, entre a forma relativa e a forma equivalente de valor. A forma equivalente particular deixa de existir em função da forma equivalente geral, e a forma natural da forma relativa geral torna-se a forma geral do valor. Diferente do corpo do valor, a forma natural da forma relativa de valor não se encontra em oposição com o valor; ao contrário, a forma natural da forma relativa e o valor se encontram em unidade através da forma geral do valor. A forma relativa geral e o equivalente geral representam a unidade através da qual a forma geral do valor se efetiva.

A forma natural do linho enquanto forma relativa e o mundo das mercadorias encontram-se numa unidade capaz de encarnar o trabalho tanto socialmente quanto visivelmente. A forma relativa do valor torna-se a forma relativa do mundo do valor, enquanto a forma equivalente torna-se o equivalente geral, e não um corpo do valor conforme a forma equivalente particular representa. A forma natural do valor relativo geral e o equivalente geral se confundem na forma geral do valor, ou seja, a forma geral do valor relativo e a forma natural da mercadoria se confundem a partir do equivalente geral. A mercadoria torna-se o equivalente geral sem entrar em contradição com sua própria forma natural; desse modo, o trabalho que a forma natural do valor relativo encarna se revela no corpo material da mercadoria sob a forma geral do valor. A natureza positiva do trabalho social é desvelada na forma geral

do valor através da unidade entre forma natural da mercadoria e a encarnação do trabalho social que a mercadoria desvela.

O trabalho encarnado nas mercadorias se desvela enquanto trabalho social em oposição ao trabalho concreto. A forma geral do valor é também a forma geral do trabalho social, ou seja, o trabalho humano se desvela a partir de sua condição comum e humana e não mais através da divisão social do trabalho. Esse desvelar da condição do trabalho permite a reconstituição da substância humana do trabalho enquanto fonte do valor e também enquanto dispêndio de força humana do trabalho. A forma geral do valor torna-se também forma de manifestação do caráter positivo do trabalho e de sua condição comum objetivamente reconhecida. A forma social do trabalho é a forma objetivada nas mercadorias e que só pode ser desvelada a partir da forma geral do valor. Todos os trabalhos se encontram na forma social do trabalho e são, portanto, equiparados enquanto algo comum e igualados qualitativamente. Todos os trabalhos são manifestações do trabalho humano, e tal condição humana comum é o que se desvela a partir da forma geral do valor.

O trabalho comum socialmente igualado é o que se desvela a partir do mundo das mercadorias. A forma geral da mercadoria só é possível diante da manifestação do caráter comum do trabalho ou do trabalho social. A forma social do trabalho desvela o trabalho encarnado enquanto algo objetivo e comum, algo que se revela através da forma geral do valor enquanto forma social e humana sem as dicotomias inerentes ao trabalho concreto. A positividade do trabalho social consiste na unidade que ele representa, unidade que desvela o caráter humano do trabalho e, consequentemente, dos processos objetivos que ele engendra. O dispêndio de força humana através do trabalho torna-se evidente na medida em que os diversos trabalhos se reduzem à condição comum do trabalho humano, e tal dispêndio de força representa a forma social do trabalho enquanto forma comum e substancial ao mesmo tempo.

O equivalente geral passa a desvelar não somente o corpo natural dos valores-de-uso em unidade com o valor, mas também o dispêndio de força humana enquanto fundamento do mundo das mercadorias. O corpo natural do equivalente geral desvela, enquanto figura e imagem comum, o valor e o trabalho a partir da unidade substancial que eles representam diante do mundo das mercadorias. A contradição entre trabalho abstrato e trabalho concreto encontra no trabalho comum e social o elemento positivo do trabalho porque é o dispêndio de força humana que se desvela diante do mundo

das mercadorias. A forma geral do valor não pode prescindir do trabalho social no interior do equivalente geral enquanto algo inerente ao mundo das mercadorias. O trabalho encarnado nas coisas não se oculta através da efetividade da forma geral do valor; ao contrário, as diversas formas de trabalho se reduzem à condição de trabalho comum, tendo em vista a constituição substancial do próprio valor enquanto forma geral.

A efetividade qualitativa do valor é produto da manifestação social do trabalho e de sua condição comum. Os movimentos dialéticos do valor representam as transformações das formas do trabalho até sua manifestação enquanto trabalho comum. Mas o dispêndio de força humana não se oculta através da forma geral de valor; ao contrário, a natureza positiva do trabalho se desvela enquanto fundamento do mundo das mercadorias e da forma geral do valor. As determinações quantitativas e qualitativas do valor dependem do trabalho, e este emerge, ao fim do processo, com sua natureza positiva ao manifestar-se enquanto substância humana criadora do valor. Nesse sentido, o trabalho comum e seu caráter positivo permitem estabelecer um elo entre o valor e o dispêndio de força humana. Não existe valor sem o trabalho humano, e não existe trabalho sem o dispêndio de força humana. O mundo das mercadorias que se desvela enquanto forma geral do valor é aquele cuja manifestação depende do desvelamento do trabalho humano enquanto criador da substância do valor. Enquanto figura do valor do mundo das mercadorias, o equivalente geral é a figura comum que expressa a igualdade do trabalho e do valor enquanto forma geral do valor. A forma corpórea das coisas e o valor se relacionam através da condição comum do trabalho social que se desvela de forma positiva e social ao mesmo tempo. A encarnação visível do trabalho é a efetividade do valor enquanto equivalente geral e corpóreo, na medida em que todas as formas de trabalho se igualam socialmente através da figura do valor. A abstração das formas concretas e úteis do trabalho passa a desvelar, por meio da forma geral do valor, a natureza positiva da condição comum do dispêndio de forma humana. Nesse sentido, Marx afirma que:

> A forma geral do valor, que torna os produtos do trabalho mera massa de trabalho humano sem diferenciações, mostra, através de sua própria estrutura, que é a expressão social do mundo das mercadorias. Desse modo, evidencia que o caráter social específico desse mundo é constituído pelo caráter humano geral do trabalho. (MARX, 2008, pág.88)

A massa indiferenciada de trabalho humano é o que se desvela através da forma geral do valor. Tal massa indiferenciada é o produto do trabalho e, portanto, representa o fundamento das mercadorias e de seu mundo. Desvelar tal massa de trabalho indiferenciada inerente aos produtos do trabalho humano é em que consiste a forma geral do valor enquanto expressão do mundo das mercadorias ou dessa própria massa indiferenciada do trabalho humano. Nesse sentido, o mundo das mercadorias é o mundo do trabalho geral humano que se manifesta através de seus produtos, seja enquanto mercadorias, seja enquanto massa indiferenciada de trabalho humano e social. No início de *O capital*, Marx chega a definir as mercadorias através das seguintes expressões: *warenmasse* e *warenkörper*, formas de manifestação das mercadorias socialmente produzidas pelo trabalho humano. Portanto, a forma geral do valor aproxima tais formas de manifestação das mercadorias através do elemento comum e indiferenciado do trabalho social e da corporalidade do equivalente geral. O mundo das mercadorias se expressa socialmente através da forma geral do valor, mas, para isso, o trabalho precisa ser desvelado também como uma expressão social ou enquanto condição comum de trabalho social.

Conclusão

Mostramos, por meio da relação de valor, que os objetos da troca revelam a natureza substancial do valor e, ao mesmo tempo, o movimentar-se conceitual do valor através das categorias antagônicas que encontram no valor a suprassunsão das contradições imanentes ao movimentar-se do valor. O duplo caráter da mercadoria no interior da relação de valor desvela oposições na trajetória dialética do valor através das quais podemos observar a exteriorização do valor, seu vir a ser e retorno ao seu elemento substancial, ao seu conceito e ao seu momento efetivo. Os aspectos contingentes e exteriores ao valor são suprassumidos na relação de valor, e a natureza do valor se revela como processo e movimento circular. Os valores-de-uso, ao portar valor, portam o movimento material do valor, o movimento entre a matéria e o valor, entre o corpo do valor e as formas do valor.

Ao contrário do valor-de-troca, o valor-de-uso é um veículo material relacionado ao aspecto material da coisa e, também, ao movimentar-se dessa coisa na relação de valor enquanto coisa material. A partir do movimento dialético do valor, podemos observar o surgimento do corpo do valor, ou seja, a negação da expressão abstrata do valor. O veículo do valor é o transporte do valor para o seu elemento interno, para a relação de valor e para a efetividade do valor enquanto substância homogênea que superou dialeticamente as contradições de seu próprio movimento. Dessa forma, o valor é uma relação que consiste em suprassumir as contradições do movimento do valor tendo em vista a sua efetividade concreta e substancial. Não prender-se ao que a mercadoria representa em sua exterioridade é o que Marx tenta desenvolver a partir da exposição do movimento dialético do valor, ou seja, Marx procura demonstrar que as ambiguidades e contingências inerentes ao movimento do valor fazem parte de seu exterior e não do interior da relação de valor. Para superar as aparências do valor, é preciso que a relação de valor deixe de ser reduzida ao valor-de-troca, ou melhor, é preciso que o próprio valor-de-troca torne-se um elemento imanente ao próprio valor e não algo exterior ao valor.

Valor-de-uso e valor-de-troca surgem do duplo caráter do valor, e a oposição entre eles deve ser superada em função da efetividade da relação de valor. O duplo caráter da mercadoria e do valor tem a função de colocar o valor e a mercadoria numa relação de valor, relação em que a forma-valor passa a representar a síntese dos

movimentos contraditórios da constituição do valor até alcançar a forma-mercadoria. O valor não surge por acaso, ele representa uma relação entre coisas opostas e contraditórias entre si, entre o material e o imaterial, entre a forma e a matéria. Essa divisão que o duplo caráter da mercadoria engendra serve para desvelar o movimento dialético do valor no interior da relação de valor, e jamais para ocultar ou preservar os aspectos contraditórios e exteriores ao percurso dialético do valor. O valor é o produto da relação do valor, e não das ambiguidades do valor; um produto da substancialidade inerente ao próprio valor, e não dos elementos abstratos e exteriores.

O corpo do valor é produto da relação de valor, ele nasce de uma relação em contraposição aos aspectos exteriores do valor, como o valor-de-troca e a aparência sensível das coisas. Na relação de valor, o corpo do valor é a referência através da qual o interior e o exterior da relação passam a ser delimitados em função da forma-valor ou da efetividade da própria relação de valor. Essa objetividade do valor não é imediata, porém socialmente constituída. A superação da imediatez do valor é um processo que se efetiva por meio da relação entre o valor e o trabalho, entre as formas do valor e as formas do trabalho. Para que o valor-de-uso se torne valor-de-uso social, o trabalho necessita transformar-se através da lógica da produtividade e constituir-se enquanto força de trabalho criadora de valor-de-uso social.

O que distingue o linho do casaco numa relação de valor são as formas do valor, mas essas formas são possíveis graças aos valores-de-uso enquanto mercadorias que possuem duplo caráter. As formas opostas de valor desvelam o corpo do valor e, por conseguinte, o trabalho como substância do valor. O corpo do valor desvela a diferença entre valor-de-uso e valor-de-troca, logo o valor não pode ser reduzido a uma expressão de valor ou ao aspecto exterior da relação de valor. Entretanto, no início da relação de valor a expressão de valor representa o oposto do corpo do valor e, por isso, representa algo exterior ao valor ou ao corpo do valor. O corpo do valor, em oposição ao valor, transforma a relação de valor em algo corpóreo através da forma equivalente de valor. Nesse sentido, a relação de valor suprassume a contradição entre expressão de valor e corpo do valor através da forma-valor.

O corpo do valor é o interior da relação de valor e não o seu exterior, ele é o oposto daquilo que se encontra fora da relação de valor, ou seja, o oposto da forma relativa do valor ou do valor-de-troca. O duplo caráter da mercadoria se desfaz na

relação de valor, e o corpo do valor passa a converter a relação de valor em forma-valor. A dicotomia entre valor-de-uso e valor-de-troca converte-se em forma-valor a partir da relação de equivalência entre as mercadorias, isto é, a partir da corporalidade do valor e da relação de valor tendo em vista a efetividade da forma-valor. O valor-de-troca não pode prosseguir na relação de valor enquanto algo exterior ao valor. A cisão entre valor-de-uso e valor-de-troca é suprassumida no elemento corpóreo do valor, e a efetividade da relação de valor depende desse movimentar-se material dos valores-de-uso enquanto elementos imanentes ao valor, e não enquanto determinações quantitativas externas ao valor ou ao corpo do valor. Isso quer dizer que as formas do valor não são formas exteriores aos valores-de-uso no interior de uma relação de valor. Tais formas entram em contradição em função da materialidade dos valores-de-uso e, ao mesmo tempo, da forma-valor.

O valor-de-uso é uma abstração que nasce do duplo caráter da mercadoria, e o corpo do valor, ao nascer dessa abstração representada pelo valor-de-uso, não deixa de ser também uma abstração. Porém, tal abstração que representa o corpo do valor não pode ser confundida com o valor-de-troca nem tampouco com uma determinação limitada ao aspecto quantitativo da mercadoria. A constituição do corpo do valor representa a negação da expressão de valor, mas não do conteúdo material oriundo do duplo caráter da mercadoria. Na relação de valor, existe o corpo do valor e o elemento exterior ao corpo do valor, representado pela expressão de valor. No entanto, o valor-de-troca, por representar um elemento necessário da relação de valor, não pode permanecer nessa condição puramente exterior à efetividade da relação de valor. Tal determinação quantitativa que o valor-de-troca representa precisa converter-se ao elemento substancial do valor presente na relação de valor.

Somente com o corpo do valor temos a separação entre o interior e o exterior da relação de valor. Tal separação serve para afirmar o conteúdo substancial do valor em contraposição ao caráter abstrato da expressão de valor. Enquanto transporte material do valor, o valor-de-uso transporta o corpo do valor, e, desse modo, o próprio valor-de-uso se afirma enquanto conteúdo e veículo do valor. Não é a expressão de valor que se afirma enquanto conteúdo abstrato de valor, mas o valor-de-uso enquanto veículo capaz de transportar a expressão de valor para o interior da relação de valor e, dessa forma, transformar substancialmente o valor-de-troca em conteúdo

interno da relação de valor. Na medida em que o corpo do valor se desenvolve, a expressão de valor torna-se exterior ao valor, porém a relação de valor necessita da conversão da forma do valor em algo interno ao valor, a fim de que a forma-valor se efetive em unidade com o corpo do valor.

A expressão de valor é o gérmen da relação de valor que se desenvolve em contraposição ao corpo do valor. Ao se tornar exterior à relação de valor, ela retorna a essa mesma relação para que se efetive a forma-valor. Quando o antagonismo das formas do valor é superado, a expressão de valor passa a representar o que ficou no lado exterior à relação de valor, mas a forma-valor representa a unidade das determinações quantitativa e qualitativa do valor. Por conta disso, a expressão do valor necessita regressar ao interior da relação de valor. O veículo material do valor necessita do valor-de-troca para afirmar-se como movimento dialético do valor capaz de suprassumir a diferença entre valor-de-uso e valor-de-troca, em função da efetividade da forma-valor. O giro circular do valor envolve a expressão de valor e o corpo do valor num movimento dialético entre formas e matérias, entre quantidades e qualidades. O valor encarnado no corpo das mercadorias se movimenta através do valor-de-uso e do valor-de-troca, mas tal movimento é o interior da relação de valor que suprassume o valor-de-troca para se afirmar materialmente e dialeticamente.

Exprimir o valor representa uma necessidade da relação de valor até que a expressão e o que é expresso passam a constituir uma unidade por meio da forma-valor. Somente o corpo do valor consegue transformar em unidade a expressão e seu conteúdo substancial, ou seja, o valor enquanto unidade substancial das formas do valor. No corpo do valor, as formas superam a contradição inicial da relação de valor na medida em que a forma-valor é engendrada. Nesse sentido, a unidade substancial do valor se converte na forma-valor a partir do corpo do valor ou da substancialidade da relação de valor. O movimento das formas do valor coincide com a homogeneidade da substância do valor. Esse transitar do valor entre formas do valor representa o movimento do veículo do valor, logo um movimentar-se do transporte material do valor enquanto algo imante ao valor. O valor surge enquanto corporalidade e se transforma em corpo, através da forma equivalente de valor, e em forma definitiva do valor, através da forma-valor. O valor é uma relação, e não uma abstração; ele tem um corpo

que existe em função de uma relação de valor, e o que ele expressa é essa relação corpórea, e não uma quantidade abstrata ou metafísica.

O valor não é apenas o corpo do valor, mas também a forma-valor. Nesse sentido, o que se expressa por meio do valor é o corpo que não se reduz à expressão de valor e, por isso, o corpo ganha forma e se transforma na forma-valor. A determinação quantitativa do valor contribui para a forma-valor, mas, para isso, ela não pode prescindir do movimento dialético que envolve o corpo do valor e sua transformação em forma-valor. O valor se expressa através do corpo do valor, e somente por meio dele a expressão de valor pode ser incorporada à relação de valor. A relação de valor é, portanto, uma relação corpórea, e a expressão de valor representa apenas um momento dessa relação, e não a sua totalidade. Na medida em que a expressão de valor torna-se o exterior dessa relação, ela se transforma em algo que suprassume o aspecto meramente quantitativo da expressão de valor ou da forma do valor. Ao se tornar algo exterior, a expressão de valor transforma-se ao mesmo tempo numa necessidade dessa relação, ela perde seu caráter abstrato e torna-se um elemento necessário da relação de valor através do qual a forma-valor se efetiva.

A transformação da expressão de valor é a transformação das formas do valor em geral, representa a transformação da relação de valor em forma-valor, ou seja, na forma efetiva do valor. A saída e o retorno da expressão de valor diante da relação de valor atestam o caráter circular da relação de valor. A forma-valor atesta que tanto o corpo do valor quanto a expressão de valor são momentos necessários de uma mesma relação, que a saída da expressão de valor se dá diante da materialização da relação de valor através do corpo do valor. Dessa forma, o retorno da expressão de valor é o retorno ao corpo do valor, e, ao retornar à relação de valor, a expressão de valor torna-se algo tão necessário quanto o corpo do valor, ou seja, representa uma necessidade da corporalidade da expressão de valor enquanto efetividade da forma-valor. Esse retorno da expressão de valor à relação de valor é determinado qualitativamente pela substancialidade do próprio valor; assim, o dentro e o fora da relação de valor são determinados pela própria relação de valor que se afirma substancialmente através da unidade entre as determinações quantitativa e qualitativa do valor. Portanto, a expressão de valor não é o centro da relação de valor, mas algo

exterior que só pode retornar à relação de valor através do elemento corpóreo do valor ou do suprassumir das contradições inerentes às formas do valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *Dialética negativa.* Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.

ALTHUSSER, Louis. *Initiation à la philosophie pour les non-philosophes.* Paris: Presses Universitaire de France, 2014.

ANTUNES, Jadir. *Marx e o fetiche da mercadoria* – Contribuição à crítica da metafísica. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ARTHUR, Cristopher. *A nova Dialética*. São Paulo: Edipro, 2016.

BARATA-MOURA, José. *Materialismo e subjetividade*. Lisboa: Avante, 1997.

BEISER, Frederick C. Hegel e o Problema da Metafísica. In: BEISER, Frederick C. (Org.) *Hegel.* São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2014.

BLOCH, Ernst. *Princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

DELLA VOLPE, Galvano. *A lógica como ciência histórica.* São Paulo: Edições 70, 1984.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. Prefácio da edição inglesa 1886. In: MARX, Karl. *O capital.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FAUSTO, Ruy. *O sentido da dialética:* Marx: lógica e política. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

_____. *Sur le concept de capital* – Idée d'une logique dialectique. Paris: Editions L'Harmattan, 1996.

_____. *Le capital et la logique de Hegel.* Montréal: L'Harmattan, 1997.

FEUERBACH, Ludwig. *Para a crítica da filosofia de Hegel.* São Paulo: LiberArs, 2012.

FICHTE, J. G. Sobre a diferença entre o espírito e a letra na filosofia. In: *Primeira preleção sobre o espírito e o corpo em geral.* São Paulo: Humanitas, 2014.

GIANNOTTI, J. A. *Origens da dialética do trabalho*. Estudos sobre a lógica do jovem Marx. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

GOLDSCHMIDT, Victor. *Os diálogos de Platão.* Estrutura e método dialético. São Paulo: Loyola, 2002.

GRESPAN, J. *O negativo do capital.* São Paulo: Expressão Popular-Ideias Baratas, 2012.

HEGEL, G. W. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Ciência da Lógica* – Excertos. São Paulo: Barcarola, 2011.

HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna.* São Paulo: Boitempo, 2018.

HUNT, Tristam. *Comunista de casaca.* A vida revolucionária de Friedrich Engels. Rio de Janeiro: Record, 2010

INWOOD, Michel. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1997.

JONES, Gareth Stedman. *Karl Marx – Grandeza e ilusão.* São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LOSURDO, Domenico. *A hipocondria da antipolítica*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2014.

_____. *Hegel, Marx e a tradição liberal*. São Paulo: UNESP, 1997.

LUKÁCS, G. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *História e consciência de classe.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional*. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Das kapital.* Düsseldorf: Anaconda, 2009.

_____. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro.* São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Nova Gazeta Renana*. São Paulo: EDUC, 2010.

_____. *Para a crítica da economia política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *A Guerra Civil na França.* São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. *Estrutura social e formas de consciência.* São Paulo: Boitempo, 2009.

MUSTO, Marcello. *O velho Marx* – Uma biografia de seus últimos anos. (1881-1883). São Paulo: Boitempo, 2018.

ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura de* O capital. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SAFATLE, Vladimir. *A paixão do negativo.* São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHMIDT, Alfred. *El concepto de naturaliza en Marx*. Madrid: Siglo XXI, 2011.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

WERLE, Marco Aurélio. *Apresentação à Ciência da Lógica*. In: *Ciência da Lógica*. São Paulo: Barcarola, 2011.